



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO  
BACHARELADO EM JORNALISMO

MAÍSA MARTINS DE ARAÚJO

**EDUCAÇÃO COMUNICATIVA:**  
UM ESTUDO DOS ASPECTOS COMUNICACIONAIS DO ENSINO PÚBLICO NA  
ESCOLA ALIANÇA DE HIDROLÂNDIA/GOIÁS

GOIÂNIA  
2022

MAÍSA MARTINS DE ARAÚJO

**EDUCAÇÃO COMUNICATIVA:**  
UM ESTUDO DOS ASPECTOS COMUNICACIONAIS DO ENSINO PÚBLICO NA  
ESCOLA ALIANÇA DE HIDROLÂNDIA/GOIÁS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Orientador: Dr. Luiz Antônio Signates Freitas.

GOIÂNIA

2022

MAÍSA MARTINS DE ARAÚJO

**EDUCAÇÃO COMUNICATIVA:**  
UM ESTUDO DOS ASPECTOS COMUNICACIONAIS DO ENSINO PÚBLICO NA  
ESCOLA ALIANÇA DE HIDROLÂNDIA/GOIÁS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Goiânia, 06 de dezembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Signates**

---

**Avaliador: Prof. Dr. Luiz Carlos Fernandes**

---

**Avaliadora: Profa. Ma. Sabrina Moreira**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à **Deus**, pela minha vida e por estar comigo em todos os momentos, principalmente me fornecendo forças para ultrapassar pelos obstáculos que me surgiram ao longo da pesquisa deste trabalho.

Em segundo, é inimaginável a gratidão que sinto pela minha mãe **Michele**, que me apoiou e incentivou ao máximo possível para que eu não desistisse quando mais me faltaram forças para continuar.

Agradeço ao meu pai **Mozart**, meu irmão **Matheus** e meu namorado **Ruan Henrique**, por estarem comigo o tempo todo, auxiliando, ensinando e me fornecendo todo carinho possível, e enfim, por serem os homens da minha vida.

Não poderia deixar de mencionar a minha gratidão ao **Romeu**, meu pequeno Pinscher, meu maior companheiro, quem esteve comigo exatamente todos os dias, e que muitas vezes foi minha fonte de força e alegria.

Agradeço aos meus amigos que sempre me ajudaram a pensar e refletir ideias para este trabalho, e para a vida em si, em especial: **Victoria Lacerda**, **Vinícius Mariano**, **Gilberto Oliveira**, **Beatriz Rodrigues** e **Kayo César**.

Agradeço aos meus professores que sempre estiveram dispostos a me ajudar e ensinar com a maior boa vontade e disponibilidade, em principais **Carolina Zafino**, **Sabrina Moreira**, **Gabriella Luccianni** e o meu orientador, que tanto me fez crescer e aprender neste último ano, **Luiz Signates**.

Também não poderia deixar de reconhecer o tanto que minha supervisora de estágio, **Marina Muniz**, foi uma divisora de águas para que eu realizasse essa pesquisa.

Muitas vezes acreditei que não conseguiria finalizar o TCC, e sempre me cobrei (até mais que o saudável) para realizá-lo do melhor jeito possível, mas foi com o apoio de todas essas pessoas citadas anteriormente, que tudo deu certo. Tão certo que sinto que o meu crescimento foi espantosamente grande, durante esse período.

*“Comunicação é o pilar mais importante da evolução humana.”*

***Heverson Barbosa***

## RESUMO

Este trabalho busca analisar as diferentes formas de perceber a Comunicação, com o foco em uma mudança de concepção (de modo de ver o seu conceito), abrangendo e ampliando a sua definição, a fim de entender as suas consequências na educação básica brasileira. Ciro Marcondes (2004, 2008, 2014, 2019) e Luiz Signates (2011, 2012, 2013, 2018, 2021) são as principais referências desta pesquisa, cujo objetivo é verificar o que há de especificamente comunicacional na relação professor-aluno dentro de uma escola básica de Hidrolândia/ Goiás. Sendo assim, foram feitas entrevistas qualitativas semiestruturadas com professores de uma escola pública, e posteriormente foram feitas observações não participantes nas aulas dos professores, com o intuito de comparar o que foi dito e o que realmente ocorre na prática sobre o que sabem e como se apropriam da comunicação na educação. Assim, é possível identificar que a educação é uma atividade inteiramente comunicacional, pois não há aprendizado sem comunicação, mas nem sempre se aprende comunicando, e esse trabalho irá discutir o porquê desse argumento. Além disso, a pesquisa também abordará o porquê de ser necessário que seja refletido o quanto é importante estudar o fenômeno comunicacional por inteiro.

**Palavras-chave:** Comunicação; Educação básica; Especificamente comunicacional; Fenômeno comunicacional na educação.

## ABSTRACT

This work looks to analyze the diverse ways of perceiving Communication, focusing on a change in conception (in the way of seeing its concept), encompassing, and expanding its definition, and its consequences in Brazilian basic education. The main objective of the research is to verify what is specifically communicational in the teacher-student relationship within a basic school in Hidrolândia/ Goiás. Ciro Marcondes (2004, 2008, 2014, 2019) and Luiz Signates (2011, 2012, 2013, 2018, 2021) are the main references of this research. To respond to the objective, semi-structured qualitative interviews were conducted with teachers from a basic school, and later non-participant observations were made in the teachers' classes, to compare what was said and what happens in class. practice about what they know and how they proper communication in education. It is possible to identify that education is an entirely communicational activity because there is no learning without communication, but one does not always learn by communicating, and this work will answer the reason for this argument. In addition, the research will also discuss why it is necessary to reflect on the importance of studying the phenomenon of communication.

**Keywords:** Communication; Basic education; Specifically communicational; Communicational phenomenon in education.

## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela 1</b> - Idades dos professores entrevistados e séries que ministram aulas. ....	31
<b>Tabela 2</b> - Categorias e subcategorias dos dados coletados nas entrevistas. ....	33
<b>Tabela 3</b> - Idades dos professores observados e séries que ministram aulas. ....	34
<b>Tabela 4</b> - Informações sobre as observações em salas de aula. ....	35
<b>Tabela 5</b> - Categorias e subcategorias dos dados coletados nas observações em sala de aula. ....	36



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>1. COMO FUNCIONAM AS CLASSIFICAÇÕES? .....</b>	<b>2</b>
1.1. Comunicação é, realmente, uma ciência social aplicada? .....	4
1.2. Comunicação como ciência básica tardia .....	7
<b>2. CONCEITOS DA COMUNICAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
2.1. Comunicação como processo social primário .....	14
2.2. Comunicação como produção de sentido .....	16
<b>3. QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA.....</b>	<b>19</b>
3.1. Comunicação e Educação .....	20
3.2. Especificamente comunicacional na relação professor-aluno .....	24
<b>4. METODOLOGIAS .....</b>	<b>30</b>
<b>5. ESTUDOS COMUNICACIONAIS DA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>37</b>
5.1. Comunicação é um instrumento? .....	37
5.2. Comunicação pode interferir na educação? .....	40
5.3. Importância da interação positiva em sala de aula .....	51
5.4. As estratégias pedagógicas estão efetivando a comunicação? .....	62
5.5. Hipóteses de um ensino educacional brasileiro defasado .....	78
5.6. Educação como parceira da comunicação .....	82
<b>6. EDUCAÇÃO COMUNICATIVA: A PRIORIDADE COMUNICACIONAL DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>93</b>
Apêndice I - Entrevistada A .....	93
Apêndice II - Entrevistado B .....	100
Apêndice III - Entrevistado C .....	106
Apêndice IV - Entrevistado D .....	112
Apêndice V - Entrevistado E .....	117

<b>Apêndice VI - Entrevistado F.....</b>	<b>123</b>
<b>Apêndice VII - Entrevistado G .....</b>	<b>128</b>
<b>Apêndice VIII - Entrevistado H .....</b>	<b>134</b>
<b>Apêndice IX - Entrevistado I.....</b>	<b>139</b>
<b>Apêndice X - 1° Observação professor A.....</b>	<b>145</b>
<b>Apêndice XI - 2° Observação professor A.....</b>	<b>149</b>
<b>Apêndice XII - 3° Observação professor A.....</b>	<b>154</b>
<b>Apêndice XIII - 4° Observação professor D.....</b>	<b>159</b>
<b>Apêndice XIV - 5° Observação professor D .....</b>	<b>162</b>
<b>Apêndice XV - 6° Observação professor D .....</b>	<b>166</b>
<b>Apêndice XVI - 7° Observação professor I .....</b>	<b>172</b>
<b>Apêndice XVII - 8° Observação professor I .....</b>	<b>176</b>
<b>Apêndice XVIII - 9° Observação professor I .....</b>	<b>180</b>
<b>Apêndice XIX - 10° Observação professor I .....</b>	<b>185</b>
<b>Apêndice XX - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....</b>	<b>190</b>

## INTRODUÇÃO

A comunicação em sala de aula pode estar sendo um obstáculo para a efetividade da educação? Esta foi a pergunta que estimulou o interesse por este estudo. O cerne desta pesquisa está em estudar as comunicabilidades na educação, bem como os processos de aprendizado movimentados pela comunicação humana. O intuito desse trabalho é servir de instrumento de reflexão e discussão nas áreas da comunicação e educação, acerca dos resultados encontrados.

Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa é verificar o que há de especificamente comunicacional na relação do educador com o educando dentro de uma escola básica de Hidrolândia Goiás, com a hipótese de que para que haja uma boa educação é necessária uma comunicação mais ampla, profunda e abrangente, não somente em seu âmbito tecnicista.

Portanto, para promover um estudo consciente sobre as interfaces Comunicação e Educação, os capítulos são estruturados da seguinte forma: no primeiro, “Como funcionam as classificações”, será feita uma síntese de como surgiram as classificações e o porquê, a fim de entender por que a comunicação é classificada como ciência social aplicada, e se essa definição é a mais adequada atualmente.

No segundo, “Conceitos da comunicação”, serão trazidos diversos conceitos de comunicação que relevam uma variedade e divergência dentre eles, principalmente conceitos que vão contra a classificação da comunicação como ciência aplicada, e por isso, também serão discutidos os porquês dessa contrariedade.

No terceiro, “Qualidade da educação brasileira”, será discutida a qualidade do ensino, mas não levando em conta os problemas sociais, econômicos e políticos do país, e sim a hipótese de que a comunicação pode interferir na efetividade do ensino, ou seja, discutirá os seus desdobramentos na educação básica brasileira.

Em seguida serão analisadas entrevistas qualitativas feitas com professores de uma escola básica de Hidrolândia, juntamente com observações não participantes em sala de aula, gerando resultados que serão comparados e analisados, a fim de compreender até que ponto o especificamente comunicacional interfere na relação professor-aluno, podendo, assim, responder à pergunta que fundamentou esta pesquisa: a comunicação em sala de aula pode estar sendo um obstáculo para a efetividade da educação?

## 1. COMO FUNCIONAM AS CLASSIFICAÇÕES?

Diante da hipótese de que a classificação da Comunicação, no contexto das ciências, não é mais suficiente e concordável, este capítulo buscará fundamentar como funcionam as classificações em geral, abordando reflexões de onde surgiram e o porquê de suas existências. Possibilitando, então, a percepção de até que ponto são estáveis e imutáveis, ou instáveis e dinâmicas e gerar ponderações sobre a pressuposição citada acima.

Assim, Byron Torres (1949) explica que a existência das classificações surgiu por conta da dificuldade do homem de se estudar cada fenômeno isolado, ou seja, a “impossibilidade de estudar isoladamente cada fenômeno leva o homem a recorrer a um meio que lhe permita reunir os objetos que apresentem caracteres comuns.”, portanto, de acordo com certos critérios, há certas classificações (TORRES, 1949, p. 19).

O argumento usado por Torres (1949) foi de que essa distribuição de classes auxilia o raciocínio do homem. O ajuda a manter uma certa organização. Assim, o autor esclarece como funcionam os critérios de definição:

Para definir, requer-se um gênero superior ao objeto em causa, e a classificação dos objetos fornece tais gêneros. Mas é necessário anotar a diferença específica, e se a classificação recolhe todos os caracteres do objeto há de conter também suas diferenças próprias, o que assegura uma definição completa (TORRES, 1949, p. 19).

Desta forma, o autor expõe que o homem equivoca ao levar em consideração apenas algumas características do objeto, pois desta forma a definição não fica especificamente correta, nomeando esse tipo de escolha como Classificação Artificial. Logo, também explica o que vem a ser o seu oposto, a Classificação Natural, que é considerar a maioria das características, senão todas, para definição. Para o autor, essa última classificação “é um valioso instrumento de trabalho que permite uma distribuição completa, uma divisão sistemática e uma ordenação adequada” (TORRES, 1949, p. 19).

Sobre as classificações, Olga Pombo (2003) também possui uma visão parecida com a de Torres, especialmente quando resume o que para ela é o classificar: é escolher uma entre outras classificações logicamente possíveis procurando encontrar, para a escolha feita, um conjunto de razões suficientes ou

seja, as classificações são baseadas em conjuntos de características semelhantes e separação das diferentes.

Assim, Pombo (2003) traz como exemplo a classificação das ciências, explicando ser uma área com muitas e diferentes propriedades, resultando em diferentes classificações. Em vista deste exemplo, sobre as diferentes classificações das ciências, Torres (1949) sintetiza as definições usadas por vários filósofos que participaram da construção de o que hoje é conhecido como as divisões da Ciência. Sem entrar nos detalhes, foram as seguintes classificações levantadas por esse autor:

- a) Aristóteles tomou como base os fins essenciais da atividade humana: ciências teóricas, práticas e poéticas.
- b) Comte, com a tese da hierarquia dos conhecimentos, apresentou uma classificação fundada na generalidade decrescente e complexidade crescente das ciências: matemáticas, astronomia, física, química, biologia e sociologia.
- c) Spencer, combatendo a classificação de Comte, dividiu as ciências, inicialmente, em dois grandes grupos: as que tratam das formas sob as quais os fenômenos nos aparecem; as que tratam dos próprios fenômenos, estudados em seus elementos e em seu conjunto.
- d) Para Karl Pearson, duas classes constituem o sistema: a das Ciências Abstratas, que tratam dos modos de discriminação; a das Ciências Concretas, que tratam dos conteúdos da percepção.
- e) A classificação de Schopenhauer é baseada no princípio da razão suficiente, que estabelece relações entre os objetos conhecidos: ciências puras, "a priori", ciências empíricas, "a posteriori." (TORRES, 1949, p. 20).

Esse aglomerado de definições feita por Torres (1949) é uma forma de se refletir sobre as classificações, primeiramente no sentido de serem arbitrárias e por não serem completamente consensuais. Vale frisar que, conforme Signates (2018):

[...] toda classificação, por mais fundamentada, é sempre arbitrária, jamais absoluta e serve a propósitos vinculados aos que a constroem ou dela se utilizam. A classificação das ciências não é uma exceção, por constituir um dos hábitos da comunidade científica no sentido de Bourdieu (2005) (SIGNATES, 2018, s/p).

Conclui-se que elas não são estáveis, e sim dinâmicas, podendo mudar de acordo com tempo e espaço, porque o saber pode mudar e evoluir, concordando com a ideia de Ciro Marcondes (2019, p. 18) quando diz que, "o saber vai mudando o tempo todo, se alterando e se adaptando às condições, rejeitando formulações defasadas, ultrapassadas, e incorporando novas visões."

Olga Pombo (2003) também concorda com a dinamicidade das classificações, pois são construídas a partir de seus contextos, compreendendo que

“os domínios classificados podem ser modificados, as divisões podem ser completadas, novos critérios de classificação podem ser acrescentados (POMBO, 2003, p. 4). Principalmente, porque o mundo vive em constante mudança e transformação, isto significa que a vida não é estável, ela é dinâmica e possui uma plasticidade, mesmo que, devido à temporalidade seja difícil de perceber esse fato.

Em síntese, as classificações foram e são criadas para ajudar o homem a se organizar mais facilmente em sociedade, porém, como citado anteriormente, “toda classificação, por mais fundamentada, é sempre arbitrária, jamais absoluta.” (SIGNATES, 2018, s/p). Além disso, o mundo muda/altera/evolui constantemente, por conseguinte, as classificações também devem seguir essas transformações. Por isso, “as ciências devem contar com uma abertura a outras que não estão constituídas, estando abertas para o futuro, antecipando de alguma maneira a sua própria reestruturação” (AMPÈRE, PEIRCE apud POMBO, 2003, p. 5).

Isto posto, e em vista de como a comunicação é classificada no Brasil (ciência social aplicada), será possível considerar que essa definição não é a mais correta atualmente, e que pode ser alterada? Em seguida serão apresentadas visões sobre a Comunicação a fim de responder a esta pergunta.

### **1.1. Comunicação é, realmente, uma ciência social aplicada?**

No Brasil, a comunicação é classificada como uma ciência social aplicada, de acordo com classificações de agências como Capes e CNPq e divisões internas nas várias universidades. No entanto, assim como foi visto no tópico anterior, existem muitas formas de se classificar as ciências, então, será feita uma breve explicação das atuais divisões das ciências, mostrando onde que a comunicação se encaixa, e serão apresentadas visões de autores que discordam desta definição. O propósito aqui é perceber se esta classificação da comunicação é a mais adequada atualmente.

Para Sergio Mari (2019), a forma mais simples de organizar as ciências é dizendo que o conhecimento humano é dividido em Ciências Normativas, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Assim, de acordo com o autor:

Ciências Normativas abrangem a lógica, a ética e a filosofia. Seus conhecimentos servem como base para o desenvolvimento de outras ciências. As da Natureza buscam compreender descrever os fenômenos naturais como física, astronomia e química (MARI, 2019, s/p).

Já as Humanas, ainda segundo o autor, estudam o fenômeno humano e as coisas que são provocadas pelo homem, como por exemplo: as ciências sociais, o direito e a teologia. Ou seja, a comunicação está dentro das Ciências Sociais, por consequência faz parte das Ciências Humanas.

Além do mais, Sergio Mari (2019, s/p) segue dizendo que as Ciências podem ser puras ou aplicadas, sendo que, as puras “buscam compreender os fenômenos de modo mais geral e abrangente, já as aplicadas tratam de fenômenos objetivos e práticos da vida em sociedade”. Nesse sentido, a comunicação é classificada como uma Ciência Social Aplicada. Portanto, Sergio Mari (2019) a considera uma ciência que estuda as transformações e os efeitos que a comunicação de massa provoca na sociedade e nos indivíduos, ou ainda na mesma perspectiva, a comunicação mediada por meios de comunicação de massa.

Classificada assim, a comunicação é tratada como uma especialidade profissional ou uma simples derivação prática do conhecimento social, por isso Signates (2021) explica que essa visão da comunicação é extremamente instrumental e mercadológica. Em suma, por não levar em consideração os desenvolvimentos teóricos trazidos para a área,

não abrange essa percepção, sequer os avanços teóricos do conceito de comunicação construídos por outros campos em interface, como a sociologia (como em Thompson), a linguística (em suas várias abordagens, desde a teoria dos atos de fala até as análises conversacional e de discurso), a semiótica (como em Peirce ou Barthes), ou a filosofia social (como em Habermas e Luhmann) (SIGNATES, 2021, p. 51).

Logo, o autor não considera a comunicação como sendo somente uma ciência social aplicada, com o argumento de que, existem sim conhecimentos aplicados na ciência da comunicação, no entanto, os conhecimentos básicos possuem maior incidência. Portanto, ele diz que, “rigorosamente, a comunicação não é ciência aplicada, pois não reside na aplicação de um conhecimento científico anterior.” (SIGNATES, 2021, p. 59). Em síntese, o autor discorda da classificação da comunicação como uma ciência social aplicada.

Além de expor que para ele a comunicação não é uma ciência aplicada, explica que há um consistente estudo teórico da comunicação no campo científico brasileiro, cuja preocupação é genuinamente teórica, isto é, não se vincula à utilidade ou à aplicabilidade da comunicação no mundo. Sendo assim, esse estudo

genuinamente teórico da comunicação se desvincula da sua aplicabilidade, fugindo da concepção de uma ciência aplicada.

Outrossim, Signates (2021) cita Xavier e Almeida (2015) por defenderem que as ciências básicas e ciências aplicadas não se dividem, porque se interpenetram, não existindo “uma divisão consistente entre ambas, o que teria levado Pasteur a dizer que não há ciência aplicada; há a aplicação da ciência” (SIGNATES, 2021, p. 57). Nesse cenário, novamente indo contra à noção de comunicação como ciência aplicada.

Diante desse conflito de definições, retoma-se que toda classificação é arbitrária, e não absoluta, e nem sempre pode funcionar, “a classificação das ciências não é uma exceção.” (SIGNATES, 2021, p. 47). O autor continua dizendo que a classificação da comunicação, “a cada dia deixa de fazer sentido, diante do avanço dos estudos teóricos e epistemológicos da comunicação” (SIGNATES, 2021, p. 51). A classificação deixa de fazer sentido, principalmente, porque os seus estudos e pesquisas, como diz Signates (2013), não são focados no objeto específico da comunicação, e sim em teorias de outras áreas.

O fato de se estudar e pesquisar a comunicação baseada em teorias de outras disciplinas fez com que Signates (2011, 2012 e 2013) o intitulasse de “exogenia”, fazendo a crítica de que:

o conceito de comunicação não ocupa posição teórica central, tornando-se subjuntivo de outras teorizações ou campos do conhecimento, o que tem reduzido tanto as condições explicativas, quanto as possibilidades de desenvolvimento teórico do campo (SIGNATES, 2013, p.3).

Para Signates (2021) a comunicação deve ser considerada uma ciência geral, e não apenas dedicada aos espaços cobertos pelas instituições de mídia e suas relações. Em resumo, pode-se dizer que a classificação atual da comunicação não é a mais adequada, assim, com o avanço e atualização das teorias da própria área da comunicação, pode ser viável e relevante que a sua classificação seja transformada de acordo com sua necessidade.

Portanto, percebendo que a comunicação não se encaixa na definição de ciência social aplicada, logo a seguir, serão trazidas discussões sobre a seguinte questão, proposta por Signates (2021): “em vista de suas características teóricas e epistemológicas, bem como do contexto comunicacional contemporâneo, poderá a



comunicação ser proposta como uma ciência básica tardia?” (SIGNATES, 2021, p. 46).

## 1.2. Comunicação como ciência básica tardia

Visto que a classificação da comunicação como ciência social aplicada não é mais satisfatória, em suma devido às transformações sofridas pelo mundo e as necessidades que emergiram, Luiz Signates (2021) propõe analisar a área com hipóteses de enxergá-la como uma ciência básica tardia. Primeiramente, para que isso ocorra, é preciso que a comunicação tenha um objeto de estudo. Então, a seguir será exposto como o objeto desta área é visto, e como deveria ser, trazendo reflexões sobre a hipótese de a comunicação emergir como ciência básica.

Historicamente, é muito curto o período em que se abriram os olhos para estudar a comunicação como sendo seu próprio objeto, e não apoiada em outras disciplinas. Não obstante, a sua área tem passado, cada vez mais, por grandes transformações, até porque, como diz Marcondes (2008), as suas teorias estão estafadas.

[...] já foram tão usadas que ficam repetindo os mesmos clichês eternamente, que servem o tempo todo, apesar de desgastadas, às mesmas teses, aos mesmos ensaios, aos mesmos pesquisadores que não se cansam de reprisá-las (MARCONDES, 2008, p. 51).

Com isso, Marcondes (2014a) faz parte dos autores que mudaram os olhares dos estudos sobre a ciência da comunicação, mudando o foco de seu estudo:

até agora, a gente só se ocupou com a reverberação social das falas, das imagens, dos sons. Mas agora trata-se de mudar o jogo: estudar intensivamente esse objeto, a comunicação, isto é, o acontecimento comunicacional (MARCONDES, 2014a, posição<sup>1</sup> 50).

Para Ciro Marcondes (2014a), os estudos em comunicação não devem se restringir a “partes”, uma vez que deve ser levado em consideração o acontecimento comunicacional por inteiro. Assim, diante desse descontentamento com a

---

<sup>1</sup> O Livro eletrônico no Kindle usa as “posições” para referenciar o texto, e não as “páginas”, no entanto, a posição não varia de um livro eletrônico para o outro, portanto torna-se um referencial confiável. A vista disso, nas próximas citações em que houver a designação “posições”, refere-se a esse cenário.

classificação da comunicação, Signates (2021) também discorre que não dá mais para estudar somente recortes da comunicação, pois:

Há um comunicacional amplo, generalizado, que não se conforma às fronteiras das atividades profissionais ou às tecnologias, instrumentalidades ou instituições que historicamente foram apropriadas como tipicamente da comunicação (SIGNATES, 2021, p. 23).

Desta forma, a fim de estudar o especificamente comunicacional, surgem às indagações de qual seria o objeto de estudo da área, pois para constituir um saber, de acordo com o autor, é de fato necessário que a comunicação tenha um objeto de estudo (Signates, 2021).

Ainda Signates (2013), o objeto da comunicação é múltiplo, o que para ele, do ponto de vista epistemológico, seria o mesmo que dizer que falta um objeto. Já Ciro Marcondes diz que o objeto da comunicação é o próprio fenômeno comunicacional, “que tem sua característica própria, sua identidade no fato de ser algo inapreensível pela pesquisa empírica.” (MARCONDES, 2019, p. 18).

Para Lopes (2003), o objeto de estudo da comunicação é complexo por sua pluralidade, pois “trata-se de um objeto de estudo que não permanece estático, à disposição do olhar do pesquisador, obrigando uma postura também dinâmica por parte de quem se dispõe a examiná-lo.” (LOPES, 2003, p. 163).

Já para Laan Mendes (2003), o objeto da comunicação pode estar em vários lugares, como na “produção da mensagem, da própria mensagem, dos meios, da recepção, ou, ainda, dos efeitos da comunicação na sociedade.” (MENDES, 2003 p. 228).

Diante desses pontos de vista sobre qual é o objeto de estudo da comunicação, Braga (2011) elucida que a procura pelo seu objeto tem assombrado os pesquisadores da área, e coloca sua perspectiva acima da hipótese de que pode ser que a Comunicação surja “como uma questão tão ampla, tão presente em todas as atividades humanas – que o objeto é de certo modo inapreensível.” (BRAGA, 2011, p. 65). Essa vem a ser somente uma ideia trazida pelo autor para gerar reflexão e discussão no campo.

Portanto, mesmo pontuando essa hipótese generalizada, Braga chega à conclusão de o que para ele o objeto e objetivo dos estudos na área da comunicação é “observar como a sociedade conversa com a sociedade” (BRAGA, 2011, p. 66). Não obstante, apesar de essas conceituações basearem-se em

opiniões diferentes, essa busca pelo objeto da comunicação tem sido algo específico.

(...) é a busca pelo objeto de uma ciência que, em diálogo com os mais diferentes saberes, isto é, nos quadros de uma epistemologia dialógica – devidamente comunicacional, portanto, –, deve especificar-se como busca própria (SIGNATES, 2021, p. 14).

Essa busca pelo objeto da comunicação emerge de importantes indagações feitas em seu campo, principalmente porque, “conhecimento não surge da teoria, e sim o contrário: a teoria é que nasce da busca pelo conhecimento” como diz Signates (2013, s/p). Então para que continue o desenvolvimento de novas teorias, essas interrogações são imprescindíveis, bem como discutir e refletir as diversas ideias de qual deveria ser o objeto de estudo da comunicação, por isso, algumas delas foram citadas anteriormente.

Destarte, as questões que surgem e que são debatidas são levadas ao que se conhece por Epistemologia, que segundo Lira e Berti (2014, p.7), é “o preceito teórico que estuda as teorias ou também o estudo das teorias e suas consequências para com a formação dos campos de estudo e suas especificidades”, vem a ser “uma forma de indagar a realidade” (DUARTE, 2003, p.41 apud LIRA e BERTI, 2014, p.7). Essa indagação da realidade faz parte do aprimoramento do conhecimento.

Os autores também citam a ideia de Lucrécia Ferrara sobre epistemologia, por dizer que a epistemologia de uma ciência “apresenta os passos seguros que levam a caracterizar não só um objeto científico, mas, sobretudo os elementos que permitem reconhecê-lo” (FERRARA, 2003, p.55 apud LIRA e BERTI, 2014, p.7). Portanto, a epistemologia é relevante para a comunicação, principalmente por trazer reflexões e discussões científicas sobre suas teorias.

Assim sendo, foi visto que a forma como a comunicação é estudada, apoiando seu objeto de estudo em outras disciplinas, inibe o estudo da própria comunicação, do fenômeno comunicacional. Por essa razão, muitos autores trazem suas visões de qual deveria ser o objeto da comunicação, e apesar de não serem ideias consensuais, a busca pelo novo objeto é consentida. Assim, suas concepções não devem ser negadas, precisam ser consideradas e discutidas, para que tenha possibilidade de surgir um consentimento sobre o objeto da área, confirmando ou desprezando a hipótese de a comunicação ser uma ciência básica tardia.

Por isso, no próximo capítulo serão discutidos alguns conceitos da comunicação, com o intuito de continuar as análises de como a comunicação deve ser percebida, ou seja, como ciência social aplicada, ou ciência básica tardia.

## 2. CONCEITOS DA COMUNICAÇÃO

Até então, foi visto que as classificações são arbitrárias (SIGNATES, 2018) e podem mudar de acordo com o tempo e espaço, inclusive as classificações de ciências. E quando se fala nestas, o foco aqui está na definição da comunicação, que se encontra como uma ciência social aplicada, cuja classificação a trata mais como uma especialidade profissional, onde seu foco de estudo não é abrangente e sim baseado em recortes do que viria a ser uma teoria mais geral.

Foram trazidos muitos autores que vão contra à definição da comunicação como ciência aplicada, por isso fazem indagações ao campo e trazem suas noções de qual deveria ser o novo objeto de estudo da área, e apesar de não serem ideias harmônicas, a busca pelo objeto é. Assim, a fim de gerar reflexões sobre até que ponto a comunicação pode ser considerada ciência social aplicada ou ciência básica tardia, esse capítulo irá discutir os variados conceitos da comunicação.

Pelas consequências de ser vista como especialidade profissional, como por exemplo, focar seus estudos nos meios e tecnologias da comunicação, e não abranger o fenômeno comunicacional como um todo, é necessário continuar as suas reflexões e discussões epistemológicas, não se conformando com ultrapassados conceitos, unidirecionais e instrumentais, da comunicação. Até por que, como diz Signates (2018, s/p) o mundo atual “clama que a comunicação emergja como conhecimento pragmático, relacional, solidário e democrático”.

Os conceitos de comunicação são muito amplos e não são consensuais, aqui serão citados alguns para gerar contemplações sobre as suas relevâncias no contexto atual, a fim de perceber o que é o especificamente comunicacional, estudado pelo seu próprio campo.

Parte-se, então, de um conceito muito conhecido, senão o mais conhecido, de comunicação social, que é de que ela “envolve receptores e emissores e é diferenciada dos outros tipos de comunicação (e seus respectivos estudos) por seu caráter mais midiático e massivo” (LIRA e BERTI, 2014, p. 2). Essa definição é um tanto quanto unidirecional e instrumental, por focar em comunicação de massa e que envolva tecnologias, sendo que a comunicação não se restringe a isso.

Em vista dessa conceituação, Ciro Marcondes explica que a visão de que a comunicação é uma “coisa”, um instrumento, advém das ciências físicas e da natureza, porque como ele diz, “para elas, a comunicação é isso” (MARCONDES,

2014b, posição 196). Essa percepção de Ciro vincula a definição de comunicação a algo mais abrangente, indo ao contrário às características da comunicação classificada como ciência social aplicada.

Outro conceito, trazido por Lira e Berti, e que valoriza somente um recorte da comunicação, é a ideia de Venício Lima que diz que “a mídia é o campo de estudo da Comunicação, principalmente se ela for encarada no sentido de Comunicação Social.” (LIMA, 2001 apud LIRA e BERTI, 2014, p. 6). Aqui, novamente, o estudo em comunicação é focado em estudo da mídia, levando em consideração somente um recorte de sua totalidade.

Além dessas visões sobre a comunicação, existem muitas outras conceituações. Tendo em conta as diversas transformações, em vários contextos, sofridas pelo tempo e espaço, Celso e Carlos (2014, p.28) confirmam que, devido ao “mundo transformado de hoje, há que se propor um novo quadro teórico, mais aberto, mais maleável, como a própria contemporaneidade.” Focando, assim, em continuar as pesquisas no campo da comunicação com a finalidade de que suas teorias correspondam à realidade. Novamente havendo uma discordância em ver a comunicação como ciência social aplicada por suas teorias não estarem mais tão adequadas à realidade.

Ciro Marcondes concorda com a ideia de propor um novo quadro teórico que seja mais aberto, porque para ele as teorias consagradas da comunicação equivocam por ver o processo comunicacional como transferência de informações. Com isso, o autor cita Niklas Luhmann por também refutar a definição de que “comunicar não é se desfazer de nada, mas, antes, um processo multiplicador” (MARCONDES, 2014b, posição 274).

Ciro Marcondes (2014b) explica que a comunicação não é o A passar algo para B, porque são acontecimentos independentes.

A comunicação não é uma coisa, algo que percorre uma cadeia que vai do emissor ao receptor, algo que se possa dizer que exista; antes, ela é uma relação, uma possibilidade no encontro entre homens e homens, e entre homens e técnicas. (MARCONDES, 2014b, posição 2247).

À vista da ideia de Ciro Marcondes (2014b), de a comunicação não poder mais ser considerada uma transmissão, os autores Lira e Berti também trazem a reflexão de Maria Aparecida Baccega por destacar o porquê de a comunicação ter começado a ser vista com outros olhos:

A área da Comunicação passou a ser mais estudada a partir de dois fatos, sendo o primeiro o avanço tecnológico, que mudou conceitos de tempo e espaço, e as lutas das culturas para terem vez e voz (BACCEGA, 2009, p.10 apud LIRA e BERTI, 2014, p. 3).

A ideia principal é de que a área da comunicação não se contenta mais com ultrapassados conceitos. Assim, diante dessas conceituações de Comunicação, é perceptível que não faltam perspectivas nos estudos de conhecimento comunicacional, o que há é “a insuficiência de articulação. O problema, portanto, é o da dispersão.” (BRAGA, 2016, p. 18).

Desse modo, a forma trazida pelo autor de como enfrentar essa dispersão é continuar reunindo os epistemólogos e teóricos para discutir sobre suas ideias.

Desenvolver perguntas e hipóteses para além das que já são feitas pelas demais Ciências humanas e sociais – que não as farão, porque isso ultrapassaria seu âmbito de interesse e as lógicas de seu campo de conhecimento (BRAGA, 2011, p. 72).

Desenvolvendo perguntas e hipóteses acima do especificamente comunicacional, como diz Braga “será possível desenvolver teorias do campo comunicacional” (BRAGA, 2011 p. 71). Ou seja, ampliar e atualizar os conhecimentos da área.

Os tempos atuais não admitem mais conceituações rasas, fechadas e pouco abrangentes. “Comunicação não pode ser apreendido enquanto coisas nem temas, mas sim como certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional.” (MARCONDES, 2011, p. 66).

Posto isso, uma visão parecida com a de Marcondes, que também está incluída no texto de Lira e Berti, é a ideia da autora Maria Immacolata Vassalo, por ampliar a definição da comunicação, porque, para ela, essa é uma área que “tem como objeto os fenômenos comunicacionais da sociedade atual.” (VASSALO, 2001, p.13-14 apud LIRA e BERTI, 2014, p. 6).

Portanto, as conceituações de comunicação que convém com a realidade são aquelas que se dispam dos conceitos instrumentais e tecnicistas, abrangendo e ampliando a sua definição, a fim de não estudar somente seus recortes, e sim o processo comunicacional como um todo. Sendo assim, refletindo sobre o que foi colocado no início deste tópico, sobre até que ponto a comunicação pode ser considerada ciência social aplicada ou ciência básica tardia, ela se apresenta mais como esta última.

Sendo considerada uma ciência básica tardia, a seguir serão discutidas algumas razões de por que enxergar a comunicação com seu foco nos estudos dos fenômenos comunicacionais por inteiro, e não somente suas partes e recortes. Uma dessas razões surge através da pergunta: até que ponto a comunicação pode ser tratada como um processo social primário?

## **2.1. Comunicação como processo social primário**

Continuando e focando no conceito de que a comunicação deve estudar os fenômenos comunicacionais, e não somente os seus recortes (como a mídia), emerge a questão do porquê disso. Neste tópico será desenvolvida uma explicação para enxergar a comunicação como algo mais amplo e abrangente, e o primeiro ponto a ser discutido é a visão da comunicação como processo social primário.

Ciro Marcondes explica que a visão de comunicação focada em estudos de manipulação de massas e meios tecnológicos de comunicação, emerge de as ciências pensarem “a comunicação a partir de sistemas não-humanos, nos comparam com procedimentos de máquinas, de materiais da natureza, de líquidos.” (MARCONDES, 2014b, posição 198).

A ideia apontada por Ciro Marcondes é de que a comunicação é um processo social primário e não foi a modernidade que a inventou.

Comunicação clássica existe desde as primeiras formações humanas, ela ocorre através da fala, das marcas, das inscrições, dos desenhos em cavernas, quando o Homo sapiens desenvolveu os primeiros sinais gráficos e sonoros (MARCONDES, 2014a, posição 86).

Com essa ideia de que a comunicação existe desde as primeiras formações humanas, o autor desenvolve a noção de que a comunicação é anterior a linguagem, ou seja, a partir da comunicação que a linguagem é inventada, “Desde que os homens se juntaram em comunidades humanas, eles se falam. Por medo da morte, os homens criaram a linguagem” (MARCONDES, 2014b, posição 341). Em outras palavras, antes de criarem a linguagem, os homens já se comunicavam.

Pela capacidade de pensarem, diferentemente dos animais, o autor expõe que os homens “desenvolveram uma forma própria de se dirigir ao outro: a linguagem articulada em palavras.” (MARCONDES, 2014a, posição 203). Desta forma, o autor critica a frase: “tudo é linguagem”, pelo equívoco de generalizarem a comunicação, porque, como dito anteriormente, ela é uma forma de se comunicar,



sem ser a única, “há muitas outras formas de comunicação que vão além das linguagens (comunicações do silêncio, comunicações dos ambientes e dos olhares...)” (MARCONDES, 2004, p. 55). Ou seja, o que engloba a comunicação não se restringe a uma única coisa, ela é muito mais ampla.

Por isso, para Ciro Marcondes (2014b, posição 112) “pesquisar a comunicação é estudar o processo e a constituição da relação que se cria entre as pessoas comunicantes, é falar da ocorrência do acontecimento”. O autor busca ir além dos estudos restritos do emissor ou canal, pela concepção de que a comunicação é um processo social primário, ou seja, deve ser abrangente.

Apesar de esse foco epistemológico ser recente, não são ideias tão atuais, pois “tem origem no pensamento antigo, mas que reaparece em Rousseau, Nietzsche, Foucault, Sartre, Merleau-Ponty, Derrida e Deleuze.” (MARCONDES, 2004, p. 55). Esses autores pontuados também percebem a comunicação como algo maior e abrangedor.

Portanto, ressaltando essa definição de comunicação, que vai mais adiante de ideias instrumentalistas, Ciro Marcondes diz:

Uma ação passiva no sentido de um compartilhar, um repassar, um transferir alguma coisa, mas um tipo de vivência, uma experiência, um acontecimento, uma imersão. Ou seja, a comunicação ou o acontecimento comunicacional – talvez o termo mais apropriado – é um fenômeno, ela tem a capacidade de nos desarranjar, de nos desestabilizar, de provocar e, através disso, nos levar a pensar, nos incomodar (MARCONDES, 2019, p. 19).

Em síntese, a comunicação não pode ser percebida como uma transmissão de informações e conhecimento, pois para o autor ela “é um processo social, um acontecimento, uma combinação de múltiplos vetores (sociais, históricos, subjetivos, temporais, culturais) que se dá pelo atrito dos corpos e das expressões” (MARCONDES, 2008, p.52). Ou seja, ao ser estudada e pesquisada, é relevante que o fato de a comunicação ser um processo primário, e que não foi inventado pela modernidade, seja levado em consideração.

Ao ser percebida assim, a comunicação desveste de suas características instrumentais, e favorece as discussões teóricas no campo do especificamente comunicacional. Portanto, levando em consideração a comunicação como algo mais amplo e abrangente, o próximo tópico a ser discutido será sobre a hipótese de que a comunicação só se efetiva quando há uma produção de sentido nas partes

comunicantes, contrariando a ideia de que tudo é comunicação e aumentando as reflexões sobre a classificação da comunicação.

## **2.2. Comunicação como produção de sentido**

Tendo-se em vista a comunicação como um processo social primário, ou seja, fugindo da ultrapassada ideia de que é um mero instrumento, especialmente por refletir que a comunicação deve ser estudada amplamente, focando no fenômeno comunicacional por inteiro, a pergunta a ser levantada é: *qualquer tipo de comunicabilidade gera uma comunicação efetiva?* Esse tópico discutirá o que faz esse processo se efetivar, focando na ideia da comunicação como produção de sentido.

Para Ciro Marcondes a comunicação só ocorre se houver uma provocação de sentido dentre as partes que se comunicam, de outra forma, não há como se efetivar a comunicação, “para acontecer a comunicação é preciso uma ocorrência muito mais ambiciosa em termos qualitativos, ou seja, ela tem que mexer com minhas próprias concepções de mundo” (MARCONDES, 2019, p. 19). Ou seja, somente falar, comentar ou dialogar não significa que houve a efetividade da comunicação. Bem como, também, não ocorre se a pessoa apenas ouvir e descartar as informações.

Por isso, apesar de as pessoas estarem imersas em diferentes e diversas maneiras, mais rápidas, de fazer acontecer o fenômeno comunicacional, como por meio de celulares, internet, computadores etc., o que mais ocorre é ver que existem muitas pessoas falando, e as vezes até ao mesmo tempo, e poucas querendo escutar e interagir. Então mesmo contando com “tudo à nossa disposição para que possamos comunicar, não nos comunicamos. Ou, então, fingimos comunicar, aceitamos que uma troca de mensagens por computador já é um diálogo.” (MARCONDES, 2004, p. 80).

Assim, para o autor, a incomunicabilidade é o mal do século, que vem a ser um paradoxo porque ele argumenta dizendo que “em nenhuma outra época da história humana, as pessoas tiveram à sua disposição tantos meios de comunicação: telefones, mensagens eletrônicas, equipamentos para transmitir imagens, vozes, acontecimentos.” (MARCONDES, 2014b, posição 165). Dispor de um arsenal de meios de comunicação não significa que se comunicará efetivamente.

Para clarear o que viria a ser a comunicação como produção de sentido, Ciro Marcondes explica detalhadamente que o fato de se emitir sinais, não significa que o outro irá se interessar por eles, não ocorrendo a comunicação efetiva, ou melhor, o fenômeno comunicacional, porque:

Uma emissão não supõe uma recepção. O outro pode simplesmente registrar meus sinais, mas virar a cara, me ignorar. Minha sinalização não foi suficiente para atraí-lo. Não constituiu aí nenhum vínculo. Isso quer dizer que para ter êxito no processo comunicacional (e mesmo num processo meramente informativo) o outro, o receptor, deve voltar-se a mim, decidir fazê-lo ou então ser forçado a isso (MARCONDES, 2014a, posição 215).

Essa emissão de sinais para Marcondes (2014a) viria a constituir o primeiro passo para que se ocorra a comunicação, porque a partir do momento que a pessoa se interessa pelo que vê, ou ouve, os sinais passam a ser informações. E se a informação que o indivíduo receber conseguir mudar

Aquilo que era sólido em minha mente, em meus valores, em meus posicionamentos, sofre um abalo: eu penso, reflito, repenso, considero, avalio, mudo de opinião. Já não estamos falando de informação, de adição, de ampliação de repertório, mas de quebra, de substituição, de transformação (MARCONDES, 2014a, posição 236).

Sendo, a comunicação, uma produção de sentido, ela se dá de duas formas diferentes segundo o autor, Transformadora ou Confirmadora. A primeira se dá “quando eu abro espaço em mim para receber o outro em seu mistério” e a segunda “quando eu procuro conhecer, apreender, domesticar o outro, seja esse outro uma pessoa ou um produto cultural qualquer.” (MARCONDES, 2014b, posição 488).

Marcondes (2014b) explica que a comunicação confirmadora ocorre quando a pessoa não está interessada em se transformar, somente em saber, se informar. No entanto, ambas as formas de comunicação produzem algum sentido dentre as partes comunicantes, e quando Ciro Marcondes se refere “a mim para receber o outro”, esse outro não é somente uma pessoa, ele pode vir a ser uma música, uma obra, um filme, uma dança, um livro, ou qualquer outra coisa, porque como diz o autor “podem mexer comigo e com minhas crenças, valores, ideias, comportamentos.” (MARCONDES, 2014b, posição 263).

Desta forma, para ficar mais claro, Ciro Marcondes distingue o diálogo da própria comunicação, “diálogo é o que acontece entre as pessoas, é a atmosfera, a cena, o clima, a situação em que duas, três, cinco, dez pessoas se relacionam.” E a comunicação é, por exemplo, quando “uma mesma piada rebate diferentemente em

cada pessoa. Cada um extrai dela o que convém. Isso é a comunicação.” (MARCONDES, 2014b, posição 359).

Em síntese, se o diálogo não provoca nenhum sentido nas partes que tentam a comunicação, ele é somente a emissão de sinais. Para que ocorra a comunicação efetiva, na visão de Ciro Marcondes, é necessário existir uma abertura para o outro, seja lá qual for esse outro, um objeto ou uma pessoa, porque a “comunicação é exatamente isso: o fato de eu receber o outro, e isso me transformar internamente. O lado oposto, o da emissão, é mera produção de sinais, não comunicação.” (MARCONDES, 2014b, posição 96). O diálogo é uma forma de comunicabilidade que pode vir a efetivar a comunicação, ou apenas ser emissões de sinais.

Um grande detalhe é que, mesmo que a comunicação para o autor só ocorra através desta abertura ao outro, não é necessário que seja presencialmente, ou que o fenômeno comunicacional seja ao mesmo tempo para o emissor e receptor, porque o tempo de produção pode ser diferente do tempo de recepção, no entanto é indispensável uma produção de sentido (MARCONDES, 2014b).

Por isso que, para o autor, o objeto de pesquisa da ciência da comunicação deve ser ela própria, a fim de investigar o que faz as pessoas se abrirem para o outro, e não “os seus enredamentos políticos, sua economia, a comparação entre veículos ou gêneros, a sociabilidade em rede, as transformações sociais das massas.” (MARCONDES, 2014b, posição 109).

Haja em vista que não é qualquer tipo de comunicabilidade que gera uma comunicação efetiva, necessitando de uma produção de sentido dentre as partes comunicantes para que possa ser considerado um bom fenômeno comunicacional, o próximo capítulo irá tratar sobre o sistema de ensino básico brasileiro, levantando a questão: até que ponto a comunicação interfere na qualidade de ensino no Brasil?

### 3. QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

A qualidade de ensino no Brasil, em suma da educação básica, tem sido um grande foco de discussão. Surgem diversos questionamentos e problemas, diante da realidade e das transformações que ocorreram no mundo, com o passar das décadas. Nesse capítulo será discutido alguns problemas da educação, para que seja refletido o que tem sido foco dos estudiosos sobre esse tema e até que ponto a comunicação interfere na qualidade de ensino no Brasil.

Parte-se da ideia de Bordenave (2017) ao explicar que o caso da educação é ilustrativo, quando diz:

Currículos alienados da realidade (na remota escolinha rural os alunos estudam a geografia da Europa, mas não como cuidar das plantas); calendários escolares defasados dos ciclos e ritmos vitais (a época da safra coincide com o período letivo e muitas crianças faltam à escola para ajudar seus pais); disciplinas estanques que dividem em retalhos problemas que aparecem integrados e globais na vida diária; carteiras escolares distribuídas em militares fileiras pouco propícias ao diálogo (BORDENAVE, 2017, s/p).

O autor citado exprime existir uma “defasagem entre a descoberta do homem social e o conhecimento de como orientar a vida social em função desse homem.” (BORDENAVE, 2017, s/p). O problema surge da hipótese de as escolas não acompanharem o que a sociedade atual solicita, e o autor chama a atenção para a relevância comunicacional no ato educativo, isto é, sem a comunicabilidade intensa e não monológica, não há educação.

A hipótese de que há uma insuficiência da percepção do quanto é importante a comunicação na educação pode vir a ser uma das características de existir uma “má qualidade do ensino, evidenciada pelos dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e por comparações internacionais (Crespo, Soares e Mello e Souza 2000, OECD 2001).” (SCHWARTZMAN, 2005, p. 5).

Em Barbero (2020, p.52) também percebemos uma crítica aos padrões de ensino por dizer que, “o modelo predominante é vertical, autoritário na relação professor-aluno e linearmente sequencial no aprendizado”. Ao seguir com o mesmo padrão de ensino, sem atualizá-lo com as necessidades que a sociedade clama, o ensino aprendizagem fica defasado e obsoleto.

Signates (2018, s/p) expõe que “não basta apenas o aprendizado do idioma e da escrita, como a escola acostumou-se a lecionar”. Ou seja, é necessário que a

comunicação venha a ser percebida como um conhecimento pragmático e relacional, e não como um instrumento. Um exemplo é focar em educar para o comunicar, não no sentido de ensinar técnicas de comunicação, e sim para que percebam o que significa a comunicação e possam ter visão crítica a respeito desse mundo midiaticizado.

Diante de um mundo tão globalizado, midiaticizado e transformado, continuar com as mesmas e tradicionais formas de ensino tornar-se-ia, de certa forma, uma negligência. Nessa questão, também entra a formação dos professores, “existem evidências de que muitos professores não adquirem a formação necessária para proporcionar uma educação de qualidade, e enfrentar os problemas particularmente sérios que afetam as escolas públicas” (SCHWARTZMAN, 2005, p. 6). O problema não estaria somente em quais conteúdos estão sendo concedidos, mas também como estão sendo disponibilizados e ministrados pelos professores, como está sendo a comunicação, a fim de uma educação efetiva.

O autor continua dizendo que “as crianças vão à escola em sua grande maioria, mas aprendem pouco, e começam a abandonar os estudos quando chegam na adolescência” (SCHWARTZMAN, 2005, p. 1). Por isso, Schwartzman reflete sobre o ensino básico de qualidade ser uma exigência moral para o desenvolvimento e melhoria das sociedades modernas.

Recapitulando, existem muitos problemas na educação brasileira, mas o enfoque aqui não está em discutir os amplos e diversos defeitos sociais, políticos e econômicos da educação básica brasileira. O enredo trazido é para levar à reflexão a importância da comunicação na educação. Desta forma, conclui-se que há uma hipótese de que existe uma grande relevância da forma como é feita a comunicação no ato educativo, mas que quase não há bibliografias que dizem respeito sobre isso, ao discorrerem sobre os déficits da educação.

A seguir, será discutido sobre a integração da comunicação na educação de modo agregador ao aprendizado. Continuando com a reflexão de que, até que ponto a comunicação interfere na qualidade de ensino no Brasil?

### **3.1. Comunicação e Educação**

O tópico anterior é uma curta síntese de ideias sobre problemáticas da educação brasileira para que seja refletido a comunicação em seu conceito mais

abrangente, em que estuda e pesquisa o fenômeno comunicacional como um todo, e neste caso, nas relações pedagógicas. Sendo assim, esse tópico irá tratar sobre a noção da comunicação de modo agregador na educação, para ser discutido de qual modo o fenômeno comunicacional interfere na efetividade da educação em sala de aula.

A integração da comunicação e educação em um modelo participativo e de intervenção social não é um tema de debate recente, no entanto o conceito de comunicação nessa integração, de modo geral, possui características instrumentais, e não mais gerais e abrangentes, que, como foi visto de antemão, seja vista como uma teoria vinculada a própria vida humana, principalmente por ser um processo social primário. Um exemplo dessa visão de integração trazido por Oliveira (2000).

Tanto a educação quanto a comunicação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados, no contexto do imaginário social, como espaços independentes, aparentemente neutros, cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade. (OLIVEIRA, 2000, p. 13).

Assim, por essa visão da comunicação ligada, somente, a meios de comunicação de massa e comunicação mediada por meios de comunicação de massa, a “educação e a comunicação jamais poderiam integrar-se, sob a suspeita de estarem perdendo sua identidade e sua razão de ser” (OLIVEIRA, 2000, p. 19). Ao ser percebida desta forma, a educação não é observada como um fenômeno comunicacional.

Inclusive, essa definição instrumental de comunicação fez com que a Escola de Frankfurt e seus desdobramentos, percebesse a integração da comunicação e educação como uma “suspeita de violenta manipulação e dominação das consciências e das vontades, que passariam a ser “administradas” pelos centros de decisão econômica e política.” (OLIVEIRA, 2000, p. 20). Não percebendo a comunicação de modo integral, nem mesmo como processo social primário.

Por essas ideias, Paulo Freire critica essas visões de comunicação como uma das ferramentas da educação, pois a percebe como, além disso, como uma relação dialética “como um componente do processo educativo e não através do recorte do messianismo tecnológico.” (OLIVEIRA, 2000, p. 19). Essa relação é

especificamente comunicacional, e a essência que Freire exprime é de que a comunicação anda junto da educação.

Além de Freire, o autor também traz Mario Kaplún, por serem os dois educadores que veem a comunicação completamente vinculada ao contexto da educação, como uma interação e ligação, a fim de prospectar “posturas teóricas e práticas que se situam para além das tradicionais paredes paradigmáticas, reconceitualizando a relação entre educação e comunicação e direcionando-a para uma educação cidadã emancipatória.” (OLIVEIRA, 2000, p. 21). Em outras palavras, a educação como parceira da comunicação a conduziria para uma formação de alunos mais críticos e reflexivos.

Essa relação da comunicação com a educação a fim de ampliar a educação cidadã emancipatória, pode ser vinculada com as ideias de Marcondes (2014b), sobre a comunicação não se basear em transmissão/transferência de mensagens e conhecimento. Retomando a sua concepção de que:

A comunicação não é transmissão, passagem de algo a outro. A comunicação, portanto, jamais pode ser vista como transmissão, deslocamento, transferência, como se fosse um objeto que eu pegasse de um lado e pusesse em outro, como eu faço com as fichas de jogo. (MARCONDES, 2014b, posição 190).

Em conexão com a educação, para ocorrer a comunicação não depende somente do professor, porque o fato deste último ser, em geral, um emissor, e os alunos os receptores<sup>2</sup>, não dá para chegar à conclusão de que realmente há comunicação efetiva, logo, aprendizado, Ciro Marcondes diz que “todos emitem, mas saber se ocorreu de fato a comunicação somente o receptor poderá demonstrá-lo.” (MARCONDES, 2014a, posição 281).

A ideia de Ciro Marcondes é de que não depende apenas do emissor para que ocorra a comunicação propriamente dita, o receptor precisa se abrir para ele. É a decisão de “acolher o outro” (MARCONDES, 2014a, posição 380).

Para o autor, sem essa abertura ao professor, ao novo, ao estranho, à alteridade, “continuaremos fechados, incorporando apenas as informações que nos interessam.” (MARCONDES, 2014a, posição 333), dificultando a conquista do aprendizado.

---

<sup>2</sup> Emissor e receptor na noção de Ciro Marcondes (2014a e 2014b) não se remete a uma visão instrumental da comunicação, para ele emissor/receptor é contínua emissão de sinais, que podem, ou não, vir a constituir um bom fenômeno comunicacional.



Além da comunicação não depender somente do emissor, ela também não é somente o que se diz, o que se fala, é também o como se fala “ela é o verbal, mas também o não verbal.” (MARCONDES, 2014a, posição 308). A comunicação vai além do verbal, “as pessoas não só se falam, elas percebem sutilezas da expressão, da pulsação, do brilho dos olhos, da postura, dos perfumes, da temperatura, do clima do momento.” (MARCONDES, 2014b, posição 1399). É imprescindível negar o que ocorre além da fala, porque o fenômeno comunicacional abrange a cena completa.

A frente do exposto, também é importante perceber como são ditas as falas, porque para que haja uma abertura e ocorra a comunicação, é necessário despertar o interesse das partes envolvidas.

No processo comunicacional circulam interesses, desejos, aspirações, paixões, estímulos diversos como constituintes do processo. Por isso se acredita que situações particulares de afeto, de abertura, de dedicação tenham importância capital no processo comunicacional. (MARCONDES, 2014b, posição 2247).

Sem despertar esse interesse, principalmente nos alunos, que é o foco deste tópico, fica difícil, como diz Ciro Marcondes, “romper a redoma de nós mesmos, o círculo fechado de nossa autossuficiência, e buscar o outro, reconhecer sua alteridade, sua especificidade, sua diferença em relação a mim” (MARCONDES, 2014a, posição 374). Ou seja, para que ocorra o fenômeno comunicacional por excelência é preciso que o aluno se abra para ouvir o professor, refletir e pensar sobre o que ele emite.

Há um problema em despertar o interesse dos alunos, e tem muito a ver com o que foi dito no item anterior “A qualidade da educação básica brasileira”, sobre as escolas seguirem uma postura defasada. Desse modo, (BARBERO, 2020, p. 56) considera que as “escolas não estão sendo um espaço no qual a leitura seja um meio de criatividade e de prazer, mas sim o espaço no qual leitura e escrita se associam a tarefa obrigatória e chata.” Assim, o que não desperta a curiosidade do aluno, não o fará desprender de seu isolamento mental, a fim de realmente ouvir o que o professor emite, para que haja um fenômeno comunicacional de qualidade.

Diante disso, é relevante trazer Melro (2004) por defender, a partir de ideias de Freire (1999), que a educação deve se estabelecer numa relação dialética com o contexto e a realidade da sociedade, “que por sua vez, dá garantias especiais ao

homem através de seu enraizamento nele. Superposta a ele, fica 'alienada' e, por isso, inoperante.” (MELRO, 2004, p. 3).

Em síntese, a comunicação interfere na educação, então para que os dois possam se integrar de modo agregador na efetividade do aprendizado, é disposta a visão de que é necessário despertar o interesse dos estudantes para que se abram para o processo comunicacional, para que ocorra a comunicação efetiva. E um dos pontos para despertar o interesse nos alunos, é o ensino estar de acordo com as necessidades do contexto da realidade.

Portanto, percebendo que a comunicação interfere na eficácia da educação, e que é imprescindível incitar a curiosidade do aluno, para que saia do seu isolamento mental, o assunto a ser tratado a seguir será acima da pergunta: o que há de especificamente comunicacional na relação professor-aluno?

### **3.2. Especificamente comunicacional na relação professor-aluno**

Visto o quão importante é a ocorrência do fenômeno comunicacional em sala de aula, para que haja uma educação por excelência, esse tópico irá discutir o que é o especificamente comunicacional, logo a sua manifestação na relação professor-aluno em sala de aula. A finalidade é verificar os possíveis pontos positivos e pontos negativos da comunicação que há nas relações pedagógicas.

Para Signates (2021) “a ideia do especificamente comunicacional visita as preocupações acadêmicas, cuja motivação tem sido contribuir para a definição ou a cartografia possível para o objeto desta ciência. (SIGNATES, 2021, p. 8). Entre um grande interesse em fugir dos ultrapassados conceitos de comunicação, e atualizá-los de acordo com o contexto da realidade, há uma quantidade relevante de estudiosos e pesquisadores em busca do objeto da comunicação.

O autor explica que “são especificamente comunicacionais modos como são configuradas as dialéticas da experiência humana: as instituições e processos, as identidades e diferenças, os direitos e sua negação, a fala e o silêncio.” (SIGNATES, 2021, p. 23). Por isso, as pesquisas e estudos não podem se restringir aos meios de comunicação, mídias e tecnologias.

Desta maneira, estudando o especificamente comunicacional na educação, especialmente na relação do educador com o educando, Ciro Marcondes diz que normalmente os “professores atuam relacionando-se com a classe como se esta

fosse uma coisa, um objeto. Seu procedimento é repetir as mesmas fórmulas, as mesmas frases, os mesmos fatos, as mesmas regras, os mesmos nomes.” (MARCONDES, 2014b, posição 710). Sendo, essas fórmulas, um tipo de comunicabilidade, não significa que geram uma comunicação efetiva.

Essa forma de relacionamento, para o autor, é um equívoco, porque para ele, o “ensino é um trabalho de nivelamentos, em que o aluno, incorpora, a seu modo, fatos que eu manifesto, e eu incorporo, a meu modo, sua própria maneira de reagir.” (MARCONDES, 2014b, posição 743). Não podendo, então, o ensino basear-se apenas em o que o professor emite, pois é uma relação dual.

A ideia de Ciro Marcondes (2014b) é de que quando o professor trata os alunos como algo, um objeto ou uma massa indistinta, o fenômeno comunicacional não ocorre, porque a relação que desenvolvem com os alunos não é uma relação pessoa a pessoa, mas uma relação pessoa a coisa. Desta forma não há como saber se o aluno está aprendendo, nem mesmo saber o que faz o aluno se abrir para aprender.

Para que funcione, Marcondes (2014b) diz que é necessário ir contra a invisibilidade do aluno:

Buscando ver em cada um deles um ser humano por traz de cada rosto. O rosto é a janela de entrada para o mundo do outro. Se eu, como professor, chamo individualmente cada aluno em minha sala e lhe pergunto como está indo, se está aprendendo, quais são suas dificuldades, o que gostaria que fosse revisto, que temas mais lhe interessaram, como se sente na sala de aula, se entende minha linguagem (MARCONDES, 2014b, posição 720).

Os diálogos, as matérias ministradas, os discursos dos professores, quando são feitos de forma homogênea, sem a disposição e intenção de ver como os alunos reagem, o que pensam o que concordam ou discordam, não há comunicação, na concepção de Ciro Marcondes:

Um profissional de ensino diante da classe faz um discurso, comenta coisas, dá opiniões, mas procede como se estivesse falando sozinho, para si mesmo, como se fosse um ator decorando seu texto para a próxima apresentação de teatro ou para o próximo filme. (MARCONDES, 2014b, posição 716).

É importante voltar à concepção de que é impreciso e equivocado dizer que o professor transfere as informações, as mensagens e o conhecimento Marcondes (2014b). Porque, o que ocorre, da parte dele, é somente o falar, o argumentar, o

relatar, entre outros, e o que acontece da parte da outra pessoa é algo particular dela, podendo, ou não, tornar-se uma produção de sentido por efeito da ação.

Assim, Marcondes explica o que viria a ser o diálogo ideal, que pode ser vinculado à educação, logo ao professor e aluno, “diálogo ideal, (é) aquele que possibilitaria o entendimento e a comunicação entre as pessoas.” (MARCONDES, 2014b, posição 586). E para que esse diálogo ideal suceda, é indispensável que, antes, os alunos sintam interesse, para que se abram ao que o professor diz, podendo ocorrer a comunicação efetiva e aprendizado.

Isto posto, ao estudar e pesquisar a comunicação em sua definição mais geral e integral, deve ser levado em consideração todas as partes que envolvem o provável fenômeno comunicacional, assim, Marcondes (2014b, posição 784) explica que “em sala de aula deve-se buscar a ocorrência de um acontecimento” comunicacional, para haver educação. O “buscar”, na fala de Marcondes, remete-se que seja obsoleto pensar que, somente a fala ou discurso do professor promoverá uma comunicação de qualidade.

Sem empenhar-se para esse acontecimento, e focando apenas em impor os dados e matérias aos alunos, o que ocorre não vem a ser comunicação na interpretação do autor. Marcondes (2014b) dá um exemplo:

Professores do ensino fundamental, por exemplo, aparecem diante de uma classe de alunos para passar um conhecimento, para transmitir uma informação, para transferir a outro ser humano tudo aquilo que ele sabe. Nada disso está errado, mas nenhuma dessas formas é comunicação propriamente dita. (MARCONDES, 2014b, posição 702).

Portanto, para que ocorra a comunicação por excelência, passa a ser essencial que o professor tenha uma postura acolhedora e receptiva, é, pois, “imprescindível que o professor afaste-se de sua distância, desça de suas alturas e coloque-se no mesmo plano do aluno.” (MARCONDES, 2014b, posição 785). Essa seria uma forma de buscar o fenômeno comunicacional.

É de muita significância que o professor não seja autoritário, porque “ele pode ter mais informações que os alunos, mas de nada lhe servem se os alunos reagirem demonstrando que sua informação não é atual, não se aplica, não condiz com a realidade, não tem nada a ver com seu mundo” (MARCONDES, 2014b, posição 751). Porque, assim, o aluno pode não se interessar em se abrir para aprender.

Nessa mesma ideia, Oliveira (1999, p.22) traz a concepção de Freire sobre a importância do relacionamento positivo do professor para com o aluno em um processo de comunicar para educar onde “o esquema comunicativo básico, na relação educador-educando, deve, para tanto, ser uma relação social igualitária e dialogal, que produza conhecimento.” Constatando, novamente, que a forma como ocorre a comunicação interfere na educação.

Para que decorra essa relação social igualitária e dialogal, é valoroso que o professor concorde “em tornar sua disciplina um objeto elástico, permutável, dinâmico em função da comunicação com o aluno” (MARCONDES, 2014b, posição 2321). Utilizar de métodos fechados, e exclusivamente homogêneos, não agregaria na comunicação com os estudantes.

A interação positiva entre professor e aluno, na perspectiva de Ciro Marcondes (2014b), facilita a quebra do isolamento e fechamento do estudante em sala de aula, pois ele passa a ver “o professor como uma pessoa, como alguém solidário a ele, como outro ser humano, constituindo-se aí uma forma efetiva de comunicabilidade.” (MARCONDES, 2014b, posição 736). O contrário provocaria um distanciamento entre as partes que se relacionam, inibindo a receptividade ao comunicável.

Além de ver o professor como alguém solidário ao aluno, Ciro Marcondes (2014b) expõe que, o que é realizado em sala de aula deve chamar a atenção do estudante para que haja um interesse, logo uma abertura para aprender. “Pessoas, animais, objetos, obras sempre sinalizam; se isso se transforma ou não em comunicação, só depende de cada um de nós, de nossos interesses.” (MARCONDES, 2014b, posição 260). Sinais emitidos de qualquer forma não vem a ser, automaticamente, comunicação efetiva

Sendo assim, passa a ser primordial a criatividade em sala de aula, “a dinâmica da aula precisa contar com uma certa magia em que o aluno é surpreendido com estratégias e artifícios que o façam sair de sua passividade mental.” (MARCONDES, 2014b, posição 2321). Não tem uma regra certa a ser seguida para atingir a “passividade mental” do aluno, para conhecimento disso é primordial procurar enxergar a individualidade de cada um.

Para isso, é relevante levar em consideração a sensibilidade, para analisar os olhares, feições e jeitos, como diz o autor. Isso devido a finalidade de perceber se o aluno está entendendo, discordando, concordando, viajando ou pensando. E, com

isso, “é importante que a linguagem que comanda as falas seja sentida de forma mais ou menos unânime entre os participantes.” (MARCONDES, 2014b, posição 2300).

Segundo Marcondes (2014b):

Qualquer aula, qualquer ensinamento, qualquer palestra ou conferência não vinga se o palestrante ou professor ignorar que se trata de uma relação dual, de mim e do outro, nós dois, cada um incorporando o outro, recebendo-o em sua casa, cedendo-lhe espaço, aprendendo com o outro. (MARCONDES, 2014b, posição 753).

O autor também sinaliza que, para que ocorra a comunicação, não é necessário que as interações sejam presenciais, tanto entre pessoas, quanto com livros, filmes ou músicas. Ou seja, no caso da educação, pode ser virtual. O que interessa é “a relação que eu estabeleço com esse outro, se o encaro como algo ou alguém a quem eu me abro, a quem cedo espaço, ou se encaro como algo ou alguém diante do qual eu me fecho.” MARCONDES, 2014b, posição 760).

Para o autor, o processo comunicacional na educação, ou seja, a produção de sentido dos conteúdos nos alunos, por exemplo, normalmente não acontece em uma única aula.

Ele pode ocorrer num seminário intensivo de fim de semana, mas é, quase sempre, um trabalho ao longo do semestre e é aí que se efetiva claramente a realização da comunicação, a saber, a mudança dos padrões (MARCONDES, 2014b, posição 2321).

No entanto, Ciro Marcondes mostra que uma das formas de ocorrer a comunicação plena em sala de aula, pode ser através de diálogos coletivos, como debates e discussões, “a relação de comunicação no processo de ensino supõe, como no caso do diálogo coletivo, uma abertura para o outro.” (MARCONDES, 2014b, posição 731).

Em síntese, é importante dizer que estudar o especificamente comunicacional na relação professor-aluno pode abrir portas para discussões e reflexões, tanto no próprio campo da comunicação como também da educação, aumentando hipóteses de melhorias nas áreas. A abertura para o outro, para a alteridade, pode gerar uma transformação, que vem a ser uma saída da zona de conforto, da mesmice das ideias e pensamentos, e que Ciro Marcondes nomeia de Comunicação Transformadora, ou até mesmo, “apenas gerar o interesse em

conhecer e apreender, que seria a Comunicação Confirmadora” (MARCONDES, 2014b, posição 488).

Retomando o capítulo, é perceptível que para que haja uma boa comunicação entre professor e aluno, os seus relacionamentos devem ser positivos, pois o ensino é uma relação dual, portanto são necessárias boas interações entre os participantes, a fim de que haja proximidade e abertura dentre as partes. A comunicação, de acordo com Ciro Marcondes (2014b) só ocorre quando há um certo interesse/curiosidade em ouvir, ou seja, se os sinais emitidos não provocam nenhum sentido, não há possibilidade de se transformarem em informações ou transformações, não ocorrendo a educação efetiva.

Por isso, no próximo capítulo serão explicadas e detalhadas quais as metodologias utilizadas para atingir o objetivo deste trabalho, que é: O que há de especificamente comunicacional na relação professor-aluno dentro de uma escola de ensino básico de Hidrolândia?

Esse objetivo abrange a hipótese de que a comunicação em sala de aula não se efetiva adequadamente, logo a educação também não. Principalmente levando em conta que a comunicação é classificada como ciência social aplicada, ou seja, não é notada como processo social primário que está vinculado a própria vida humana, trazendo como consequência uma falta de estudos e pesquisas da própria área da comunicação.

Estudos que vão além do enfoque em mídias e comunicação de massa, ou seja, que estuda o fenômeno comunicacional como um todo, e neste caso, na educação básica brasileira. Dessa maneira, o foco deste trabalho está em gerar reflexões e discussões sobre as possibilidades de aumentar a eficácia da comunicação, através dos estudos especificamente comunicacionais.

#### 4. METODOLOGIAS

O objetivo principal deste trabalho foi verificar o que há de especificamente comunicacional na relação professor-aluno dentro de uma escola de ensino básico. Assim, após saber qual o estado da arte do especificamente comunicacional no estudo da comunicação no Brasil, através das pesquisas bibliográficas, o segundo passo do trabalho foi conhecer a relação professor-aluno dentro da escola definida, por isso, o método foi entrevista qualitativa semiestruturada.

A instituição escolhida para a realização da pesquisa foi a Escola Municipal Aliança, localizada no setor Garavelo Sul II, em Hidrolândia/Goiás. A escola possui quadra esportiva, pátio coberto, pátio descoberto e área verde. No período matutino são oferecidas aulas do ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano), e no vespertino do ensino fundamental I (do 1º ao 5º ano).

A decisão por esta escola foi feita a partir da autorização da Secretaria de Estado da Educação de Goiás e da disponibilidade do colégio, por conta de a pesquisa ter sido feita pouco tempo após as piores ondas de pandemia e, também, greve de professores. Sendo assim, foram feitas entrevistas qualitativas semiestruturadas, presenciais, com 9 professores, sendo um de cada turma, do primeiro ao nono ano. As entrevistas foram realizadas dentre 4 de maio a 3 de junho.

A entrevista qualitativa tem caráter exploratório, cujo foco está no caráter subjetivo do objeto estudado, que, no caso, foram os professores. Por se tratar de ser semiestruturada, significa que foi utilizado um roteiro preestabelecido para guiar a entrevista, mas que não estava fechado para perguntas e dúvidas que fossem surgindo no seu decorrer.

A escolha dos professores também foi feita a partir de seus horários de disponibilidade, porque, por terem sido presenciais, foram realizadas em intervalos, inícios ou finais de aulas, com os devidos cuidados para que não houvesse perigo de contaminação da covid-19 (máscara, álcool em gel e distanciamento), garantindo que fosse feita uma entrevista com um professor de cada série do colégio, a fim de que existisse uma diversificação e abrangência nos resultados.

As entrevistas foram iniciadas com a leitura, explicação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice XX) e um dos pontos do termo foi o sigilo e a privacidade dos participantes, não sendo identificados e nem nominados, a fim de que pudessem ter uma abertura maior para a pesquisa. Por



isso, os professores foram identificados por letras do alfabeto, de acordo e em ordem crescente das séries que ministram aulas, sendo o “Entrevistado A” o professor do primeiro ano, e o “Entrevistado I” dos nonos anos. Na tabela a seguir serão informadas as idades dos professores entrevistados e séries que lecionam.

**Tabela 1** - Idades dos professores entrevistados e séries que ministram aulas.

<b>Entrevistado</b>	<b>Idade</b>	<b>Série</b>
A	41 anos	1º ano
B	52 anos	2º ano
C	40 anos	3º ano
D	31 anos	4º ano
E	54 anos	5º ano
F	42 anos	6º ano
G	56 anos	7º ano
H	55 anos	8º ano
I	58 anos	9º ano

Fonte: elaborado pela autora.

Como dito anteriormente, as perguntas foram feitas a partir de um roteiro pré-estabelecido, mas que estava aberto a novos questionamentos, caso gerassem dúvidas (por ser entrevista do tipo semiestruturada). Com isso, cada entrevista durou em torno de 40 minutos a 1h, e todas foram gravadas por meio do gravador do telefone-celular. A seguir está o roteiro tópico com as perguntas usadas nas entrevistas:

1. Esclarecimentos sobre a pesquisa e TCLE;
2. História profissional e de vida do professor;
3. Impressões e experiências sobre a sociedade e o mundo hoje;
4. O que sabe sobre comunicação, sobre o comunicar;
5. Quais relações estabelecem entre comunicação e educação, entre comunicar e educar;
6. O que a pedagogia brasileira enfoca sobre comunicação e educação (legislação, ensino de pedagogia, autores etc.);
7. Experiência prática pedagógica em sala de aula ou extrassala sobre comunicação e educação;
8. O que acha sobre o modo de comunicar interferir na efetividade da educação;
9. Autorização para acompanhar aulas presenciais.

Após as gravações das entrevistas foram feitas as transcrições completas de cada uma, manualmente, que estão disponíveis para consulta (Apêndices I ao IX). Logo, foi feito um quadro categorial para indexação de cada fala dos entrevistados, e os dados foram separados por categorias e subcategorias para critério de análise, e estão disponíveis na tabela a seguir:

**Tabela 2** - Categorias e subcategorias dos dados coletados nas entrevistas.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria A</b>	<b>Subcategoria B</b>	<b>Subcategoria C</b>	<b>Subcategoria D</b>	<b>Subcategoria E</b>	<b>Subcategoria F</b>	<b>Subcategoria G</b>
Perfil	Saber do professor sobre educação	Saber do professor sobre comunicação					
Visões sobre a comunicação	Visão explícita	Visão implícita					
Relações pedagógico-comunicacionais	Como percebe a própria profissão	Como percebe o aluno	Como percebe a relação professor-aluno	Como percebe a relação professor-escola	Como percebe a relação professor-família (do aluno)	Como percebe a relação aluno-escola	Como percebe a relação aluno-família (do próprio aluno)

Fonte: elaborado pela autora.

Após indexação e categorização de todas as falas dos entrevistados, foram feitas análises dentro de cada bloco de dados coletados, a partir dos indicadores: regularidades - conteúdos que constituem repetição; discrepâncias - conteúdos que se contradizem e intensidades - conteúdos que apresentam intensidade em algum aspecto específico (com o intuito de observar e selecionar conteúdos e formas em cada um deles). Assim, foram feitas várias descobertas dentro de cada categoria, resultando em um relatório que contém as análises de cada uma delas, com um resultado parcial.

Após as entrevistas e análises de seus dados, o próximo passo da pesquisa foi identificar os modos pelos quais professores e alunos se apropriam do saber em comunicação, então para isso, o método escolhido foi a pesquisa de observação não participante em salas de aulas. Esse tipo de pesquisa é feito quando o objetivo em questão está relacionado à não interferência do pesquisador no objeto estudado. Em outros termos, não há a intenção de participar das ações e atividades que se observa, somente estar atento, observando e anotando o que acontece.

Sendo assim, foram observadas aulas de 3 professores que participaram das entrevistas (essa quantidade de professores foi devido ao curto período para a realização da pesquisa). Com isso, o método de escolha dos professores foi por grau de diferenças dentre eles, para um resultado de pesquisa mais abrangente. As diferenças analisadas foram: série em que ministram aula e idades. Os dados dos professores observados se encontram na tabela, logo abaixo:

**Tabela 3** - Idades dos professores observados e séries que ministram aulas.

<b>Professor</b>	<b>Idade</b>	<b>Série</b>
A	41 anos	1° ano
D	31 anos	4° ano
I	58 anos	8° e 9° anos

Fonte: elaborado pela autora

Ao total, foram feitas 10 observações, com um total de seis turmas observadas, três professores e aproximadamente 16 horas de aulas. Na próxima tabela a seguir estão as informações sobre as observações:

**Tabela 4** - Informações sobre as observações em salas de aula.

Nº da observação	Data	Série	Professor	Horário	Quant. de alunos
1ª observação	23/ago.	1º ano	Professor A	13h às 15h	23 alunos
2ª observação	25/ago.	1º ano	Professor A	13h às 15h	22 alunos
3ª observação	29/ago.	1º ano	Professor A	13h às 15h	20 alunos
4ª observação	01/set	4º ano	Professor D	13h às 15h	18 alunos
5ª observação	02/set	4º ano	Professor D	13h às 15h	14 alunos
6ª observação	05/set	4º ano	Professor D	13h às 15:30	20 alunos
7ª observação	08/set	8º ano	Professor I	7:50 às 8:40	23 alunos
8ª observação	08/set	9º ano	Professor I	8:40 às 9:30	29 alunos
9ª observação	12/set	8º ano	Professor I	8:40 às 9:30	25 alunos
10ª observação	12/set	9º ano	Professor I	9:30 às 10:20	21 alunos

Fonte: elaborado pela autora

No momento em que foram feitas as observações, foram produzidos diários com todos os dados observados - por meio do celular - que foi o instrumento escolhido, ao invés de caneta e papel, porque a digitação, ao contrário da escrita, foi a forma mais rápida de fazer as anotações, a fim de poder anotar o máximo de dados possíveis. O foco das observações foi em o que há de comunicacional na relação-professor e aluno, sendo analisados os *aspectos comunicacionais; relacionamentos; trocas simbólicas, racionais e emocionais; e as possíveis transformações das pessoas envolvidas dentro e a partir das relações*. Os diários das observações estão completos e disponíveis para consulta (Apêndices X ao XIX).

Após as observações foi feito um quadro categorial para indexação dos dados coletados, e logo foi feita a separação dos elementos de acordo com duas categorias escolhidas:

**Tabela 5** - Categorias e subcategorias dos dados coletados nas observações em sala de aula.

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria A</b>	<b>Subcategoria B</b>	<b>Subcategoria C</b>	<b>Subcategoria D</b>
Perfil	Interações homogêneas	Interações heterogêneas		
Relações pedagógico-comunicacionais	Relações professor-aluno	Relações professor-aula	Relações aluno-aula	Relações aluno-aluno

Fonte: elaborado pela autora

Após a divisão dos dados, de acordo com cada categoria e subcategoria, foram feitas as análises a partir dos três indicadores usados na análise dos dados das entrevistas, sendo “*regularidades, discrepâncias e intensidades*”. Regularidades foram as repetições de conteúdo ou formas, nas mesmas observações e das observações entre si. Discrepâncias foram as diferenças ou discordâncias entre conteúdo ou formas. E intensidades, foram os destaques, as ênfases, a subidas de tom, as manifestações emocionais, observadas em salas de aula. A partir das análises, foram encontradas várias descobertas, resultando em um outro relatório, também com um resultado parcial.

Assim, fundamentando-se nos dois relatórios e seus resultados parciais (das entrevistas e observações em sala de aula), foi feita uma análise comparativa de conteúdos, a fim de compreender até que ponto o especificamente comunicacional interfere na relação professor e aluno dentro de uma escola de educação básica. Esse método de pesquisa foi escolhido com o propósito de comparar os dados colhidos nas entrevistas e nas observações em salas de aula, possibilitando perceber semelhanças e diferenças dentre eles.

Isto significa que, essa última análise foi feita comparando o que foi dito nas entrevistas e o que realmente ocorre na prática (constatado por meio das observações), gerando resultados para reflexões acima deste estudo. A análise dos dados coletados será mostrada no capítulo a seguir, e todas as transcrições das entrevistas e diários das observações ficarão disponíveis para consulta (APÊNDICES).

## 5. ESTUDOS COMUNICACIONAIS DA EDUCAÇÃO

Neste capítulo serão analisados os dados advindos das entrevistas e das observações em sala de aula a partir das categorias preestabelecidas, que se enquadram nas discussões proferidas durante o referencial teórico: o que é a Comunicação, e os seus desdobramentos na relação professor- aluno.

É importante ressaltar que os estudos da interface entre educação e comunicação abrem dois campos distintos, mas interrelacionados: o dos estudos educacionais da comunicação (leitura crítica da mídia, por exemplo) e o dos estudos comunicacionais da educação (pesquisa sobre a comunicabilidade na educação, bem como dos processos de aprendizado movimentados pela comunicação humana). A pesquisa deste trabalho se insere neste último ramo.

Sendo assim, a primeira análise a ser feita a seguir será a partir da pergunta: a comunicação é um instrumento?

### 5.1. Comunicação é um instrumento?

É relevante que o início das análises seja feito a partir da consideração de que existe uma confusão muito grande na hora dos professores dizerem o que é comunicação. Pois, é reparável tamanha incerteza e dubiez ao dizerem o que sabem sobre o conceito de comunicação:

*“Uai, comunicação...que eu sei, eu uso muito o celular, a internet.” Entrevistado E (Apêndice V, item 18).*

*“No currículo também tem para trabalharmos os meios de comunicação, que é como comunicar com as pessoas.” Entrevistado A (Apêndice I, item 20).*

*“A comunicação, a gente convive com ela o dia todo e na hora de explicar fogem as palavras.” Entrevistado G (Apêndice VII, item 14).*

*“Para mim comunicação é tudo. É falar, é ouvir. Saber observar. Tem vários tipos de comunicação.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 19).*

A principal constatação feita pela pesquisa foi de que há uma forte contradição entre o que os professores dizem e o que realmente ocorre na prática. Essa contradição ocorre em vários temas e contextos, porém, principalmente

relacionado ao que é, ou não, comunicação, e como ela pode interferir na efetividade da educação.

A comunicação é vista pelos professores como um mero instrumento, um meio de transmissão de mensagens, informações e conhecimento. Além disso, colocam a comunicação com a principal ferramenta do professor em sala de aula.

*“Eu acho que {comunicação} é uma forma de estar transferindo e ensinando.” Entrevistado A (Apêndice I, item 18).*

*“A comunicação é uma ferramenta, e sem ela é impossível ter uma convivência entre seres humanos e até com animais.” Entrevistado C (Apêndice III, item 7).*

*“A comunicação é a ferramenta principal do professor na sala de aula. Na minha prática docente eu uso a comunicação de tudo quanto é forma” Entrevistado C (Apêndice III, item 7).*

*“Eu acho que ela (a comunicação) é uma ferramenta necessária para a convivência. Seja oralmente, gestos, braile... não tem como viver sem comunicar. Ela é essencial para a convivência.” Entrevistado C (Apêndice III, item 8).*

*“Também é um meio de transmitir conhecimento através da comunicação. Tem um emissor e um receptor que sempre buscam... não sei explicar direito.” Entrevistado G (Apêndice VII, item 14).*

No entanto, quando falavam sobre a comunicação nas entrevistas, implicitamente não a caracterizavam como um instrumento, e sim como uma relação, algo maior e mais abrangente. Assim, foi verificada uma ambiguidade em o que pensam sobre a comunicação, sobretudo por existir essa confusão em pensarem ser apenas um instrumento, mas considerarem que a sua efetividade só aparece a partir de uma interação positiva, uma conexão.

*“(Comunicação é a) transmissão de conhecimento e a conexão, porque ela cria um vínculo entre o professor e o aluno, ela vai transmitir o conhecimento e através dele você também cria um vínculo.” Entrevistado D (Apêndice IV, item 5).*



*“Olhar o aluno como um ser completo, para perceber qual a ferramenta de comunicação que você pode usar para chamar atenção da criança.” Entrevistado C (Apêndice III, item 10).*

*“É uma comunicação direta com eles o tempo todo para não perder a conexão e para que haja a educação.” Entrevistado G (Apêndice VII, item 19).*

*“Para ter comunicação tem que ter uma interação. Comunicação é como por exemplo eu falar com o aluno e ele entender o que eu estou querendo dizer. É uma interação entre ele e eu.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 9).*

*“É necessário comunicar com a pessoa de acordo com a realidade dela.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 9).*

*“Na comunicação tem que haver uma conexão, então eu preciso me transportar para seu mundo para que você entre no meu, e eu acredito que a comunicação é assim, ela tem que ser assim.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 4).*

*“Eu acredito piamente que a comunicação precisa de uma conexão então por isso eu preciso me transportar para o mundo dele para conseguir comunicar com ele, isso é cultura, comunicação é cultura.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 4).*

*“Comunicar é olho no olho, é falar na mesma língua. Eu trabalho com criança e com jovens, e a comunicação é uma via de mão dupla.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 4).*

*“Uma comunicação que vai além da explicação do conteúdo. Ela vai além do trabalho docente. Porque para eu ensinar meu aluno, eu preciso conhecer ele, saber quem ele é, qual é o temperamento dele. Eu preciso criar um vínculo com a criança para que ela aprenda.” Entrevistado C (Apêndice III, item 9).*

A comunicação, apesar de ser considerada um instrumento, não é caracterizada pelos professores assim, e sim como algo que só é eficaz após uma interatividade. Sendo assim, será possível dizer que o fenômeno comunicacional possui tamanha importância ao ponto de interferir na educação? No próximo bloco essa questão será analisada.

## 5.2. Comunicação pode interferir na educação?

Mesmo apontando a comunicação como um instrumento, foi percebido que ela não se restringe a isso, em primeiro lugar porque, na visão dos professores, para que ocorra uma boa comunicação é fundamental uma relação favorável entre as partes comunicantes. E, em segundo lugar, porque existiu um consenso em dizerem que não é possível educar sem comunicar, exaltando a comunicação como fundamental. Em outras palavras, não pode ser percebida somente como um instrumento.

Para mais, também houve uma concordância em perceberem uma necessidade de parceria entre ambas, pois o argumento utilizado pelos professores é de que o jeito de conversar e dialogar podem interferir na efetividade da educação.

*“Acho que (comunicação e educação) andam juntos. Não tem como educar sem comunicar. Não tem como explicar e esperar que entendam sozinhos, é necessária uma relação, uma interação para que eles aprendam. Senão não irão aprender.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 10).*

*“Você precisa saber comunicar com eles, ter esse contato, para dar certo.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 31).*

*“E para educar você precisa aprender a se comunicar.” Entrevistado B (Apêndice II, item 13).*

*“Através do educar e comunicar, vai criar um vínculo com ele, gerar um respeito, um diálogo, acho que é mais essa parte” Entrevistado D (Apêndice IV, item 6).*

*“Não tem como você educar sem se comunicar.” Entrevistado C (Apêndice III, item 9).*

*“A forma como eu transmito a mensagem é de fundamental importância para a efetividade do conhecimento. Em cada sala eu tenho que transmitir de uma forma diferente.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 11).*

*“Comunicar eu acho que é tudo, ainda mais dentro da sala de aula com o aluno.” Entrevistado D (Apêndice IV, item 5).*

*“Para mim os dois (comunicação e educação) andam juntos.” Entrevistado E (Apêndice V, item 21).*

*“Tem que ter essa parceria (entre a comunicação e a educação). Acho que andam juntos.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 27).*

*“A comunicação e a educação não têm dois caminhos, para mim eles tem que andar juntos. Na minha cabeça os dois andam juntos.” Entrevistado E (Apêndice V, item 21).*

*“A pedagogia tendo como objeto de estudo a educação, o ensino em si, não tem como você trabalhar como pedagogo sem comunicar com seu aluno.” Entrevistado C (Apêndice III, item 10).*

*“Todas as esferas da educação que a pedagogia atende, a comunicação é essencial.” Entrevistado C (Apêndice III, item 10).*

*“O tom de voz, a maneira que você fala, tudo isso interfere na educação. Não é só você chegar e falar.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 31).*

*“O modo de comunicar na educação é fundamental.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 31).*

*“Acho que a forma de comunicar interfere muito na educação.” Entrevistado G (Apêndice VII, item 20).*

As entrevistas evidenciaram que os professores percebem que a educação bem-feita procede da conquista de uma boa comunicação, que para eles, é advinda de práticas e experiências em sala de aula, e no decorrer do aprofundamento no mundo do aluno, o percebendo como um todo. Em síntese, explicam que a comunicação só consegue ser boa com suporte da prática, ou seja, é com a experiência adquirida na sala de aula que o professor saberá qual a melhor forma de comunicar para educar. O argumento usado por eles é de que a pedagogia não enfoca em como devem comunicar para educar.

*“Mas isso é só aprendendo na prática mesmo, porque cada um coloca no papel tudo bonito e muito fácil, mas na prática é outra coisa. E na prática que a gente aprende, no dia a dia.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 29).*

*“Comunicação e a educação estão juntas, e com a experiência que a gente vai ganhando, a gente vai vendo qual a melhor forma de comunicar para educar.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 8).*

*“E daí fui ganhando experiência de quais as melhores formas de comunicar com eles para educar.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 16).*

*“A comunicação só se efetiva com a experiência” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 8).*

Além da comunicação verbal, possuem a visão de que a comunicação não verbal detém muita relevância em sala de aula, como gestos, olhares, movimentos e postura corporal. Percebem a comunicação não verbal como fundamental para melhor aprendizado, principalmente após já existir experiência e uma aproximação entre professores e alunos.

*“Tem menino que eu olho, vejo que ele não está bem, faço uma brincadeira e ele melhora, presta mais atenção na aula. E eu gosto tanto dessa conexão, eu amo o que faço.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 11).*

*“A comunicação visual também, pois o seu corpo fala, se você está triste, se você está alegre. Então você pode comunicar através da fala, do gesto.” Entrevistado B (Apêndice II, item 13).*

*“A linguagem em si. Tudo isso é comunicação. É um todo. Você chega, vê que a pessoa não está bem só pelo olhar dela, isso é comunicação.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 19).*

*“A maioria não pergunta nada (na sala). Mas eu vejo pelos seus olhares se entenderam ou não e eu retomo lá no conteúdo para tentar explicar de outra forma.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 11).*

*“Eu chego na sala de aula eu olho para cada um deles, eu sei quando eles estão com problema, pelo olhar. A gente passa a conhecer.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 10).*

*“Muitas vezes a gente olha para uma pessoa, tipo meus alunos, às vezes eles me olham e falam “professor eu sei que a senhora está brava”, só de olhar eles já sabem, então eles entenderam a minha comunicação.” Entrevistado G (Apêndice VII, item 14).*

*“E o interessante são as nossas experiências de saber quando que o aluno precisa de uma conversa que não é relacionada com a matéria, e isso é comunicação. É tão gostosa essa relação, essa conexão.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 5).*

Em resumo, consideram que a comunicação é fundamental e parceira do ensino-aprendizagem, sendo verbal ou não, ambas fazem parte do especificamente comunicacional em sala de aula. A comunicação não como instrumento, mas que necessita de uma boa relação para que dê certo:

*“Eu preciso criar um vínculo com a criança para que ela aprenda.” Entrevistado C (Apêndice III, item 9).*

*“Eu tenho muitas referências do Paulo Freire. Ele fala muito sobre a comunicação que você tem que ter com o aluno. Sobre conhecer o contexto do aluno para julgar o aluno da forma correta.” Entrevistado F (Apêndice VI).*

*“Tem Paulo Freire que fala muito da comunicação, das fases de desenvolvimento, de como você deve proceder com cada criança.” Entrevistado B (Apêndice II, item 12).*

*“Eu busco entender aquele aluno para saber até o porquê de seus comportamentos. Gosto de sempre partir de exemplos de suas realidades para que eles entendam o conteúdo.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 9).*

*“O tempo todo tem que entrar no mundo deles, falar a linguagem deles, e eles gostam.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 21).*

*“Comunicação tem que andar junto da sensibilidade para poder funcionar e proporcionar aprendizado para as crianças” Entrevistado C (Apêndice III, item 16).*

*“Eu busco entender aquele aluno para saber até o porquê de seus comportamentos. Gosto de sempre partir de exemplos de suas realidades para que eles entendam o conteúdo.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 9).*

Não obstante, novamente, o que dizem se contradiz com o que ocorre na prática, pois apesar da consciência de que para ter uma boa comunicação é necessário adentrar no mundo do aluno e conhecer sua realidade, o que acontece é, na maioria das vezes, não prestarem atenção nos alunos. Pois, a pesquisa indicou que quase não há a sensibilidade, por parte dos professores, de perceber se o aluno está interessado, focado, ou compreendendo as suas formas de comunicabilidade.

Um exemplo foi sobre um aluno de primeiro ano, do professor A, que estava muito triste na sala de aula, sem fazer nenhuma tarefa e cabisbaixo. O professor demorou muito tempo para procurar saber o porquê de ele estar daquela forma, e quando ele foi até o aluno e perguntou, ele chorou muito dizendo que perdeu sua garrafinha e estava com sede.

Esse é um caso muito simples de ser resolvido, então se o professor tivesse percebido anteriormente, o aluno possivelmente não ficaria triste e participaria da aula. Um problema que pode ser muito simples para um adulto, ou seja, nem considerado um problema, para uma criança pode ser algo muito grande.

*29/08 - 1º ano: Criança aparenta muito triste e não conversa, não se enturma e não faz tarefa - Professor A (Apêndice XII, item 75).*

A apuração mostrou que é viável dizer que, na prática, o foco dos professores está somente em “transmitir” o conhecimento e as informações para o aluno, sem tentar perceber se a forma como ocorre a comunicação está se efetivando. Ou seja, na realidade quase não se preocupam com a comunicação feita em uma relação dual, somente em educar, negando o que haviam dito sobre a comunicação precisar andar junto da educação para que haja aprendizado concreto, pois o que mais ocorre são comunicações monológicas.

Entende-se que, às vezes, parece que o professor está dando aula para ele mesmo, por explicar ou dizer algo, sem perguntar ou interagir com os alunos, como por exemplo escrever uma frase de reflexão no quadro, ler, e só falar o que acha, sem perguntar ou fazer os alunos refletirem acima de perguntas ou discussões. Em

outros termos, algo que realmente os faça pensar, pois desta forma, foi observado que os alunos simplesmente não prestam atenção.

*08/09 - 8º ano: Termina de refletir, mas não pergunta nada a eles, não os escuta sobre a reflexão - Professor I (Apêndice XVI, item 53).*

*29/08 - 1º ano: Lê a questão com eles rapidamente e diz a resposta, sem antes perguntar - Professor A (Apêndice XII, item 63).*

*29/08 - 1º ano: Ela escreve as frases ditas no quadro, perguntando como se escreve, porém, já escrevendo - Professor A (Apêndice XII, item 19).*

Essa comunicação monológica, essa falta de aproximação do professor com o aluno gerou um claro distanciamento, que veio a provocar muitas brigas e conflitos em sala de aula. Exemplificando, o aluno não fazia as tarefas, conversa paralelamente o tempo todo e andava muito pela sala.

O problema desse distanciamento é que, aparentemente, o aluno enxergava o professor como autoritário, e assim, o desrespeitava, o ignorava e não se abria para a sua comunicabilidade:

*29/08 - 1º ano: Briga com quem começou a colorir o desenho dizendo que primeiro é a atividade - Professor A (Apêndice XII, item 58).*

*29/08 - 1º ano: Voltam para a atividade da folha sem o prof. pedir, e ele briga com eles pondo a mão na cintura - Professor A (Apêndice XII, item 53).*

*25/08 - 1º ano: Para de escrever para brigar com os meninos que estão conversando e para ver se estão escrevendo - Professor A (Apêndice XI, item 61).*

*29/08 - 1º ano: Prof. briga com quem se levanta para ir até ele mostrar - Professor A (Apêndice XII, item 67).*

*08/09 - 8º ano: Professor diz que vai pedir aluna para se retirar da sala, diz que ninguém merece, ela abre a porta e grita a moça de fora que deve ser da coordenação para conversar com a aluna - Professor I (Apêndice XVI, item 44).*

*12/09 - 8º ano: Só mais um aluno está em pé e ela grita com ele para ele se sentar - Professor I (Apêndice XVIII, item 9).*

12/09 - 8º ano: Professor termina de escrever reflexão no quadro e grita pedindo para aluno se sentar - Professor I (Apêndice XVIII, item 72).

12/09 - 9º ano: Aluno pergunta o que é para fazer e professor se irrita e diz “você não cala essa sua boca”, porém explica de novo com voz calma - Professor I (Apêndice XIX, item 46).

A forma que os professores escolheram para “controlar” os alunos, devido a esse distanciamento, que gera desprezo por parte dos estudantes, é uso de “ameaças” ou “manipulação. Esse foi um mecanismo utilizado para fazer com que os alunos fizessem o que eles queriam, como mandá-los parar de conversar e copiar do quadro (senão iriam apagar), chamar um por um para ler as respostas (eles aparentemente não gostavam), trocar alunos de lugar, anotar o nome de quem estava conversando, deixar ir ao banheiro só se fizessem a tarefa e outros.

23/08 - 1º ano: Professor chama atenção dos que estão conversando e diz que vai apagar e ditar - Professor A (Apêndice X, item 12).

23/08 - 1º ano: Muitos estão conversando paralelamente e ela ameaça chamar um por um para ler, logo param de conversar e ela cruza os braços - Professor A (Apêndice X, item 25).

23/08 - 1º ano: Professor ameaça trocar de lugar alunos que estão conversando - Professor A (Apêndice X, item 48).

25/08 - 1º ano: Professor diz que vai anotar o nome de quem está conversando - Professor A (Apêndice XI, item 48).

12/09 - 9º ano: Aluno pede para ir ao banheiro e ela o deixa ir, mas avisa que agora só vai deixar novamente se estiverem fazendo a tarefa - Professor I (Apêndice XIX, item 45).

25/08 - 1º ano: Professor fala fila por fila, qual está bonita (de acordo com quem está em pé), fila que tinha meninos em pé ela disse que estava feia, fila com quem estavam todos sentados disse que estava bonita, e todos se sentaram - Professor A (Apêndice XI, item 79).



Esse autoritarismo e distanciamento entre professor e aluno, dificulta muito o ensino-aprendizagem. Essas características fazem com que o professor seja colocado em um plano acima do aluno, o que faz com que esse último não sinta vontade de se abrir para o professor para aprender, para participar do fenômeno comunicacional, ficando imerso em seu isolamento mental.

*23/08 - 1º ano: Criança vai até o professor levando o caderno para perguntar se está fazendo certo, professor não quis olhar, disse que verá todos os cadernos depois, na hora de corrigir - Professor A (Apêndice X, item 45).*

*23/08 - 1º ano: Professor briga com alguns que já escreveram as frases que estavam lendo no quadro (agora será outra atividade) - Professor A (Apêndice X, item 49).*

*25/08 - 1º ano: Briga com alunos que estão andando na sala - Professor A (Apêndice XI, item 32).*

*25/08 - 1º ano: Alguns fazem a atividade cantando a música do soldado e ele diz para não cantar agora, somente pintar - Professor A (Apêndice XI, item 34).*

*25/08 - 1º ano: Briga com quem não fez e diz que olhará no outro dia novamente - Professor A (Apêndice XI, item 43).*

*25/08 - 1º ano: Continua brigando com quem não está pintando - Professor A (Apêndice XI, item 44).*

*25/08 - 1º ano: Crianças mostram a pintura e professor continua dizendo para eles melhorarem - Professor A (Apêndice XI, item 49).*

*25/08 - 1º ano: Criança vai até o professor reclamar sobre colega, professor não dá atenção - Professor A (Apêndice XI, item 64).*

*25/08 - 1º ano: Criança pede para ir beber água e ele fala alto “não, espera um pouco”, mas ele pede novamente e ele deixa, parecendo descrente, “vai” - Professor A (Apêndice XI, item 70).*

25/08 - 1º ano: Crianças estão brincando de cartinha e professor vai até a cadeira, briga e se irrita com eles, manda eles copiarem o que está no quadro - Professor A (Apêndice XI, item 71).

29/08 - 1º ano: Correm para retornar para a sala e prof. briga - Professor A (Apêndice XII, item 26).

29/08 - 1º ano: Passa de mesa em mesa e parece sem paciência - Professor A (Apêndice XII, item 69).

12/09 - 8º ano: Aluno pergunta o que seria “ideia principal” e ele diz que já falou tanto sobre isso, e não explica - Professor I (Apêndice XVIII, item 45).

12/09 - 8º ano: Muitos alunos nem estão com caderno aberto e ele briga pedindo para abrirem logo, aluna diz “oxi” - Professor I (Apêndice XVIII, item 51).

23/08 - 1º ano: Alguns tentam pedir para ele ir até eles para ajudar, mas ele diz que é para fazerem sozinhos e depois corrigirá - Professor A (Apêndice X, item 55)

12/09 - 9º ano: Aluna diz que não entendeu o que é para fazer, professor diz que ela está com preguiça de ler a questão - Professor I (Apêndice XIX, item 44).

29/08 - 1º ano: Prof. pede para contarem quantos alunos vieram hoje, eles e confundem nas contas e a prof. briga, fala alto com eles - Professor A (Apêndice XII, item 6).

Aliás, esse distanciamento também criou um medo do aluno pelo professor. Medo de perguntar; de falar; logo, de aprender. Alguns alunos se mostraram receosos de dizer ou fazer algo por medo do professor “A” brigar. O medo de se abrir para o educador foi muito perceptível durante as aulas observadas, tendo como exemplo a aflição de dois alunos em falar que perdeu a garrafinha de água por desconfiança de que o professor iria brigar:

29/08 - 1º ano: Criança vem até mim dizendo que perdeu a garrafinha e o pai vai brigar, queria orientação sobre o que fazer, digo para falar com o professor e ela não vai - Professor A (Apêndice XII, item 70).

29/08 - 1º ano: Outra criança vem até mim, pedir que eu a ajude a procurar sua garrafa de água e que não pode falar para o professor porque ele iria brigar com a criança. - Professor A (Apêndice XII, item 79).

29/08 - 1º ano: Duas crianças vão ao banheiro e demoram, prof. manda outra criança para ir atrás e quando chegam fica perguntando o porquê de estarem demorando, faz perguntas com a voz grossa e brigando, as crianças parecem com medo e nem souberam explicar, então o professor deixou de lado- Professor A (Apêndice XII, item 77).

Outro ponto comunicacional que gerou descobertas foi a tensão entre voz baixa e voz alta usadas pelos professores. Foi observado o tanto que estes utilizavam a voz para gritar ou falar alto, as vezes até pediam silêncio gritando, o que não aparentou ajudar muito. Pois, ocorreu que, quanto mais o professor gritava ou falava alto, mais os alunos conversavam.

23/08 - 1º ano: Voz sempre muito alta - Professor A (Apêndice X, item 11).

23/08 - 1º ano: Crianças se dispersaram, levantam-se correndo para pegar lanche e professor gritou para fazerem fila - Professor A (Apêndice X, item 15).

23/08 - 1º ano: Professor pede silêncio gritando - Professor A (Apêndice X, item 19).

23/08 - 1º ano: Crianças pedem mais suco para professor e ele grita dizendo que não tem - Professor A (Apêndice X, item 20).

23/08 - 1º ano: Professor pede silêncio gritando novamente - Professor A (Apêndice X, item 23).

23/08 - 1º ano: Enquanto isso as crianças brincam de bolinhas, tacam lápis para cima e professor briga e manda guardarem com voz alta - Professor A (Apêndice X, item 32).

23/08 - 1º ano: Estão todos conversando, e prof. grita "1,2,3 silêncio" - Professor A (Apêndice X, item 50).

23/08 - 1º ano: Professor grita as palavras já ditas novamente - Professor A (Apêndice X, item 58).

*25/08 - 1º ano: Professor possui voz sempre alta para que os alunos a ouçam (sempre tem muita conversa paralela) - Professor A (Apêndice XI, item 16).*

*25/08 - 1º ano: Ao retornarem professor grita para fazerem silêncio, fica irritada com o barulho e explica a tarefa xerocada que agora irão fazer - Professor A (Apêndice XI, item 21).*

*25/08 - 1º ano: Grita que estão muito atrasados - Professor A (Apêndice XI, item 68).*

*29/08 - 1º ano: Criança pega caderno e prof. manda guardar com voz grossa e alta - Professor A (Apêndice XII, item 31).*

*12/09 - 8º ano: Professor diz “ou” em voz alta e diz que está explicando para os colegas e precisa que “calem a boca” - Professor I (Apêndice XVIII, item 24).*

*12/09 - 8º ano: Professor grita pedindo silêncio e diz para copiarem- Professor I (Apêndice XVIII, item 67).*

*12/09 - 8º ano: Professor termina de escrever reflexão no quadro e grita pedindo para aluno se sentar - Professor I (Apêndice XVIII, item 72).*

*08/09 - 9º ano: Ele faz a chamada gritando, para que possa escutar, já que a conversa na sala está muito alta - Professor I (Apêndice XVII, item 18).*

Isto posto, nota-se que os professores gritarem para chamar a atenção dos alunos piorou as relações comunicacionais em sala de aula. Ante a observação de campo, o professor D foi o único que não gritou e nem falou alto em nenhuma das vezes observadas. Sempre optou por usar a voz normal, o que perceptivelmente fez com que os alunos o respeitassem, diferente dos professores que usavam a voz estrondosamente para pedir silêncio ou para brigar com os alunos.

*01/09 - 4º ano: Prof. pede para criança guardar figurinhas com voz calma, ela guarda - Professor D (Apêndice XIII, item 2).*

*02/09 - 4º ano: Vê aluno que está muito atrasado e diz para ir mais rápido, voz normal - Professor D (Apêndice XV, item 34).*

*02/09 - 4º ano: Prof. pede silêncio em tom de voz normal, e explica que quem terminou, ao conversarem eles atrapalham quem ainda não terminou e eles a respeitam - Professor D (Apêndice XV, item 53).*

Em condensação, percebe-se que a comunicação realmente interfere na educação. Além disso, é possível dizer que o ensino é inteiramente comunicacional, mas não aparenta valorizado. Isso ocorre em virtude de que, não é foco dos professores as melhores formas de se comunicar para educar. O cerne da educação se apresenta em transmitir as informações e conhecimento, sem analisar se o fenômeno comunicacional está se efetivando.

Sendo, a comunicação, uma parceira da educação, por conta de o ensino ter sido percebido completamente comunicacional, não se importar com de que modo está sendo a sua ocorrência em sala de aula, passa a ser uma negligência. Por isso, a seguir serão analisadas formas de aumentar as chances de ocorrer um bom fenômeno comunicacional durante os ensinamentos. Uma das maneiras analisadas é a interação positiva entre professor e aluno.

### **5.3. Importância da interação positiva em sala de aula**

Anteriormente foi visto que a forma como ocorre a comunicação em sala de aula pode ser um fator de interferência na educação. A comunicabilidade mais observada na pesquisa foi do tipo monológica (professor como único mantenedor de conhecimento), não correspondendo a uma relação que integra os alunos, os percebendo como uma massa passiva, ou um objeto.

Esse tipo de comunicabilidade foi percebido distanciando o professor do aluno, dificultando o aprendizado. No entanto, esse fato não é novo, pois nas entrevistas os professores pareceram cientes da importância de um bom relacionamento com o aluno, uma aproximação, para que haja aprendizado. Porém, na prática, as boas interações observadas foram somente em momentos fora das explicações de conteúdo.

Por isso, aqui será analisada a relevância de inter-relações entre educadores e educandos, em suma, nas situações pedagógicas. Pois, é relevante frisar que, em primeiro lugar, a falta de harmonização nas relações dos professores e alunos durante o aprendizado; e em segundo, o déficit de sensibilidade de

perceber se o aluno está interessado, e entendendo a matéria, vão contra o que é um relacionamento positivo, uma interação proveitosa em sala de aula.

O apartamento entre professor-aluno, observado nas aulas, confirma a contrariedade que existe entre o que os professores disseram nas entrevistas, sobre existir um consenso de que para que haja uma boa educação é importante que esta esteja de mãos dadas com uma boa comunicação, que vem a ocorrer a partir de relacionamentos satisfatórios em sala de aula.

Os professores falaram muito sobre a importância da sensibilidade, sobre criar vínculos e trabalhar com carinho. Inclusive, nas entrevistas, citam autores como Paulo Freire, Wallon e Gabriel Chalita para poderem referenciar suas ideias.

*“Eu tenho muitas referências do Paulo Freire. Ele fala muito sobre a comunicação que você tem que ter com o aluno. Sobre conhecer o contexto do aluno para julgar o aluno da forma correta.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 12).*

*“Tem Paulo Freire que fala muito da comunicação, das fases de desenvolvimento, de como você deve proceder com cada criança.” Entrevistado B (Apêndice II, item 14).*

*“Tem o Wallon que fala sobre afetividade, porque sem ela não há educação.” Entrevistado B (Apêndice II, item 14).*

*“Nós temos que olhar o convívio, aquele meio cultural que ele vive. Não adianta, eu não posso falar com um aluno que já tem uma experiência, que sabe a matéria, da mesma forma com aquele que não sabe nada.” Entrevistado D (Apêndice IV, item 5).*

*“Eu não trabalho só a matéria, eu trabalho o aluno num todo e isso é educar. Até porque senão eles perdem o interesse” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 5).*

*“Gabriel Chalita, tem um livro que fala de a educação estar no afeto.” Entrevistado E (Apêndice V, item 26).*

*“O filósofo Wallon afirma que não tem como educar sem afinidade, não tem jeito. Até a gente que é adulto é difícil, imagina criança.” Entrevistado C (Apêndice III, item 9).*

*“Eu percebi com o tempo o tanto que é importante trabalhar com afeto, com sensibilidade.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 30).*

Mas, como dito, educar os alunos não se restringe somente aos conteúdos e matérias, até porque para que ocorra um bom aprendizado, é essencial que haja uma boa comunicação, quer dizer, que ocorra o fenômeno comunicacional por excelência. Assim, para que dê certo, foi possível perceber que é inadmissível que haja bons relacionamentos entre professores e alunos, pois para que o aluno se abra para aprender, é necessário que ele tenha interesse nisso, e não terá caso sinta um distanciamento entre o professor e ele.

Na pesquisa, os perfis dos professores se mostraram parecidos em âmbito de como mais se relacionam em sala de aula, que é de forma homogênea. Nesse sentido, novamente indo contra o que disseram nas entrevistas, pois falavam que cada aluno é de um jeito (entendem diferentemente), então diziam ser importante existir relacionamentos heterogêneos em sala de aula. Ou seja, interações individuais, de acordo com a necessidade de cada aluno.

*“Comunicação não é aquele padrão para todos, acredito que para cada aluno a gente tem que ter uma forma de comunicar com ele.” Entrevistado D (Apêndice IV, item 5).*

*“Tem muito aluno do Maranhão, Amazonas, tribos indígenas, Pará, Tocantins. E tem muito aluno aqui que não foi alfabetizado, que não fala bem.” Entrevistado E (Apêndice V, item 16).*

*“Cada ser é único, a sala não é homogênea, é heterogênea, então é uma mistura, cada um ali é de um jeito, cada um tem um tipo de ser. Tem que colocar no lugar do outro, ter empatia na hora de comunicar.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 21).*

No entanto, as relações heterogêneas não foram constantes nas observações feitas em sala de aula, mas se mostraram muito necessárias, pois são interações únicas, de professor com aluno, valorizando as diferenças de cada um, e são positivos por gerar uma proximidade, que pode ser ligado à introdução do professor ao mundo do aluno, o que facilita a abertura entre professor-aluno, logo melhora a aprendizagem.

*23/08 - 1º ano: Passa de mesa em mesa vendo se estão fazendo - Professor A (Apêndice X, item 43).*

25/08 - 1º ano: Termina de corrigir as tarefas e chama nome por nome para buscarem seus cadernos - Professor A (Apêndice XI, item 42).

25/08 - 1º ano: Ajuda mesa por mesa quem está com mais dificuldade - Professor A (Apêndice XI, item 63).

29/08 - 1º ano: Passa de mesa em mesa falando para corrigirem os erros e elogia de quem está certo - Professor A (Apêndice XII, item 73).

29/08 - 1º ano: Senta na sua cadeira e chama alguns para tomar leitura e corrigir a tarefa de casa - Professor A (Apêndice XII, item 74).

01/09 - 4º ano: Tem um aluno com deficiência e ela vai até ele, puxa assunto enquanto os meninos copiam o poema. Muito gentil, curioso e atencioso ao falar com ele. Esse aluno tem um professor acompanhante. - Professor D (Apêndice XIII, item 14).

02/09 - 4º ano: Professor vai até o aluno com deficiência e conversa com ele com muita atenção e carinho - Professor D (Apêndice XV, item 5).

02/09 - 4º ano: Prof. pergunta um aluno porque ele estava faltando e conversam sobre - Professor D (Apêndice XV, item 6).

02/09 - 4º ano: Aluno fica com dúvida na escrita e ele vai até a mesa para ajudar - Professor D (Apêndice XV, item 36).

02/09 - 4º ano: Criança pergunta o prof. o que será o lanche, prof. conversa com ela e pergunta se está com fome, se almoçou, ela diz que não almoçou porque não deu tempo - Professor D (Apêndice XV, item 42).

02/09 - 4º ano: Aluna derruba comida no chão e professor não briga, diz que acontece e pede para que busque a vassoura para ele varrer- Professor D (Apêndice XV, item 44).

02/09 - 4º ano: Aluna leva chiclete para o professor e ele agradece - Professor D (Apêndice XV, item 50).



05/09 - 4º ano: Prof. pergunta porque aluno está mudando de lugar, ele explica que esqueceu os óculos e não está conseguindo ver o quadro, daí deixa ele mudar de lugar e explica que não podem mudar de lugar sem ela deixar- Professor D (Apêndice XIV, item 8).

05/09 - 4º ano: Pergunta aluna que ainda está na tarefa do poema de português se ela terminou e até agora não terminou- Professor D (Apêndice XIV, item 79).

08/09 - 8º ano: Prof. entra na sala e conversa com alguns da frente e pergunta como estão, porque alguns faltaram na terça - Professor I (Apêndice XVI, item 3).

08/09 - 8º ano: Professor ri e conversa com os alunos da frente - Professor I (Apêndice XVI, item 17).

08/09 - 8º ano: Prof. pergunta aluna se a irmã dela estuda aqui e continua uma conversa mais íntima com ela - Professor I (Apêndice XVI, item 20).

08/09 - 8º ano: Elogia a produção textual dessa mesma menina na frente das colegas, carinhosamente - Professor I (Apêndice XVI, item 21).

08/09 - 8º ano: Menina está dormindo com cabeça baixa e prof. vai até sua mesa conversar com ela - Professor I (Apêndice XVI, item 36).

12/09 - 8º ano: Prof. elogia cabelo novo de aluna - Professor I (Apêndice XVIII, item 8).

12/09 - 8º ano: Aluna se explica que não veio na última aula porque foi tirar sangue - Professor I (Apêndice XVIII, item 14).

12/09 - 9º ano: Prof. conversa com aluno e pergunta porque ele não quer participar- Professor I (Apêndice XIX, item 22).

12/09 - 9º ano: Aluna chama o professor e ele vai até ela para explicar de novo a tarefa - Professor I (Apêndice XIX, item 47).

12/09 - 9º ano: Ele passa em algumas mesas e vê que aluno está fazendo a tarefa e diz “que gracinha”. Conversa com ele, procura saber por que está faltando tanto - Professor I (Apêndice XIX, item 57).

12/09 - 9º ano: Aluna que disse que estava muito triste anteriormente vai até o professor e dá um abraço nele - Professor I (Apêndice XIX, item 60).

Essas interações positivas, como citado, não ocorreram tanto quanto as relações homogêneas (que tratam os alunos como um objeto, uma massa indistinta). Isso aconteceu porque as principais relações de afetividade não foram feitas em participação com as matérias e conteúdo, ocorreram em momentos de descontração.

É importante ilustrar essas interações positivas com o que os professores disseram nas entrevistas, principalmente sobre gostarem de ensinar para além de conteúdo, ou seja, usar o ensino como transformador social, abrangendo orientar o lado mais humano, como amor, respeito, reflexão e valores.

*“E eu tento trabalhar isso com eles, esse lado de ser humano, de saber respeitar, a questão de amor. Não trabalho só a minha disciplina que é português, mas também trabalho outras coisas.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 10).*

*“Sempre tive vontade de ser professor, porque na minha cabeça o que pode mudar o mundo é a educação” Entrevistado D (Apêndice IV, item 2).*

*“Gosto de trabalhar os valores com eles” Entrevistado I (Apêndice IX, item 10).*

*“O desejo de ensinar, a vontade de poder contribuir como um objeto de transformação social que é a figura do professor na sala. Mas não como um professor que passa só por passar. Eu sempre tive esse ideal.” Entrevistado C (Apêndice III, item 4).*

*“E aqui na sala eu estímulo eles a pensarem, a refletirem e a compreenderem o mundo em que vivem. Não é só chegar e ensinar fazer uma conta, interpretar um problema, produzir um textinho, eu os ensino a aprenderem o mundo em que vivem.” Entrevistado C (Apêndice III, item 6).*

01/09 - 4º ano: Prof. pergunta se estão lembrando de agradecer quando recebem o lanche - Professor D (Apêndice XIII, item 55).

01/09 - 4º ano: Prof. fala para olharem a sala e diz que está limpinha, assim não devem sujar - Professor D (Apêndice XIII, item 34).

E apesar de essas relações positivas e esses ensinamentos para além do conteúdo serem importantes, os relacionamentos bons também são necessários em situações pedagógicas, o que quase não ocorre. Pois, é de suma importância a existência de afetividade para além dos momentos de tranquilidade da aula. Ela precisa estar presente nas explicações das disciplinas, para que exista uma sensibilidade, por parte do professor, em perceber se o aluno está aprendendo.

Portanto, verificou-se através da pesquisa que é imprescindível que sobrevenha uma aproximação entre professor-aluno, com o propósito de o aluno sentir interesse em se abrir para a comunicabilidade do professor, participando do fenômeno comunicacional. Caso contrário, se a afetividade estiver somente nos momentos de lazer, e não nas exposições de conteúdo, será difícil do aluno querer aprender, e de saber se ele está entendendo e aprendendo.

Afetividade fora das explicações gera aproximação entre os professores e alunos, mas não ao ponto de prestarem atenção na aula. Dessa forma, é relevante observar que é preciso ter afetividade inclusive e principalmente durante os discursos, instruções, explanações e outros. O professor I é um exemplo disso, pois apesar de procurar ser colega dos alunos, entrar no mundo deles e ser gentil, isso só ocorria em momentos de tranquilidade, e não quando estava lecionando.

O professor "I", quando estava ministrando o conteúdo, possuía uma comunicação monológica e unidirecional, não interagia com os alunos, não focava em perceber se estavam entendendo ou aprendendo. Em consequência, isso fazia com que os alunos parecessem se sentir presos em sala de aula, não pareciam se interessar, muito menos se abrir para aprender, pois eram inquietos, conversavam muito e brincavam durante a aula, gerando conflitos com o professor.

Um exemplo da relevância dos relacionamentos positivos em sala de aula é a enorme vontade, por parte dos alunos, de serem notados, ouvidos e valorizados. Muitas das vezes, parecia que falavam ou faziam coisas só para que fossem percebidos. Por isso que, ao serem distanciados do professor durante a explanação das matérias, ao sentirem que ele é uma pessoa autoritária; que não se abre para uma aproximação, discussão do conteúdo; que a relação não é positiva, dual e dialética, o ensino fica comprometido.

Alguns exemplos de quererem ser notados e integrados na aula podem ser percebidos em alguns detalhes, como por pedirem para apagar o quadro ou entregar os cadernos (para ajudarem); levar os desenhos e atividades até o professor para

ganhar elogios e querer mostrar que sabem fazer a tarefa, para possivelmente serem exaltados:

*29/08 - 1º ano: Alguns dizem que sabem contar mais que 50 e contam - Professor A (Apêndice XII, item 5).*

*23/08 - 1º ano: Crianças brigam para ver quem vai apagar o quadro, professor escolhe o que não tinha ido anteriormente. Crianças pedem para ajudar a entregar os cadernos - Professor A (Apêndice XII, item 33).*

*25/08 - 1º ano: Ao terminarem de comer, alguns alunos pedem para apagar o quadro e professor deixa - Professor A (Apêndice XI, item 19).*

*25/08 - 1º ano: Falam de suas vidas para mim como se eu conhecesse todos de suas famílias, como se eu fosse conhecida deles - Professor A (Apêndice XI, item 47).*

*25/08 - 1º ano: Crianças trazem os desenhos até mim para ganharem elogios - Professor A (Apêndice XI, item 66).*

*25/08 - 1º ano: Saio para ir embora e vários alunos se levantam para me abraçar e dizer tchau - Professor A (Apêndice XI, item 81).*

*29/08 - 1º ano: Cheguei na sala e logo fui bem recebida pelos alunos, com abraços - Professor A (Apêndice XII, item 2).*

*29/08 - 1º ano: Criança diz que só faltam 2 meses para seu aniversário e prof. nem responde (só balança a cabeça como positivo) - Professor A (Apêndice XII, item 11).*

*29/08 - 1º ano: Criança levanta a mão e se levanta de ansiedade esperando a professor deixá-la falar - Professor A (Apêndice XII, item 18).*

*29/08 - 1º ano: Criança grita querendo atenção - Professor A (Apêndice XII, item 68).*

*02/09 - 4º ano: Um aluno diz sobre a árvore do poema ser a árvore preferida de sua mãe (ipê amarelo), prof. responde sem muito interesse- Professor D (Apêndice XV, item 13).*

Ficou muito claro, a partir das observações feitas em sala de aula, o quanto os alunos querem e precisam se sentir integrados na aula, nas explicações, cada um do seu jeito e com sua individualidade, para que haja interesse em participar, curiosidade e vontade de se abrir para aprender. Ao contrário ficam em seu isolamento mental, e isso pode se manifestar de diferentes formas, como por meio da ansiedade, inquietude, dificuldade em aprender, confusão e desinteresse.

Inclusive, foi observado na pesquisa, um forte interesse e curiosidade em ouvir os avisos explicativos e de contextualização da aula ou atividade. De alguma forma, esses tipos de comunicabilidade os deixavam mais integrados à aula, faziam com que prestassem mais atenção no que o professor dizia, pois ficavam calados e atentos para ouvir.

Ou seja, foi constatado que os alunos, realmente, prestam mais atenção nas aulas quando se sentem imersos nela, quando o professor mostra que aquela relação é dialética e conjunta, como por exemplo quando os professores avisavam o que iriam fazer no momento, ou no decorrer da aula.

*01/09 - 4º ano: Agora o professor avisa que farão correção da prova de português e pede para escreverem o cabeçalho primeiro- Professor D (Apêndice XIII, item 25).*

*01/09 - 4º ano: Prof. explica o que irão fazer- Professor D (Apêndice XIII, item 8).*

*05/09 - 4º ano: Explica que hoje não iniciarão a aula com caligrafia, e sim farão um poema sozinhos em casa com tema livre, então escreverá no quadro o que é um poema e como se faz. Pede para pegarem o caderno de português. - Professor D (Apêndice XIV, item 5).*

*05/09 - 4º ano: Ao escrever o poema explica que agora está escrevendo o poema e que agora é linha embaixo de linha - Professor D (Apêndice XIV, item 16).*

*05/09 - 4º ano: Diz que quando encher o quadro irá apagar a primeira parte, ela ainda está no meio do quadro, isso foi só um aviso para não enrolarem - Professor D (Apêndice XIV, item 17).*

*05/09 - 4º ano: Professor lê a questão e pede para olharem no livro enquanto ele lê, para saberem como se escreve o número, pois disse que na prova alunos erraram como se escrevia o número - Professor D (Apêndice XIV, item 75).*

*08/09 - 9º ano: Diz que não passará reflexão hoje porque não iniciará conteúdo, só vai corrigir a tarefa - Professor I (Apêndice XVII, item 39).*

Com isso, foi capaz identificar que as relações feitas somente homogeneamente (para a turma como um todo), por meio de uma comunicação monológica (sem interação positiva); sem ligar para o fato de que cada aluno aprende de uma forma (cada um possui sua individualidade); sem haver uma aproximação, afetividade e sensibilidade para notar os semblantes dos alunos (entender se a forma como ocorre a comunicação é a melhor); tudo isso implica na educação efetiva. E tudo isso envolve o especificamente comunicacional na relação professor-aluno, pois é através da comunicação que há o firmamento, ou não, da aprendizagem.

Dessa forma, sem uma boa interação em sala de aula, como saber se realmente há aprendizagem? Pois, a maioria da turma não participa das aulas. Nesse sentido, dos três professores observados, o que mais se difere é o professor “D”, pois foi percebido que mesmo que suas perguntas e explicações sejam, na maioria, homogêneas (assim como os outros), ele fica atento aos rostos dos alunos para conferir o que está acontecendo.

*02/09 - 4º ano: Prof. espera todos terminarem e fica perguntando nome por nome para se atualizar de quem ainda está fazendo, enquanto isso fica na porta conversando com outra professora do lado - Professor D (Apêndice XV, item 54).*

*02/09 - 4º ano: Aluno está com lápis ruim e ele percebe e busca um novo para ele copiar - Professor D (Apêndice XV, item 18).*

*01/09 - 4º ano: Prof. corrige os cadernos olhando para a turma e percebe que tem um aluno com dificuldade de enxergar o quadro, então pergunta se ele quer sentar-se mais à frente para copiar - Professor D (Apêndice XIII, item 20).*

*01/09 - 4º ano: Criança tosse e prof. pergunta se ela quer ir beber água - Professor D (Apêndice XIII, item 7).*

Além disso, a forma como o professor “D” explica é diferente da dos outros, é calma, e sempre dando ênfases em palavras que geram um maior entendimento,

dando muitos exemplos, e assim faz com que os alunos pareçam entender e participam mais da aula.

*05/09 - 4º ano: Prof. começa a ler a questão e dá ênfase quando lê o número do Problema, escreve o número do quadro, pergunta se é adição, subtração, e eles dizem “subtração”, e então fazem a conta juntos, bem devagar - Professor D (Apêndice XIV, item 59).*

*05/09 - 4º ano: Continua corrigindo as questões de matemática, mas agora são questões de adição. Ele explica que quando se diz em adição é adicionar, então pergunta se é mais ou menos e alguns respondem “mais” - Professor D (Apêndice XIV, item 74).*

*05/09 - 4º ano: A maioria da turma participa das perguntas que o prof. faz durante a explicação da questão - Professor D (Apêndice XIV, item 60).*

*05/09 - 4º ano: Vai escrevendo no quadro os números e eles vão ajudando dizendo e fazendo a conta juntos - Professor D (Apêndice XIV, item 69).*

*05/09 - 4º ano: Quando o prof. dá a resposta alguns dizem “acertei” - Professor D (Apêndice XIV, item 63).*

*05/09 - 4º ano: Próxima conta, pergunta se é adição ou subtração, dizem “subtração” e falam qual deve ser a conta - Professor D (Apêndice XIV, item 64).*

*05/09 - 4º ano: Fazem a conta juntos - Professor D (Apêndice XIV, item 65).*

Ou seja, é possível perceber que umas das formas de fazer o aluno se abrir mais para o fenômeno comunicacional em sala de aula, a fim de conseguirem produzir sentido através das explicações dos professores e, logo aprender, é explicar calmamente, deixando claro o que está querendo dizer através de ênfases em palavras que ajudam a melhorar a compreensão e com exemplos de acordo com a realidade dos alunos.

*01/09 - 4º ano: Criança pergunta o que é a palavra tchau, e prof. explica o que é e como se escreve, ele diz que entendeu - Professor D (Apêndice XIII, item 30).*

*05/09 - 4º ano: Aluno pergunta se adição é “mais” e prof. pergunta carinhosamente “se deu branco”, e diz que adição é adicionar, daí ele se lembra que é mais. - Professor D (Apêndice XIV, item 53).*

A pesquisa mostrou há uma grande afetividade nas ações e falas dos professores com os alunos e vice-versa. Pode-se ver que utilizavam muitas frases positivas como “muito bem”, sorrisos, procuravam dar atenção e carinho. Também é visível o quanto os alunos queriam e precisavam dessa afetividade, dessa atenção. Durante as observações foi constatado que quando o aluno possui essa aproximação do professor, ele aparenta mais tranquilo, o que pode ser bom para o aprendizado.

*08/09 - 9º ano: Prof. pergunta qual a resposta e 2 alunos respondem, ela diz “muito bem” - Professor I (Apêndice XVII, item 49).*

*23/08 - 1º ano: Estão todos lendo e prof. sorri e diz “muito bem” - Professor A (Apêndice X, item 27).*

*12/09 - 8º ano: Passa por uma aluna, vista a tarefa, analisa e diz “parabéns meu amor” - Professor I (Apêndice XVIII, item 49).*

Em síntese, foi entendido o quanto é importante ficar atento às reações dos alunos (ter sensibilidade) para tentar perceber quem não entendeu o que foi dito; ser próximo do aluno para que ele se abra e se sinta bem em dizer as suas dúvidas (ter afetividade); e estar de acordo em mudar a sua comunicabilidade caso seja necessário (ter aproximação), a fim de efetivar a comunicação.

Essas características são necessárias ainda mais para perceber qual a estratégia de aula usar. Por isso, a seguir serão analisadas as estratégias e recursos didáticos usados pelos professores em aula, bem como as contradições em relação ao que falam e ao que realmente fazem na prática.

#### **5.4. As estratégias pedagógicas estão efetivando a comunicação?**

Como foi visto anteriormente, os professores possuem uma sintonia em pensar que para que haja uma boa educação é relevante que ela seja uma parceira da comunicação, mas não como instrumento e sim a partir de relacionamentos



positivos em sala de aula, porém o que ocorre, em grande maioria, são somente diálogos monológicos. Não acontece uma interação dialética, que é uma característica essencial para um relacionamento positivo em sala de aula.

Assim sendo, é perceptível que a falta de interações e relacionamentos bons nas aulas ministradas pelos professores podem prejudicar a efetividade da comunicação, mas será que as estratégias pedagógicas utilizadas também podem ser um obstáculo?

A pesquisa evidenciou que o foco, na percepção dos professores, é chamar a atenção dos estudantes para que haja uma boa aprendizagem, por isso dizem ser necessário entender e conhecer a realidade dos alunos, para saber qual estratégia usar, ou seja, uma linguagem mais formal ou informal; explicações mais diretas ou passo a passo; perguntar várias vezes se possuem dúvidas. O que mais disseram fazer foi estimular à reflexão dos alunos, trabalhar a teoria junto com aulas práticas e exemplos, e fazer com que os alunos trabalhem em grupo, pois consideram que é uma boa estratégia para melhorar o aprendizado.

*“E eu gosto muito de dar exemplos e fazer na prática, acho que é uma ótima maneira de fazer com que eles compreendam.” Entrevistado C (Apêndice III, item 10).*

*“Eu estímulo eles a pensarem, a refletirem e a compreenderem o mundo em que vivem. Não é só chegar e ensinar fazer uma conta, interpretar um problema, produzir um textinho, eu os ensino a aprenderem o mundo em que vivem.” Entrevistado C (Apêndice III, item 6).*

*“Quando estou explicando na sala de aula, eu pergunto várias vezes se eles entenderam, se tem dúvida.” Entrevistado B (Apêndice II, item 17).*

*“Gosto muito de trabalhar em grupo na minha sala porque acho que eles aprendem mais quando se comunicam.” Entrevistado B (Apêndice II, item 17).*

*“Eu gosto de provocar a reflexão neles, porque essa modernidade faz com que eles não queiram pensar, queiram tudo pronto e eu não dou nada pronto.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 9).*

*“E se eu vejo que o aluno não está entendendo eu mudo a forma para tentar fazer com que ele aprenda, por isso gosto de olhar os cadernos e prestar atenção neles.” Entrevistado G (Apêndice VII, item 20).*

*“Na sala de aula, eu comunico formalmente, mas as vezes informal também, porque é o jeito de interagir com eles, para eles entenderem. É necessário comunicar com a pessoa de acordo com a realidade dela.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 9).*

*“Sempre que tem uma brechinha eu falo com eles sobre temas diversos, trabalho reflexão com eles” Entrevistado A (Apêndice I, item 24).*

*“Quando dou uma aula tipo, de vegetações, a gente vai para fora, as vezes vai para o córrego” Entrevistado E (Apêndice V, item 27).*

*“Aqui na escola nós fizemos uma horta. Meus alunos que fizeram. Gosto de trabalhar no concreto, é a teoria com a prática.” Entrevistado E (Apêndice V, item 27).*

Mais uma vez, o que disseram opõe-se com a realidade, pois em nenhuma das observações foi visto a formação de grupos para atividades, nem aulas práticas. No entanto, o uso de exemplos nas explicações foi usado muitas vezes pelo professor “D”, e, realmente, pareceu funcionar bem, diferentemente dos outros professores observados.

*05/09 - 4º ano: Diz o que é estrofe e diz para contarem quantas tem no poema do quadro para entenderem na prática - Professor D (Apêndice XIV, item 24).*

*05/09 - 4º ano: Explica o que é rima e dá um exemplo de acordo com o poema que escreveu no quadro - Professor D (Apêndice XIV, item 25).*

Além do uso de exemplos ter sido pouco, o estímulo à reflexão também não foi visto em nenhuma constância. A única vez que foi observada uma tentativa de estimular a reflexão foi quando o professor I escreveu uma frase reflexiva no quadro, leu em voz alta, e refletiu sozinho, sem perguntar ou interagir com a turma. A consequência disso foi que os alunos nem prestaram atenção, uma vez que aquilo não gerou interesse neles, em razão de ter sido uma comunicação monológica, feita pelo professor.

*08/09 - 8º ano: Escreve uma frase de reflexão no quadro, enquanto isso, ninguém está copiando, alguns brincando, outros andando pela sala - Professor I (Apêndice XVI, item 34).*

*08/09 - 8º ano: Termina de refletir, mas não pergunta nada a eles, não os escuta sobre a reflexão - Professor I (Apêndice XVI, item 53).*

Como os professores disseram que o foco tem de estar em chamar atenção dos alunos para que se interessem em aprender, a estratégia usada, dita por eles, é o uso de diferentes instrumentos didáticos para comunicar. Uma comunicação, em suma, trabalhada com foco em sair do tradicionalismo de livro, quadro e giz, para um maior entendimento e aprendizado.

Consideram que em cada turma deve ser usado um tipo de estratégia, ou seja, de acordo com aquela realidade. Por isso, alegam usar como recursos didáticos: tecnologia; slides; seminários; música; jogos; vídeos; caça palavras; figuras; desenhos e dança.

*“O que faz parte da educação é você trabalhar uma música, trabalhar diferenciando, trabalhar com jogos, com tecnologias. Trazer para a sala de aula o que eles conhecem, para você reproduzir com eles.” Entrevistado B (Apêndice II, item 10).*

*“Gosto de passar seminários, apresentações. Gosto de trabalhar com literatura, livros literários, textos em xerox, crônica, redações.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 23).*

*“Eu trabalho com tudo que é atual com eles, até uso slides. Gosto de mostrar publicidades, gêneros textuais, convite, jornal... não tem como fugir disso porque é atual. Nos livros até fala um pouco sobre isso, mas é bem pouco.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 15).*

*“Livro para mim é só mais um recurso, igual eu falei, eu uso de tudo, recursos audiovisuais, materiais concretos, música, dança, silabário, coisas do cotidiano deles.” Entrevistado C (Apêndice III, item 11).*

*“Com cartazes, fichas de leitura de palavrinhas simples...” Entrevistado A (Apêndice I, item 18).*

*“Percebi que é isso que chama atenção dos alunos (vídeos e coisas diferentes).”  
Entrevistado E (Apêndice V, item 27).*

Ou seja, há um consentimento que é preciso sair do tradicionalismo para que os alunos prestem mais atenção nas aulas e se interessem em participar dos fenômenos comunicacionais. Não obstante, os únicos recursos didáticos usados nas aulas observadas foram ditados, desenhos, músicas, frases, silabário, textos, poemas, caligrafia, livros e folhetos. E o modo como foram manipulados foi da forma mais simples, não fugindo do convencional.

Das 10 aulas observadas, somente uma fugiu dos padrões. Essa foi a aula do professor “A”, que usou uma música para cantar com os alunos e fazer perguntas sobre ela. Foi perceptível o quanto a música chamou a atenção dos alunos, pois todos participaram cantando e respondendo às perguntas que o professor fazia.

*25/08 - 1º ano: Musiquinha sobre Deus - borboletinha - sapo não lava o pé- galinha do vizinho - seu Lobato - a dona aranha (batem palmas cantando e todos participam) - Professor A (Apêndice XI, item 3).*

*25/08 - 1º ano: Após cantarem professor pergunta quais animais foram citados na música e eles vão se lembrando e falando - Professor A (Apêndice XI, item 3).*

*25/08 - 1º ano: Cantam a música “Marcha Soldado” juntos, em pé, e marchando. Prof. diz para colocarem mão direita na cabeça e os ensina qual é qual - Professor A (Apêndice XI, item 13).*

Essa foi a única vez que houve uma aula “diferenciada”, que saiu do tradicionalismo, mas foi o bastante para perceber que é imprescindível provocar o interesse dos alunos para que participem das aulas, das comunicabilidades, e possam aprender. Todas as outras aulas observadas não conseguiram atingir um certo nível de criatividade, pois quase não chamavam a atenção dos alunos.

O que foi muito comum nas aulas observadas, foram os professores seguirem uma rotina diária homogênea com os alunos, ou seja, quase todos os dias faziam as mesmas coisas, como orações; organização das fileiras na sala; leituras de alfabeto, “palavras mágicas”; dizer e repetir cabeçalho da escola e nome do professor; enumerações e caligrafia.

As turmas em que isso mais aconteceu foram dos professores “A” e “D”. No entanto, não faz parte das análises e discussões desta pesquisa dizer se essas ações são importantes ou não, o foco está em perceber que basear-se somente em ensinar de uma única e exclusiva forma, pode não agregar no aprendizado do aluno, por não conseguir chamar a atenção deles para as ações.

*23/08 - 1º ano: Oração no pátio da escola - Professor A (Apêndice X, item 1).*

*23/08 - 1º ano: Organização da turma nas cadeiras enfileiradas com ajuda do professor - Professor A (Apêndice X, item 2).*

*23/08 - 1º ano: Leitura do alfabeto que está em cima do quadro (voz alta dos alunos) - Professor A (Apêndice X, item 3).*

*23/08 - 1º ano: Leitura das “palavras mágicas” (por favor, obrigado...) - Professor A (Apêndice X, item 4).*

*23/08 - 1º ano: Leitura do cabeçalho da escola + nome do professor + série - Professor A (Apêndice X, item 5).*

*23/08 - 1º ano: Conta de 1 a 60 (1 ao 20: participação total; 20 ao 30 metades da sala; 30 aos 60 poucos alunos) - Professor A (Apêndice X, item 6).*

*23/08 - 1º ano: Professor fala o dia e pergunta o mês (poucos sabem) - Professor A (Apêndice X, item 7).*

*23/08 - 1º ano: Frases no quadro para exercícios de leitura e fixação - Professor A (Apêndice X, item 8).*

*29/08 - 1º ano: Enumerar até 50 com a ajuda do prof. - Professor A (Apêndice XII, item 4).*

Inclusive, essas atividades rotineiras fizeram parte da análise da quantidade de exercícios de repetição que ocorreram nas aulas. Isso significa que é muito utilizada a repetição nas salas de aula para aprendizado, de forma que o professor lê, ou diz algo, e os alunos repetem juntos. Alguns exemplos de repetição são frases, letras, sílabas, músicas, números e alfabeto.

Um dos problemas disso está em perceber que muitos alunos repetem somente no automático, sem parecer saber o que estão falando. Isso foi constatado pois, quando o professor pergunta qual a letra ou frase que acabaram de repetir (naquele mesmo momento), não sabem dizer. Ou seja, o aluno repetir não significa que ele se abriu para aquela comunicabilidade, isto é, que saiu de seu isolamento mental ao ponto de produzir algum sentido sobre aquilo.

*25/08 - 1º ano: Leem o alfabeto juntos, muitos confundem ao lerem rápido demais e professor lê devagar com eles, apontando o dedo nas letras que estão coladas acima do quadro branco - Professor A (Apêndice XI, item 5).*

*23/08 - 1º ano: Pergunta a eles como se escreve o nome da escola e poucos respondem - Professor A (Apêndice X, item 38).*

*23/08 - 1º ano: Professor pede para todos repetirem as palavras que está apontando no quadro e ajuda dizendo as primeiras sílabas - Professor A (Apêndice X, item 10).*

*23/08 - 1º ano: Professor pede para repetirem frases do quadro novamente - Professor A (Apêndice X, item 24).*

*23/08 - 1º ano: Começam a ler todos juntos, prof. aponta a palavra e eles leem junto do professor, sílaba por sílaba - Professor A (Apêndice X, item 26).*

*23/08 - 1º ano: Prof. falou as frases e repetiram - Professor A (Apêndice X, item 13).*

*01/09 - 4º ano: Prof. lê calmamente e voz normal, frase por frase e eles repetem - Professor D (Apêndice XIII, item 24).*

*23/08 - 1º ano: Conta de 1 a 60 (1 ao 20: participação total; 20 ao 30: metade da sala; 30 aos 60: poucos alunos) - Professor A (Apêndice X, item 6).*

*23/08 - 1º ano: Professor fala o dia e pergunta o mês (poucos sabem) – Professor A (Apêndice X, item 7).*

Ao perceber que não dá para saber quem está entendendo ou não, aprendendo ou não, somente a partir das repetições que são feitas homogeneamente pelos alunos, e em maioria no automático, porque quando os professores perguntavam o que acabaram de repetir, ficavam confusos. Também

não é possível saber se estão aprendendo se todas as perguntas feitas aos alunos forem de forma homogênea.

Isto levou a deduzir que, durante as observações, a maioria das perguntas foram direcionadas aos alunos como um todo, como uma massa, de forma que não deu para saber quem estava realmente entendendo ou não, dado que as perguntas homogêneas pareceram não valorizar as diferenças individuais, por não priorizar escutar os alunos de forma heterogênea. Isso ocorreu principalmente nas aulas do professor “A”, pois as suas explicações foram feitas sempre de uma forma muito rápida, sem dar exemplos e não costumava notar o aluno como um todo, como suas reações.

Além do mais, o professor A não costumou interagir com os alunos de forma específica, visto que se relacionava, em maioria, somente com o aluno que mais participava das aulas (e sempre respondia corretamente). Como por exemplo ao pedir para ler um texto da atividade, sendo que poderia dar chances para outros alunos que não participam tanto, a fim de influenciá-los a interagir mais, abrirem-se para aprender.

*25/08 - 1º ano: Pergunta quais palavras começam com a letra P, alguns acertam palavras e outros confundem dizendo palavras com B - Professor A (Apêndice XI, item 6).*

*25/08 - 1º ano: Pergunta quais palavras começam com a letra Q, e muitos dizem - Professor A (Apêndice XI, item 7).*

*25/08 - 1º ano: Prof. diz que hoje é Dia do Soldado e pergunta o que ele faz, só um aluno (o mesmo que havia respondido anteriormente) responde (corretamente) e os outros ficam confusos sem parecer saber - Professor A (Apêndice XI, item 12).*

*25/08 - 1º ano: Prof. pergunta o que o soldado está fazendo no desenho e respondem que ele está marchando - Professor A (Apêndice XI, item 36).*

*25/08 - 1º ano: Pergunta como se escreve “bonito” - Professor A (Apêndice XI, item 55).*

*29/08 - 1º ano: Pergunta o mês, só uma criança responde (a mesma que sempre responde) - Professor A (Apêndice XII, item 8).*

Ainda que as perguntas homogêneas não tenham valorizado escutar os alunos de forma heterogênea para saber se estavam entendendo, foi percebido que, como dito anteriormente, o professor “D” se diverge dos outros professores observados por ficar atento aos rostos e reações dos alunos, a fim de verificar se a sua comunicabilidade está sendo positiva.

Esse foi um ponto crucial, pois essa aproximação do professor com os alunos gerou uma boa interação, porque quando percebia que não estavam compreendendo, procurava outras formas de gerar uma boa comunicação, principalmente indo na mesa do aluno, para ajudá-lo a compreender e participar do fenômeno comunicacional.

*02/09 - 4º ano: Aluno fica com dúvida na escrita e prof. vai até a mesa ajudar - Professor D (Apêndice XV, item 36).*

*02/09 - 4º ano: Aluno não entende a palavra que está no quadro e prof. vai até sua mesa para ver qual é - Professor D (Apêndice XV, item 15).*

*02/09 - 4º ano: Aluna sente dúvida em como responder e professor vai na mesa ajudá-la - Professor D (Apêndice XV, item 57).*

Recapitulando, foi verificado que para uma atingir uma boa e abrangente educação em sala de aula é necessário relacionamentos positivos entre professores e alunos, especialmente para conseguir chamar a atenção deles. Então, é provável dizer que isso passou a ser muito mais relevante após pandemia da covid-19.

Isso é ocasionado pelas falas dos professores sobre o quanto a volta às aulas pós pandemia foi difícil, uma vez que, na percepção dos professores, os alunos voltaram muito mais dispersos, imaturos e desinteressados.

*“Voltaram muito dispersos.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 13).*

*“Depois da pandemia as crianças voltaram muito dispersas e imaturas.” Entrevistado A (Apêndice I, item 4).*

*“Eu percebi que depois da pandemia isso piorou muito. Parece que a cabeça deles estão em outro lugar.” Entrevistado A (Apêndice I, item 4).*



*“Antes havia conflitos educacionais como sempre existiu, mas os pós pandemia está muito severo, está muito sério. Parece que as pessoas estão tão perdidas, parece que perderam o foco das coisas.” Entrevistado H (Apêndice VIII, item 2).*

Foi constatado uma piora muito grande das relações comunicacionais em sala de aula. Na visão dos professores, esses dois anos de aprendizado virtual parecem não ter funcionado. Dizem que a falta do contato presencial atrapalhou muito a educação, pois agora os alunos estão com muita dificuldade de aprender e de prestar atenção, muitos passaram de série e nem sabem ler ou escrever.

*“Essa pandemia atrapalhou nós professores demais, porque só pela tela do celular não dá para ter um bom contato com o aluno.” Entrevistado D (Apêndice IV, item 4).*

*“Antes eu pegava muitas crianças que vinham da creche, então já sabiam um pouco, mas agora a maioria nunca estudou, nunca pegou em um lápis e nada.” Entrevistado A (Apêndice I, item 4).*

*“Eles também aprendiam mais rápido, e agora eu explico, passa um pouquinho eu pergunto e o menino está lá... viajando, parece que está em outro mundo.” Entrevistado A (Apêndice I, item 4).*

*“Eu tenho alunos no 4º ano que não sabem as vogais, não sabem ler.” Entrevistado D (Apêndice IV, item 3).*

As concepções dos professores de que os alunos voltaram muito mais desinteressados, inquietos e com dificuldade de aprender foram confirmadas pelas observações das aulas. Percebe-se que a quantidade de alunos que não participam das aulas é muito grande, porquanto há uma enorme falta de interesse, por parte deles, nas aulas e atividades.

*25/08 - 1º ano: Crianças estão brincando de cartinha e professor vai até a cadeira, briga e se irrita com eles, manda eles copiarem o que está no quadro - Professor A (Apêndice XI, item 71).*

*08/09 - 8º ano: Pede para levantar a mão quem fez a tarefa e 4 levantam, então pergunta por que não fizeram e ficam falando que estavam bebendo - Professor I (Apêndice XVI, item 6).*

08/09 - 8º ano: Escreve “reflexão” no quadro e pergunta se uma aluna quer fazer, ela acha que está brigando com ela, mas não está, só quer que ela faça a reflexão do dia, então a aluna grita “não” - Professor I (Apêndice XVI, item 32).

08/09 - 8º ano: Menina está dormindo com cabeça baixa e prof. vai até sua mesa conversar com ela - Professor I (Apêndice XVI, item 36).

12/09 - 8º ano: Muitos alunos nem estão com caderno aberto e ele briga pedindo para abrirem logo, aluna diz “oxi” - Professor I (Apêndice XVIII, item 51).

08/09 - 9º ano: Prof. briga com eles dizendo que fala todos os dias sobre o projeto que a escola fará e eles nunca escutam - Professor I (Apêndice XVII, item 11).

08/09 - 9º ano: Professor diz que não dá conta de continuar e interrompe a correção, explica que se conversarem baixo ela deixa, mas muito alto não consegue nem tirar a dúvida de quem quer aprender, usa voz baixa e calma - Professor I (Apêndice XVII, item 47).

12/09 - 9º ano: Professor está perdendo a paciência e muitos estão conversando - Professor I (Apêndice XIX, item 54).

08/09 - 8º ano: Professor pergunta quem terminou a folha e diz para copiar do quadro agora, voz normal, mesmo não dando para ouvir muito bem devido ao grande barulho das conversas dos alunos (ninguém diz nada) - Professor I (Apêndice XVI, item 29).

12/09 - 8º ano: Alunos brincam com a folha da atividade e ela briga dizendo que vai recolher e ficarão sem tarefa - Professor I (Apêndice XVIII, item 30).

12/09 - 8º ano: Alunos estão andando pela sala enquanto prof. escreve no quadro - Professor I (Apêndice XVIII, item 64).

08/09 - 9º ano: Professor está dando aula só para 3 pessoas da frente - Professor I (Apêndice XVII, item 42).

23/08 - 1º ano: Demoram muito tempo para copiarem do quadro, ficam pensando, olhando para cima, para os lados... - Professor A (Apêndice X, item 40).

23/08 - 1º ano: Ainda estão escrevendo o cabeçalho (muito tempo se passou), parecem não levar muito a sério - Professor A (Apêndice X, item 47).

29/08 - 1º ano: Está tendo muita conversa paralela- Professor A (Apêndice XII, item 61).

08/09 - 8º ano: Prof. pergunta se fizeram tarefa e eles perguntam qual tarefa, sem saber - Professor I (Apêndice XVI, item 5).

08/09 - 8º ano: Não estão fazendo a tarefa que ela passou, somente conversando - Professor I (Apêndice XVI, item 28).

08/09 - 8º ano: Prof. enche o quadro e pergunta quem ainda está na atividade da folha, somente 3 pessoas levantam a mão, o resto não responde, mas tem alguns que estão com fone de ouvido sem fio - Professor I (Apêndice XVI, item 48).

08/09 - 8º ano: Retoma o que falaram na última aula (orações) e pergunta se está tudo bem com essa parte e se tem dúvida, alguns dizem que está tudo bem e o resto não responde - Professor I (Apêndice XVI, item 50).

08/09 - 9º ano: Aluna pinta a unha com corretivo - Professor I (Apêndice XVII, item 38).

12/09 - 9º ano: Alguns estão fazendo a tarefa, mas alguns estão conversando sobre uma festa de som automotivo que terá em Hidrolândia - Professor I (Apêndice XIX, item 49).

As consequências desse desinteresse nas aulas, é a ansiedade e dificuldade em aprender. Os alunos se dispersavam com muita facilidade, ao ponto de andarem de um lado para o outro sem parar, conversar o tempo todo, atrapalhar a explicação para dizer algo que não tem a ver com a aula e outros.

05/09 - 4º ano: Briga com aluno que está contando quantas carteiras estão na sala enquanto ela está explicando a matéria, diz que ele está disperso e não vai aprender - Professor D (Apêndice XIV, item 73).

08/09 - 9º ano: *Pede aluno para sentar-se “por favor” - Professor I (Apêndice XVII, item 24).*

12/09 - 9º ano: *Professor está perdendo a paciência e muitos estão conversando - Professor I (Apêndice XIX, item 54).*

23/08 - 1º ano: *Crianças se dispersaram, levantam-se correndo para pegar lanche e a professor gritou para fazerem fila - Professor A (Apêndice X, item 15).*

23/08 - 1º ano: *Estão conversando, alguns escrevendo em pé, alguns descalços - Professor A (Apêndice X, item 39).*

23/08 - 1º ano: *Param de conversar por alguns segundos e tudo começa novamente - Professor A (Apêndice X, item 51).*

23/08 - 1º ano: *Muita conversa confusa e paralela entre os alunos - Professor A (Apêndice X, item 60).*

25/08 - 1º ano: *Apontam o lápis o tempo todo - Professor A (Apêndice XI, item 76).*

29/08 - 1º ano: *Crianças conversam paralelamente e algumas andam de um lado para outro - Professor A (Apêndice XII, item 20).*

29/08 - 1º ano: *Correm para retornar para a sala e a prof. briga - Professor A (Apêndice XII, item 26).*

05/09 - 4º ano: *Muitos alunos estão olhando para o lado perdidos, mastigando chiclete e já não estão prestando atenção como antes- Professor D (Apêndice XIV, item 82).*

12/09 - 8º ano: *Estão completamente inquietos - Professor I (Apêndice XVIII, item 26).*

12/09 - 8º ano: *Aluno pede para ir ao banheiro e prof. deixa, porém outra aluna o vê lá fora e diz que ele está no sétimo ano conversando com outros alunos, professor não faz nada - Professor I (Apêndice XVIII, item 56).*

12/09 - 8º ano: *Alunos escutam música, conversam entre si, andam pela sala - Professor I (Apêndice XVIII, item 65).*

08/09 - 9º ano: Aluno derruba água e pede para pegar água, outro aluno diz “olha a estratégia dela pra sair da sala” - Professor I (Apêndice XVII, item 30).

08/09 - 9º ano: Aluno fica gritando “olha o lanche”, como se tivesse chegado, mas não chegou - Professor I (Apêndice XVII, item 31).

Por isso que, ao juntar a inquietude e o desinteresse, a desordem esteve presente na maior parte do tempo, inibindo os professores de darem aula, e fazendo com que a maior parte do tempo fosse para solicitar que o aluno parasse de fazer bagunça, conversar, andar pela sala e rir alto.

08/09 - 8º ano: Alunos tacam objetos no outro e prof. briga com voz normal, diz que está impossível de dar aula com esse aluno, diz para parar e ainda usa “meu bem” - Professor I (Apêndice XVI, item 37).

08/09 - 8º ano: Acertou uma menina e ela briga brava, xinga e taca de volta com muita força, e o professor não diz nada. Aluna diz que professor não diz nada, e daí ele fala rápido e grosso, porém voz baixa que está cansado de falar sobre respeito e educação todos os dias e ninguém melhora, diz que tem tarefa para fazer e copiar e eles que não querem fazer, então a conversa diminui na sala - Professor I (Apêndice XVI, item 38).

08/09 - 8º ano: Professor diz que vai pedir aluna para se retirar da sala, diz que ninguém merece, ela abre a porta e grita a moça de fora que deve ser da coordenação para conversar com a aluna que só fica conversando alto e rindo alto, professor pergunta porque ela tá fazendo isso na aula dela, gritando tanto e sem fazer tarefa, então ela grita para os colegas perguntando se ela está atrapalhando e todos começam a gritar barulhos estranhos, zoando ela, então ela sai da sala pra coordenação- Professor I (Apêndice XVI, item 44).

08/09 - 9º ano: Prof. diz que precisa conversar com eles e eles param de conversar, diz que estão muito teimosos e os professores não estão aguentando, pede por favor para eles tentarem fazer menos barulho, depois diz quem sou e pede para eu falar um pouco de mim para os alunos- Professor I (Apêndice XVII, item 5).

08/09 - 9º ano: Professor diz que não dá conta de continuar e interrompe a correção, explica que se conversarem baixo ela deixa, mas muito alto não consegue nem tirar

*a dúvida de quem quer aprender, usa voz baixa e calma - Professor I (Apêndice XVII, item 47).*

*12/09 - 8º ano: A sala tem muitos chicletes pregados no teto - Professor I (Apêndice XVIII, item 70).*

*08/09 - 9º ano: Diz que não ficará “me mantando” no quadro enquanto eles conversam tão alto - Professor I (Apêndice XVII, item 54).*

*12/09 - 9º ano: Alguém tacou uma bolinha de papel nas minhas costas, eu não falei nada- Professor I (Apêndice XIX, item 5).*

Constatado que, com a pandemia, as relações comunicacionais com os alunos pioraram e voltaram muito mais desinteressados e dispersos, passa a ser muito mais importante a busca por formas de fazer o aluno se abrir para aprender, se distanciar de sua “solidão mental”. Ou seja, é acreditável que, mais do que nunca, vem a ser primordial o que os professores disseram sobre as aulas precisarem escapar do tradicionalismo para chamar a atenção dos alunos, com desígnio de despertar o interesse dos estudantes para participar do fenômeno comunicacional.

Até porque, as formas tradicionais de dar aula, das quais não despertam curiosidade dos alunos, dificulta suas aberturas para as comunicabilidades do professor, e conseqüentemente a aula não consegue ser produtiva. Pois, o desinteresse e inquietude farão com que o professor não consiga dar a sua aula.

Alguns exemplos para ilustrar esse fato foram duas aulas do professor I, um em que, em uma aula inteira só foi escrita uma frase de reflexão no quadro, e nada mais. E outro, que ocorreu em outro dia, no qual foi necessário que o professor parasse a correção da tarefa do quadro, pois ninguém queria participar.

*12/09 - 8º ano: Aula acabou e nem deu tempo de fazer correção no quadro, só escreveu a reflexão - Professor I (Apêndice XVIII, item 76).*

*08/09 - 9º ano: Professor parou a correção, porque ninguém queria participar e estavam conversando muito alto - Professor I (Apêndice XVII, item 59).*

Outro ponto chave mostrado pela pesquisa é que se a aula não conseguir despertar o interesse do aluno para participar dos fenômenos comunicacionais a fim de aprender, ele irá procurar outra coisa para prender a sua atenção, e essa “coisa”

foi o uso contínuo e frequente do celular dentro da sala de aula, sem a permissão do professor. Mesmo sendo proibido, alguns escutavam música pelo fone de ouvido (alguns fones com fio e outros sem), outros ficavam só mexendo no telefone móvel, não prestando atenção na aula, ou no que o professor estava dizendo.

*08/09 - 8º ano: Começa a explicar as vozes do verbo, diz sobre a voz ativa e dá um exemplo de o que é a voz ativa e logo passa para a voz passiva, tudo muito rápido, enquanto isso alguns copiam do quadro, e mexem no celular- Professor I (Apêndice XVI, item 54).*

*08/09 - 8º ano: Alguns alunos mexem no celular sem o professor ver - Professor I (Apêndice XVI, item 13).*

*08/09 - 8º ano: Aluno está de fone de ouvido sem fio - Professor I (Apêndice XVI, item 16).*

*08/09 - 8º ano: Poucos alunos estão fazendo a tarefa da folha, maioria está conversando entre si ou mexendo no celular - Professor I (Apêndice XVI, item 24).*

*08/09 - 8º ano: Alunos continuam mexendo no celular enquanto professor enche o quadro de informações - Professor I (Apêndice XVI, item 46).*

*12/09 - 8º ano: Alguns alunos estão com fone de ouvido com fio também - Professor I (Apêndice XVIII, item 50).*

*12/09 - 8º ano: Alunos escutam música, conversam entre si, andam pela sala - Professor I (Apêndice XVIII, item 65).*

*08/09 - 9º ano: Alunos mexem no celular - Professor I (Apêndice XVII, item 19).*

*08/09 - 9º ano: Os alunos estão mexendo no celular, brincando e conversando, não estão prestando atenção na correção e nem corrigindo - Professor I (Apêndice XVII, item 46).*

*08/09 - 9º ano: Enquanto prof. se abre para eles, eles ficam em silêncio, mas alguns estão mexendo no celular - Professor I (Apêndice XVII, item 46).*

Uma curiosidade percebida é que os alunos não pareciam se importar se o professor iria brigar ou não. Até porque, houve muitas vezes em que o professor “I” viu que os alunos estavam mexendo no celular, ou ouvindo música e não brigou. A hipótese criada é de que o professor cansou de competir com o celular para chamar a atenção do aluno.

*12/09 - 8º ano: Professor passa até um aluno com fone de ouvido e pergunta se ele fez a tarefa e diz: “você copiou amorzinho”. Ele tira o fone para escutar e dar atenção para ela. Não briga pelo fone de ouvido e nem pede para retirar - Professor I (Apêndice XVIII, item 31).*

Portanto, após as análises das estratégias pedagógicas dos professores observados, é possível concluir que podem estar sendo um obstáculo para a efetividade da comunicação em sala de aula, uma vez que percebem o quanto o aluno precisa de instrumentos que provoquem sua atenção e curiosidade para participar das aulas, mas continuam com um certo tradicionalismo que inibe a participação do aluno para as comunicabilidades do professor, enfim, para o fenômeno comunicacional.

A partir disso, a seguir serão analisadas as relações das estratégias e recursos pedagógicos com a perspectiva de um ensino educacional defasado para a realidade do século XXI.

### **5.5. Hipóteses de um ensino educacional brasileiro defasado**

Visto que as estratégias comunicacionais usadas em sala de aula podem estar sendo um empecilho para a efetividade da educação, passa a ser necessário analisar as hipóteses de o ensino educacional brasileiro estar defasado. O ponto focal da pesquisa não está em analisar se os conteúdos ministrados estão obsoletos, e sim as comunicabilidades existentes em sala de aula, e em outras palavras, os fenômenos comunicacionais, ressaltando a hipótese do trabalho de que o especificamente comunicacional entre professor-aluno não está sendo agregador para a efetividade do ensino.

Assim sendo, a principal ideia trazida pelos professores nas entrevistas é de que o ensino realmente está defasado, na medida em que reconhecem a escola pública do século XXI como uma instituição arcaica, na qual os livros didáticos não



condizem com a realidade, e as aulas tradicionais causam preguiça e falta de atenção nos alunos.

*“Não gosto de ficar presa no livro didático. Gosto de pegar coisas mais atuais na internet para trabalhar com eles, já que os livros não trazem muito disso.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 14).*

*“Percebi que o livro era muito limitado e não estava sendo bom, então eu buscava outras fontes e trazia atividades de outros autores. E daí fui vendo a melhor evolução deles. E daí fui ganhando experiência de quais as melhores formas de comunicar com eles para educar.” Entrevistado F (Apêndice VI, item 16).*

*“O que faz parte da educação é você trabalhar uma música, trabalhar diferenciando, trabalhar com jogos, com tecnologias. Trazer para a sala de aula o que eles conhecem, para você reproduzir com eles.” Entrevistado B (Apêndice II, item 10).*

*“Então a pedagogia tem que se adaptar à comunicação que está no mundo hoje, porque não estamos mais limitados a livros e cadernos, hoje eles têm celulares, computadores em casa e eu até acho que isso tirou o foco deles nas salas de aula, porque se eu faço uma pergunta lá no quadro eles nem se interessam porque sabem que podem chegar em casa e pegar a resposta na internet.” Entrevistado G (Apêndice VII, item 17).*

*“O livro didático não condiz com a realidade que temos hoje.” Entrevistado B (Apêndice II, item 15).*

*“Se eu escrevo no quadro eles ficam com muita preguiça e não prestam atenção.” Entrevistado E (Apêndice V, item 23).*

*“A comunicação na internet é muito ampla e o livro é limitado. Por isso eu acho que a comunicação melhorou em alguns aspectos e em outros até atrapalhou, porque a gente pede ao aluno para ler um livro e ele fala “não professor para que vou ler se tem na internet.” Entrevistado G (Apêndice VII, item 17).*

*“Saindo da realidade de só livro de sala de aula eles aprendem muito mais.” Entrevistado B (Apêndice II, item 17).*

*“Ser educador não é ser tradicionalista, tem que analisar a forma de dialogar com essa criança ou com esse adolescente. Então eu gosto de intercalar a forma tradicional com a educação nova. Mas tem que analisar, porque na alfabetização não dá para ser apenas a educação nova, tem que ter muito da tradicional também.”* Entrevistado F (Apêndice VI, item 16).

*“Eu acho que a maioria não tem interesse nesse tipo de aula tradicionalista, que é quadro, tarefa, um atrás do outro sentadinho em fila. E eu acho que isso não faz mais parte da educação.”* Entrevistado B (Apêndice II, item 10).

*“Do portão para fora a criança tem todos os estímulos: visual, da internet. Ela sofre todos os tipos de interferências, e a escola ainda segue aquele modelo arcaico, defasado.”* Entrevistado C (Apêndice III, item 5).

*“Eu percebo que as pessoas estão caminhando meio que sem rumo, e eu percebo que isso tem influenciado principalmente na escola, porque a escola não está preparada para os alunos do século vinte e um. A escola hoje está defasada.”* Entrevistado C (Apêndice III, item 5).

*“O livro eles não gostam, é muito chato.”* Entrevistado E (Apêndice V, item 27).

*“Livro para eles é a morte”* Entrevistado E (Apêndice V, item 27).

O ensino não acompanhar a realidade do contexto da sociedade traz um grande desinteresse nos alunos. Até porque, como os alunos sentiram interesse e curiosidade em se abrir para aprender, se o mundo está imerso na tecnologia, completamente midiático, e a escola continua com um sistema de ensino antepassado? Essa noção é confirmada pela fala do Entrevistado B:

*“A BNCC fala que a escola é do século 17, o professor do século 20 e o aluno do século 21, então uma coisa não bate com a outra. Por exemplo, antigamente quadro e giz funcionavam. E hoje isso não funciona mais, estamos na era da tecnologia.”* Entrevistado B (Apêndice II, item 10).

Mesmo sabendo que a tecnologia é uma nova normalidade no mundo, não foram vistas sendo utilizadas no ensino. Os professores enfatizam o conhecimento

de uma era tecnológica, porém negam o seu uso em sala de aula, principalmente por falta de discernimento e dificuldade.

*“Hoje elas (crianças) têm um campo muito mais abrangente, com internet e informações.” Entrevistado D (Apêndice IV, item 3).*

*“Estamos na era da tecnologia, então o que vai fazer o seu aluno prestar mais atenção na aula são os recursos tecnológicos que você traz para a sala. Você dá um celular para uma criança, ela sabe mexer.” Entrevistado B (Apêndice II, item 10).*

*Não dou aula em Data Show, eu tenho muita dificuldade com isso.” Entrevistado I (Apêndice IX, item 25).*

Não usar tecnologia em sala de aula não muda o fato de que esse é um grande instrumento de chamar atenção do aluno, inclusive por ter sido mostrado nos tópicos passados o quanto os alunos mexem no celular em sala de aula, deixando de prestar atenção no que o professor expõe. Então, como concorrer com as tecnologias, para despertar a curiosidade dos alunos em sala de aula para se abrirem para aprender?

O professor C, em sua entrevista, manifestou uma fala reflexiva que pode ser usada para a pergunta acima:

*“A escola é o espelho da sociedade, e é impossível você ensinar qualquer tipo de conteúdo sem entrar no mundo que está lá fora, sem se atualizar. Todo dia as coisas mudam, se atualizam, evoluem, desenvolvem inconscientemente, e quando a gente para pensar que a gente cai a ficha. Então é importante que o professor se atualize sempre e tenha à sua disposição as ferramentas do século XXI para executar em suas aulas.” Entrevistado C (Apêndice III, item 13).*

Analisando a citação do entrevistado “C”, passa a ser quase impossível estimular a abertura do aluno para o aprendizado se a escola não acompanhar os desenvolvimentos da sociedade. Portanto, a visão trazida pelos professores em suas entrevistas, é de que necessárias atualizações na pedagogia e melhorias que estejam de acordo com a realidade da época para aumentar e melhorar o aprendizado do aluno.

A partir de todas as análises feitas, das entrevistas e observações em sala de aula, é possível chegar à resultados sobre o que há de especificamente comunicacional na relação professor-aluno. Assim, no capítulo a seguir serão abordados os vereditos da pesquisa.

## **5.6. Educação como parceira da comunicação**

A partir dos resultados advindos das entrevistas e observações em sala de aula, é perceptível que há muitas controversas em o que os professores pensam e o que realmente ocorre na prática. Em primeiro lugar, foi constatado que os professores veem a comunicação como uma parceira da educação, em que precisam andar juntas para que ocorra um bom aprendizado, confirmando que a comunicação interfere na educação.

No entanto, a caracterizam como um instrumento de transmissão de mensagens e conhecimento, mas, implicitamente a julgam como efetiva somente através de algo maior como uma relação e interação, porém, na prática a comunicação não foi vista como um relacionamento.

Isso foi certificado porque existiu uma grande falta de interação dos professores durante as explicações. Às vezes parecia que estavam dando aula para eles mesmos, por explicar ou dizer algo, sem perguntar ou interagir com os alunos, fugindo de o que disseram sobre a comunicação na sala de aula precisar estar inserida em um relacionamento positivo com o aluno. O que pode ter sido um fator agravante para que os alunos sentissem dificuldade na compreensão das atividades.

Consideraram, também, que a pedagogia não aprofunda no educar para o comunicar, então precisam recorrer às práticas e experiências em sala de aula, e adentrar no mundo do aluno, para conseguirem comunicar da melhor forma possível. Aprofundar na vida do aluno é o perceber como um todo, principalmente porque compreendem que cada um entende de uma forma, não considerando chances de existir um padrão único de comunicação na sala de aula. Com isso, precisam comunicar de forma que consigam realmente fazer os alunos entenderem.

Não obstante, as maneiras como mais foram vistas as interações em sala de aula foram de forma homogênea, ou seja, unificando as perguntas e explicações, de forma a ministrar a aula para a turma toda, como se fossem um objeto, parecendo não se importar muito se todos estavam entendendo, não percebendo quais eram as reações dos alunos às suas comunicabilidades. Essa forma de interação foi vista

como um problema, porque na maioria das vezes, os alunos não participavam das aulas, então não tinha como saber se realmente estavam entendendo ou aprendendo.

Sobre a maioria não participar das aulas, houve um consenso desse fato das entrevistas, nas quais os professores diziam que para chamar a atenção dos alunos recorriam à fuga do tradicionalismo, especialmente porque reconhecem a escola como reflexo da sociedade, sendo assim, entendem que o professor e a instituição precisam se atualizar constantemente, de acordo com as necessidades da realidade. Porém, na realidade os principais recursos didáticos usados nas relações pedagógico-comunicacionais foram ditados, desenhos, músicas, frases, silabário, textos, poemas, caligrafia, livros e folhetos, e a estratégia usada em cada um deles não fugiu do convencional.

Diante disso, a prática confirmou o que foi falado nas entrevistas, que há um desinteresse muito grande por parte dos alunos em participar das aulas e em fazer as atividades. Além do desinteresse, há um enorme grau de inquietude e desordem nas aulas, o que inibe a aprendizagem. As aulas não pareceram chamar a atenção dos alunos, pareciam não gostar do tradicionalismo que existia, como tabuada, caligrafia, cabeçalho em cada tarefa. Nas entrevistas os professores também diziam integrar os alunos, com o consentimento de que quando debatem e discutem, aprendem melhor, mas isso também não ocorreu em nenhuma das aulas observadas.

Portanto, além do tradicionalismo ter atrapalhado as chances de despertar o interesse do aluno em participar das aulas, a falta de interação do professor com o aluno também foi um obstáculo. Sendo assim, apesar de o ensino ter sido constatado como inteiramente comunicacional, houve mais incomunicabilidades que comunicabilidades.

Os alunos aparentavam sentir preguiça das aulas, uma vez que demoravam muito tempo para fazerem as tarefas (quando faziam) e o professor sempre identificava alunos viajando, brincando com lápis, papel, ouvindo música, ou mexendo no celular. O uso do telefone móvel em sala de aula, sem a permissão do professor, foi percebido com muita frequência, fazendo com que não prestassem atenção no que o professor dizia, ou seja, a comunicação não se efetivava.

Apesar da principal forma de interação ter sido homogênea, as interações individuais de afetividade mostraram-se muito importantes para a educação. Sobre

isso, esse sentimento foi visto com muita frequência em algumas turmas, sendo averiguado que onde havia mais sensibilidade, o aluno possuía uma aproximação maior do professor, afigurando-se mais tranquilo, o que pode ser bom para o aprendizado. Já onde tinha mais briga e grosseria, os estudantes tinham medo de falar com o professor e/ou apresentavam desprezo, dificultando o aprendizado.

Os momentos afetivos geraram muitos fenômenos comunicacionais, no entanto, só aconteciam em momentos de tranquilidade e distração, ou seja, quando o professor lecionava deixava a sensibilidade e aproximação do aluno de lado. Assim sendo, em relação às explicações pedagógicas, os alunos não sentiam vontade de prestar atenção, não eram puxados para entender as matérias, principalmente pela falta de interação do professor com o aluno.

As situações em que os alunos mais prestavam atenção eram quando os professores explicavam oferecendo exemplos ilustrativos, e quando atribuíam “avisos” que contextualizavam a aula. Esses avisos faziam com que escutassem o professor e parecessem compreender, ou seja, isso acontecia quando se sentiam integrados à aula. Ao contrário, nas aulas em que o professor somente “transmitia” a matéria, os alunos simplesmente não prestavam a atenção, que era o que mais acontecia.

Chegando à conclusão de que, na sala de aula, apesar da educação ter se mostrado uma atividade inteiramente comunicacional, há mais incomunicabilidade que comunicabilidade. Os momentos em que os alunos mais prestavam atenção eram aqueles que as explicações eram seguidas de exemplos e que pareciam provocar algum sentido no aluno. Voz calma e baixa também pareceu funcionar para que prestassem mais atenção, pareciam ficar curiosos em ouvir, se contrapondo com voz alta, que pareceu só fazer com que desrespeitassem mais o professor.

Apesar da afetividade em momentos fora das explicações de matérias, quando ocorriam as ocorrências pedagógicas o professor foi notado como distante do aluno, como se estivesse em primeiro plano e o aluno em segundo, não como uma relação/interação dual. Assim, da mesma forma que o professor não parecia se abrir para as reações do aluno, também não se colocava disposto a ouvi-los, fazendo com que os estudantes também não abrissem para ouvir o que o professor tinha a dizer e ensinar, não efetivando a comunicação.

Os alunos pareceram achar que, o que o professor estava dizendo não se aplicava a sua realidade, pareciam não entender aquilo. Essa foi a forma como

reagem. A falta de abertura por parte do aluno e por parte do professor. Por isso, dos três professores observados, o único que se distingue é o professor “D”, que, em todas as suas explicações, procurou exemplificar o que dizia e olhava para cada aluno para ver como reagia, e assim que via que sua afeição era de quem não estava entendendo, procurava arrumar alguma forma para mudar sua comunicabilidade a fim de que aquele indivíduo compreendesse.

O professor “D” via o aluno de acordo com suas diferenças individuais, em outras palavras, pessoa por pessoa, e não uma massa indistinta à parte de seu mundo. Portanto, no capítulo a seguir serão apontadas as conclusões desta pesquisa, podendo, então, responder à hipótese que deu origem a este estudo: A comunicação em sala de aula pode estar sendo um obstáculo para a efetividade da educação? E, também, responder ao objetivo principal da pesquisa: verificar o que há de especificamente comunicacional na relação professor-aluno dentro de uma escola básica de Hidrolândia Goiás, com a perspectiva de que para que haja uma boa educação é necessária uma comunicação mais ampla, profunda e abrangente, não somente em seu âmbito tecnicista.

## **6. EDUCAÇÃO COMUNICATIVA: A PRIORIDADE COMUNICACIONAL DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Em vista da classificação da comunicação como ciência social aplicada, e em busca das diferentes formas de comunicação contemporâneas, encontra-se uma variedade de conceitos e uma vasta produção acadêmica no que diz respeito a centralização da questão da comunicação com foco em ideias instrumentalistas e tecnicistas. Conceitos relativamente pobres, de carácter unidirecional, como manipulação de massas e meios tecnológicos de comunicação, limitadores da percepção da comunicação em um sentido mais amplo.

Não obstante, as transformações e mudanças sofridas pelo mundo despertam o interesse dos pesquisadores em buscar o especificamente comunicacional no estudo da comunicação. Trata-se, portanto, de uma busca por

uma mudança de concepção, de modo de ver o conceito de educação, a partir do comunicacional.

Após se estudar o modo como ocorre a relação professor-aluno, sobretudo em relação à comunicação, na visão dos professores entrevistados dentro da escola básica pesquisada, gerou-se um resultado parcial que pôde ser averiguado através das observações em sala de aula.

Constatou-se, enfim, que a educação é uma atividade inteiramente comunicacional, mas o inverso não é verdadeiro. Nem sempre se aprende comunicando, mas não há aprendizado sem comunicação, respondendo ao objetivo geral e questão problema, desta pesquisa (o que há de especificamente comunicacional na relação professor-aluno na escola básica escolhida?).

Confirmando, assim, as ideias de Marcondes (2014b) quando reflete sobre o fato de que, os alunos estarem presentes diante das diversas formas de comunicabilidade dos professores, não significa que há comunicação efetiva, bem como aprendizado, pois se os alunos pegam as informações e logo as descartam, não pensam e nem refletem sobre elas, não há nenhuma produção de sentido.

Compreende-se, então, que o especificamente comunicacional interfere na relação professor-aluno, podendo, sim, ser um obstáculo para o ensino, caso não seja foco de percepção e melhoramento, respondendo à pergunta que gerou o interesse por essa pesquisa. Além disso, apesar de existir uma consciência, por parte dos professores, sobre a educação não se efetivar sem a comunicação, a experiência deles demonstra que continuam enfrentando muitos problemas comunicacionais, principalmente em situações pedagógicas de sala de aula, que não conseguem resolver.

Os ambientes conflituos de sala de aula do ensino público observado, trazem muito mais incomunicabilidades do que comunicabilidades, em prejuízo das expectativas de ensino, na medida em que os professores nem sempre conseguem uma situação comunicacional de interação dialógica, de debate, ou de verificação do aprendizado, pela qual o aluno construa conhecimento dentro do processo de ensino.

De acordo com Marcondes (2014b), é isso o que se observa no distanciamento entre professor e aluno - que é simbólico, comunicacional, e não físico, em sala de aula. Uma vez que, as aulas são ministradas, em grande maioria, em situações senão de incomunicabilidade, ao menos de grandes dificuldades



comunicacionais, o que faz com que o aluno não se abra para o processo de aprendizado.

Quando o foco do ensino se limita a emitir os sinais, principalmente de forma homogênea, a individualidade de cada aluno (interesses e formas diferentes de aprender) aparece negligenciada, fazendo com que a educação não seja efetivada, sustentando as ideias de Marcondes (2014b) sobre a necessidade de tratar cada aluno de acordo com as suas diferenças. Desta forma, sem que se pretenda defender um ensino individualista, é possível dizer que essa negligência das necessidades específicas do estudante emerge de um grande problema de condições comunicacionais de ensino, isto é, das limitações comunicacionais que a situação do ensino público brasileiro impõe ao trabalho do professor.

Isso é perceptível porque a maioria das falas dos professores divergiram das suas ações pedagógicas, ou seja, possivelmente os compromissos impostos ao professor e o modo de funcionamento da escola não permitem que ele coloque em prática o que pensa e acha correto para uma boa comunicação em sala de aula.

O sistema de ensino é baseado em comunicabilidade e incomunicabilidade, e é através da tensão entre essas duas que pode ocorrer o aprendizado. Pois, para que ocorra a comunicação efetiva, é necessário que as partes relacionadas se comprometam em fazer ocorrer o fenômeno comunicacional, isto é, que a situação comunicacional, realmente, se faça presente. Em outras palavras, é imperioso que as condições de comunicação estejam disponíveis.

Os alunos não são um objeto, muito menos uma massa indistinta, possuem suas diferenças. Por isso que, os momentos em sala de aula em que os estudantes são ouvidos separadamente e suas reações são percebidas individualmente, fazem com que a heterogeneidade seja uma situação comunicacional melhor do que a de homogeneidade.

As condições que possibilitam que a heterogeneidade influencie positivamente na efetividade da comunicação podem ser identificadas nas circunstâncias em que as partes comunicantes se mantêm atentas às reações mútuas que vão surgindo no decorrer do fenômeno comunicacional (a fim de perceber se a comunicabilidade escolhida está sendo a melhor), e/ou quando se abrem para ouvir, sabendo que também poderão ser escutados.

Esses dois elementos, que viabilizam a heterogeneidade, fazem parte de uma interação positiva entre os comunicantes – no caso da relação ao ensino, entre

o professor e o aluno. Esse relacionamento positivo é relevante para perceber como estabelecer uma relação produtiva com o aluno de forma que ele tenha interesse em participar das comunicabilidades da aula. Uma boa interação facilita a percepção das reações que vão surgindo no decorrer nas situações pedagógicas, o que auxilia a despertar o interesse do aluno, ajudando-o a sair de sua zona de isolamento mental e se abrindo para ouvir e participar do fenômeno comunicacional.

Essa “abertura ao outro” é o principal elemento que propicia a comunicação, e como diz Marcondes (2014b), através dessa condição comunicacional o aluno pode mudar as suas concepções, promovendo uma transformação, ou buscar apreender as informações, ampliando seu repertório de conhecimento. Ambas só funcionam se o aluno estiver receptivo para isso, pois há uma tensão entre atenção/interesse e dispersão.

Um dos fatores que concorrem para estabelecer a tensão entre atenção/interesse e dispersão é a dinâmica que existe dentre as relações comunicacionais, e nesse caso, especialmente aquelas que se manifestam em sala de aula. A relação professor-aluno concorre, o tempo todo, com as relações aluno/aluno e, não raro, com as relações aluno/mídia (celulares). E essa circunstância estabelece o desafio de manter o interesse dos alunos, num relevante núcleo conflitivo que pode ser especificado entre uma comunicabilidade vinculada à padronização do ensino e as inovações tecnológicas que fundam comunicabilidades novas, mais atrativas e explicitamente concorrentes.

A comunicabilidade positiva também destaca a afetividade entre os comunicantes e, em uma sala de aula, entre os professores e alunos. Afetividade, neste caso, não é um simples “sentimento” e sim o deixar-se sensibilizar (ser afetado) pelo outro (os conteúdos do professor ou a realidade que desperta o interesse do aluno). Pois, a perspectiva comunicacional analisada permite interpretar, a partir dos dados analisados, que a educação mostra melhores resultados quando a razão e emoção se fazem presentes. Em termos comunicacionais, o afeto é um vinculador interacional de elevada importância, que contribui para ampliar as chances de sucesso no aprendizado.

Nesse sentido, verificou-se que a comunicação é sobretudo uma pragmática, isto é, que não é possível promover uma educação efetiva sem que o professor consiga estabelecer vínculos comunicacionais produtivos com seus alunos. Para que ocorra o fenômeno educativo de alto nível é preciso que o aluno esteja aberto para

isso, sinta interesse em participar, o que a pesquisa demonstrou depender de uma relação construtiva com o professor. Essa narrativa corrobora com as ideias de Marcondes (2014b), porém, acrescentando-se que essa boa interação como agregadora do ensino não se contenta em existir somente em momentos de descontração, uma vez que foi percebida com extrema importância em situações pedagógicas.

Em síntese, **é comunicando-se que se ensina**, por isso, é importante frisar a importância de uma educação comunicativa, isto é, uma prática educacional em que os fatores comunicacionais sejam priorizados. Não obstante, uma comunicação que vai muito além das técnicas e didáticas, como modo de relacionamento, tornando-se viável a educação.

Desta forma, é importante reforçar a ideia de que a comunicação não é um instrumento, uma ferramenta, e nem mesmo é uma passagem ou uma transmissão de informações e conhecimentos. Comunicação é modo de relacionamento e, assim, para que essa interação seja positiva, isto é, para que a comunicação seja efetivada da forma mais proveitosa de um ponto de vista dos resultados interacionais, é preciso saber o que faz com que ela seja boa (o que faz com que haja uma abertura mútua entre as partes comunicantes para ouvir e participar do fenômeno comunicacional). Por isso, diante do estudo do especificamente comunicacional na educação básica, foi possível perceber que é necessário estudar o fenômeno comunicacional por inteiro.

Assim, é possível fazer algumas pontuações sobre as boas consequências da comunicação como modo de relacionamento, positivo, em situações pedagógicas tais como as que este trabalho buscou:

- ✓ Pode-se buscar uma relação em que a afetividade se faça mais presente, aumentando as chances de promover uma abertura mútua entre as partes comunicantes (no caso, professor e aluno), e possibilitando maior sensibilidade, o que pode contribuir para uma maior percepção das reações que ocorrem durante o fenômeno comunicacional.
- ✓ Pode-se buscar despertar o interesse dos alunos para participarem das aulas (momento em que o professor buscará não ser visto como autoritário e distante), incentivando a aberturas do ser aluno ao professor, que possam produzir um fenômeno comunicacional mais promissor.

- ✓ Pode-se buscar proximidade, rompendo no possível com as condições de homogeneização, ampliando assim as chances de uma abertura mútua entre as partes comunicantes. Destacam-se, neste caso, tanto a escuta do professor, na relação com os alunos, de acordo com suas individualidades, quanto a abertura comunicacional no sentido de deixá-los falar/participar da aula com mais frequência e contribuir com suas ideias e conhecimentos.

É evidente que este trabalho não tem a característica de ser exaustivo, na demonstração de resultados comunicacionais na educação, e, por isso, tampouco na formulação de sugestões e caminhos comunicacionais possíveis para o aprimoramento do processo educativo. Por isso, é indispensável continuar as pesquisas de comunicação em educação, mantendo como objeto de estudo a observação de fenômenos comunicacionais em sala de aula, para que outros aspectos da relação professor-aluno possam ser avaliados, de sorte a contribuir para o seu aprimoramento.

Resultados deste trabalho podem contribuir para próximas pesquisas, como por exemplo, levando em consideração as limitações comunicacionais que a situação de ensino brasileiro impõe ao trabalho do professor. Outro exemplo é o contraste entre os professores e alunos estabelecerem vínculos positivos em momentos de descontração, mas não de explicações – ambos, tendo como o objeto de estudo o especificamente comunicacional (uma Pesquisa Comunicacional).

E, nesse sentido, é necessário por fim destacar o quanto é importante estudar o fenômeno comunicacional por inteiro. Talvez este seja o novo objeto da comunicação, assim como proposto por Marcondes (2019). Esse tipo de estudo converge com a preocupação que, desde o início, foi o objeto central da pesquisa que culminou com esta monografia: devido à relevância que adquire para as relações pedagógicas, que constituem o objeto central das ciências da educação, deve a comunicação ser considerada uma ciência básica tardia, conforme propôs Signates (2021)? É em busca de reflexões de base, como esta, que esta monografia busca contribuir, dentro de uma concepção de educação que possa ser efetivamente comunicativa.

## REFERÊNCIAS

BARBERO, J. M. **Desafios culturais da comunicação à educação.** Comunicação & Educação, 51 a 61. São Paulo, 2000.

BARROS, L. M. **Para que pesquisar? Comunicação: uma ciência social aplicada.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2003.

BORDENAVE, J. E. **O que é comunicação.** Editora e livraria brasiliense. São Paulo, 2017.

BRAGA, J. L. **Constituição do Campo da Comunicação.** Revista Verso e Reverso vol. XXV, n. 58, São Leopoldo, RS, janeiro-abril, 2011.

BRAGA, J. L. **O que é comunicação?** Líbero. São Paulo – v. 19, n. 38, p. 15-20, jul./dez. de 2016.

CELSO, P.; CARLOS, M. S. **Em busca de um conceito de comunicação.** Revista Latinoamericana de Ciencias de la comunicación, v. 9 n. 16 (9), 2014.

LIRA, E. C.; BERTI, O. M. **O campo comunicacional e a justificativa de uma comunicação social entremeio às ciências da comunicação**. Intercom. Foz do Iguaçu, PR, 2014.

LOPES, L. C. **Hermenêutica, teorias da representação e da argumentação no campo da comunicação**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2003.

MARCONDES, C. F. **A questão da Comunicação**. Paulos: Revista de Comunicação da FAPCOM, São Paulo, v. 3, n. 5, jan./jul., 2019.

MARCONDES, C. F. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Editora Paulos, 2004.

MARCONDES, C. F. **Comunicação, uma Ciência Anexata e Contudo Rigorosa. In: Comunicação – novo objeto, novas teorias?** Teresina: EDUFPI, 2008.

MARCONDES, C. F. **O rosto e a máquina: O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico**. Editora Paulos. 2014a. Livro eletrônico, 2676 posições.

MARCONDES, C. F. **Para entender a comunicação (Temas de Comunicação)**. Editora Paulos. 2014b. Livro eletrônico, 2829 posições.

MARI, S. J. **Pesquisa em comunicação**. InfoNauta, 2019. Disponível em: <https://infonauta.com.br/pesquisa-em-comunicacao/4187/introducao-a-pesquisa-em-comunicacao>. Acesso em: 24 de março de 2021.

MELRO, J. **Quando educar é libertar. Uma reflexão crítica em torno do pensamento do pedagógico Paulo Freire**. Escola Secundária Artística António Arroio. Lisboa, 2004.

OLIVEIRA, I. S. **Comunicação/ Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de sus profissionais**. Contato, revista brasileira de comunicação, arte e educação. Brasília, ano 1, n.2, jan./mar. 1999.

OLIVEIRA, I. S. **Educomunicação: Um Campo De Mediações Comunicação & Educação**. São Paulo, set./dez. 2000.

POMBO, O. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes**. Prosa Completa, vol. 3, pag.111, 2003.

SCHWARTZMAN, S. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SIGNATES, L. F. **A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.21, n.2, maio/ago. 2018.

SIGNATES, L. F. **Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização importante da comunicação.** XII Congresso da Compós, GT Epistemologias da Comunicação, Juiz de Fora-MG, 2012.

SIGNATES, L. F. **Epistemologia da Comunicação, Reflexões Metateóricas sobre o Especificamente Comunicacional.** Cegraf, UFG, 2021.

SIGNATES, L. F. **O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade?** 2013.

SIGNATES, L. F. **Uma questão epistemológica da centralidade da comunicação.** III Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação, 2011, Goiânia – GO.

TORRES, B. F. **Classificação das Ciências.** Revista do Serviço Público, julho de 1949.

## **APÊNDICES**

### **Apêndice I - Entrevistada A**

A entrevista “A” é composta por 29 perguntas seguidas de suas respostas.

#### **1- Qual a sua história profissional e de vida de professor?**

Desde criança eu já treinava para ser professor, sempre gostei muito. Escrevia em parede, cartinhas, essas coisas, sonhava em ser professor. Inclusive minha mãe falava que eu seria professor. Eu tenho uma filha de oito anos que também parece que está seguindo o mesmo rumo. Então desde criança eu gostava mesmo. Daí quando terminei o ensino médio me surgiu a ideia de fazer pedagogia. Eu gostei muito do curso, apesar de que não tinha experiência na área, aí fiz e logo

passsei no concurso aqui e gostei. Eu só acho assim...eu falo para todo mundo, eu sou uma pessoa que ama o que faz, mesmo com as dificuldades. Tem 16 anos que estou aqui nessa escola e 17 anos que terminei a pedagogia, e gosto muito do que faço. Tenho 41 ano, moro em Goiânia, sou casada e tenho uma filha de oito anos, ela está no terceiro ano e estuda em Aparecida de Goiânia. Hoje dou aula para o primeiro ano no vespertino.

## **2- Qual seria você dá aula hoje em dia?**

Dou aula para o primeiro ano, alfabetização. E é a área que mais gosto, alfabetização. Eu já trabalhei na educação infantil, do 5 ano ao 9 ano, mas eu realmente gosto mais da alfabetização e é a área mais difícil.

## **3- Quando foi que você percebeu que gostava mais da alfabetização?**

Bom... na verdade assim... a gente é convidado a fazer vários cursos, a prefeitura proporciona vários cursos e eu me identifiquei nessa área da alfabetização. A gente vê o resultado bom, sabe? Tipo agora, peguei crianças que nunca tinham ido à escola, e agora muitas crianças já estão lendo, escrevendo, então é muito gratificante, é um máximo, você realmente vê resultado. E a idade das crianças também, assim... eu acho que é uma idade boa, 6 e 7 anos. Igual eu sempre falo, eu tenho mais dificuldade com adolescentes, então acho que com os pequenos é melhor.

## **4- Quais as suas impressões e experiências que você tem na sala de aula ou fora dela, sobre o mundo hoje, sobre a sociedade?**

Acho que depois dessa pandemia ficou tudo mais difícil sabe, trabalhar... acho que os pais estão jogando muito só para a escola. Acho que tem muita coisa que a criança já devo trazer de casa e acaba que a gente tem que fazer papel de mãe, psicóloga, várias coisas. Então acho que ficou muito difícil, porque essa questão dos pais não está ligando muito para os filhos. Depois da pandemia as crianças voltaram muito dispersas e imaturas. Antes eu pegava muitas crianças que vinham da creche, então já sabiam um pouco, mas agora a maioria nunca estudou, nunca pegou em um lápis e nada. Parece que não tiveram apoio da família. No primeiro dia de aula eu falei para fazermos uma filhinha e eles nem sabiam o que era



fazer fila. Então eu estranhei muito, porque antes da pandemia eles chegavam sabendo várias coisas, como se sentar, fazer fila, pegar no lápis e até mesmo algumas noções do alfabeto. Eles também aprendiam mais rápido, como por exemplo quando eu início o ensino do alfabeto, eles pegavam mais rápido, e agora eu explico, passa um pouquinho eu pergunto e o menino está lá... viajando, parece que está em outro mundo. Eu percebi que depois da pandemia isso piorou muito. Parece que a cabeça deles estão em outro lugar. Eu acho que os pais estão deixando somente para a escola e então a gente tem que ficar sempre cobrando para eles ajudarem em casa porque é muito importante. Tem alguns pais que ajudam e conversam, mas tem outros que não ajudam mesmo.

#### **5- A maioria estão dispersos ou só alguns?**

A maioria mesmo.

#### **6- Você conhece os pais dos seus alunos?**

Então, isso é muito difícil aqui. São pouco pais que procuram a gente, que vem, que ajuda. Então muitos não. E isso eu acho que é muito ruim para as crianças. É necessário ter essa relação de pai com a escola, porque eu vejo muita diferença nas crianças que os pais estão mais presentes na escola, que são poucos.

#### **7- Quais essas diferenças que você vê nos pais que mantém um contato maior com a escola?**

As crianças com certeza evoluem mais rápido. A aprendizagem deles é bem melhor. A postura... o jeito... Aqui é uma região muito simples, de pessoas muito humildes, por isso até o jeito de falar com eles tem que ser diferente, tem que ter um "jeitinho" porque não é fácil, até mesmo usar o corpo para educar, que é sempre estar do lado deles, sentar-se ao lado... porque dependendo do jeito que você fala, a criança trava, cria bloqueio. Eu já vi em vários cursos pessoas idosas falando dos traumas da educação que tiveram, então essa área da alfabetização realmente é muito séria, devido a esses detalhes como o jeito de falar com a criança, porque se você não souber, você pode bloquear o aluno.

#### **8- Em relação aos pais. Como você vê as relações dos pais com a escola e com os professores?**

Então, aqui poucos pais se interessam e vem à escola para saber do desenvolvimento de seus filhos. Quando eu passo atividade para eles fazerem em casa, são pouco que fazem. Então sempre preciso estar cobrando e ajudando

**9- E como é esse procedimento da escola falar com os pais?**

A gente manda recadinho na agenda, ou pelo celular para alguns que solicitam meu número. Mas vir na sala de aula para acompanhar são muito poucos.

**10- As crianças fazem as atividades que são enviadas para casa?**

Poucas crianças fazem, porque são poucos pais interessados. Alguns mandam a tarefa organizada e bonitinha, mas a maioria não, e geralmente são os que mais precisam.

**11- A maioria dos alunos são daqui mesmo?**

Sim, são daqui mesmo. Garavelo 1 e 2.

**12- O que você sabe sobre comunicação, sobre o comunicar?**

É uma questão de estar falando, transmitindo para a pessoa. Como transmitir para pessoas, meu jeito, meu falar, conversar, transferir, leituras... acho que tem diversas maneiras de comunicar.

**13- E como é esse seu jeito de falar? Como você usa a comunicação para educar?**

A gente usa as metodologias, como essa questão de corpo a corpo, que é muito importante. Chego perto da cadeira deles, ajudo, falo com jeitinho. Essas metodologias, os jeitinhos, as leituras. As atividades escritas, é isso...

**14- Sobre as atividades, você trabalha com leitura, livros e o que mais?**

Trabalho mais no quadro com eles, e atividades nas folhas. No primeiro ano a gente quase não trabalha com livros, por causa das idades deles eu acho que os livros são muito limitados, deixa eles muito presos. Apesar de ser cansativo, porque tem dia que a voz fica até rouca, porque a gente fala o tempo todo. e temos uma rotina de todos os dias, que é assim, a gente faz a oração para iniciar, depois a

leitura do alfabeto, canta musiquinhas infantis, porque nessa idade temos que insistir no mesmo assunto todos os dias para que eles realmente aprendam. Todo dia a mesma coisa, eles já sabem. Na sala tenho quase 30 alunos, então é preciso ter muita paciência com eles e muito carinho e amor, porque as vezes estamos falando uma coisa por horas e eles não entendem. Se tivessem menos alunos seria bem mais fácil, porque para essas crianças é necessário dar uma atenção maior para cada um, principalmente para os mais carentes, ter essa relação corpo a corpo. Além disso, eles são muito dependentes, o tempo todo me pedem para amarrar o cadarço, parar ao banheiro, beber água, apontar o lápis... então as vezes não temos tempo nem para sentar-se, é muito cansativo, porque ficamos das 13h às 17h o tempo todo, sem intervalo, porque eles não têm recreio devido à falta de espaço na escola.

#### **15- Como é a disciplina deles em sala de aula?**

Tem que pegar firme. porém, por conta da idade deles, eles têm um certo medo, então eles respeitam. Mas é muito variado em relação a serem quietos e uns bastante agitados, tem crianças de todo jeito. Tem uns três que nem sabem o nome ainda, mas estou pelejando com eles para aprenderem, mas também tem uns três lá que já está lendo texto e já estão bem avançados. Por isso é muito complicado, porque eles não andam junto no quesito de desenvolvimento, não é nada fácil.

#### **16- Quais relações você estabelece entre comunicação e educação?**

Eu acho que não tem uma relação, porque na sala de aula eu uso mais a questão de aprendizagem, esses instrumentos de questão de leitura, na sala sou profissional, e a educação é mais complicado né, em casa eu educo a minha filha.

#### **17- Mas, na hora de educar em sala de aula?**

Na sala eu acho mais fácil, acho que pela minha bagagem, toda teoria, né, mas agora educar uma filha para o mundo, pondo regras e mostrando valores é mais difícil, porque ela é minha né, minha responsabilidade, agora na sala de aula eu tenho toda uma bagagem de o que fazer para a aprendizagem, porque eu estudei para isso, trabalho com isso.

**18- Na sala de aula, como é a sua comunicação para educar eles, sem ser no quesito de mãe, educar para o mundo, e sim de aprendizagem?**

Igual eu falei, a gente usa os métodos. Tem toda uma metodologia para a gente transferir o conhecimento. A gente usa a voz, porque tem que estar falando o tempo todo, comunicando, trabalhamos com músicas, cartazes, jogos. Porque até com jogos eu os ensino, as vezes pensam "a estão só brincando", mas não, o objetivo ali é transferir a aprendizagem. Com cartazes, fichas de leitura de palavrinhas simples... então eu acho que é uma forma de estar transferindo e ensinando. Até meu jeito, minha postura eu acho que também está comunicando, porque eles são muito observadores, eles percebem tudo, o cabelo a unha, eles percebem. Acho que até o corpo comunica, dependendo do jeito que estou eles vêm, as vezes desanimada, eles percebem e já me abraçam, beijam, falam que estou linda, e eu gosto muito disso e eles também. Depende muito de cada professor, mas eu gosto. Igual eu falei sobre dar meu celular para os pais, tem professor que não gosta, mas eu dou porque gosto, acho bastante importante ter essa troca com os pais, aprofundar para conhecer eles, porque acho que essa relação melhora na educação.

**19- O que a pedagogia brasileira fala sobre comunicação relacionada a educação?**

Fala muito das metodologias de como transferir o conhecimento para as crianças, com objetivos. Daí a gente faz o planejamento mensal para saber como passar o conhecimento para as crianças. E devido a experiência a gente 27 minutos

**20- O que a pedagogia brasileira fala sobre comunicação relacionada a educação?**

Fala muito das metodologias de como transferir o conhecimento para as crianças, com objetivos. Daí a gente faz o planejamento mensal para saber como passar o conhecimento para as crianças. E devido a experiência a gente sabe como trabalhar cada assunto. Como por exemplo, a gente trabalha uma semana toda a letra A, daí pego um textinho que trabalha muito a letra ou uma música, e por isso eu tenho muita facilidade, por causa do tempo que já faço isso. No currículo também

tem para trabalharmos os meios de comunicação, que é como comunicar com as pessoas, mas por enquanto não chegamos nessa etapa.

**21- E como você trabalha com eles os meios de comunicação?**

Os meios de tecnologia de comunicação eu trabalho por meio de figuras e imagens.

**22- E em relação à celular, eles levam para a sala de aula? Eles falam sobre isso em sala?**

Levar eles não levam, mas falam o tempo todo. Semana passada estavam com uma dancinha do TikTok e eu tenho que podar.

**23- Você acha que o celular os atrapalha na hora do aprendizado?**

Com certeza, porque as crianças não querem pensar mais, as vezes a atividade está lá e eles pesquisam da internet, usa calculadora. Então eles não estão forçando o cérebro, eles querem tudo muito rápido e prático. E acho que isso faz com que eles sejam muito ansiosos. Eles estão muito mais ansiosos que antes, de uns 10 anos para cá isso mudou tão rápido. As vezes o celular ajuda, mas as vezes atrapalha demais.

**24- E você trabalha com eles os cuidados para ter ao mexer e comunicar no celular?**

Na pedagogia não tem isso, mas sempre que tem uma brechinha eu falo com eles sobre isso, trabalho reflexão com eles. Não tem escrito, mas na sala de aula temos que aproveitar tudo. Falo para eles largarem o celular em casa e trabalhar mais o cérebro.

**25- Você acha que a falta de diálogo em casa piora a educação das crianças?**

Com certeza, tem que ter diálogo com as crianças, ensinar os valores, uma união, mas acho que a família não se senta com eles, não está muito presente, talvez por causa da correria, e alguns pais usam droga e essas coisas. Por isso que famílias mais bem estruturadas as crianças aprendem melhor, evoluem mais rápido.

## **26- Você acha que o modo de comunicação interfere na educação?**

O diálogo, a conversa com a família são necessários. A família com a criança, tudo isso interfere na educação. Acho que falta muito diálogo em casa, antigamente as famílias tiravam um tempo, reuniam, conversavam.

## **27- Eles falam de suas famílias dentro da sala de aula?**

Às vezes, mas devido a nossa experiência a gente sabe os que são mais carentes que precisam de mais carinho e atenção. Eles avisam quando os pais não quiseram ajudar nas atividades.

## **28- Como é o interesse deles em sala de aula?**

Alguns fazem as atividades, nos procura, mas alguns não, daí temos até que verificar se essa dispersão é devida a algum problema especial.

## **29- Quando eles não entendem o que você ensina, você percebe? Como você faz?**

Sim, quando percebeu eu mudo a forma, mudo o jeito de falar para fazer com que aprendam.

## **Apêndice II - Entrevistado B**

A entrevista “B” é composta por 17 perguntas seguidas de suas respostas.

### **1- Qual a sua história profissional e de vida de professor?**

Sou formada em magistério, pedagogia e tenho 3 especialidades: educação infantil, neuro pedagogia e psicopedagogia. Quando eu era pequena eu sofria muito preconceito. Sempre fui uma garotinha ruiva e pintadinha, então ninguém gostava de mim, nem professores, nem crianças...não sei por quê. Aí teve um dia que eu pensei em ser professor, mas gostaria de ser um professor diferente, porque na minha época, as professoras nos colocavam ‘beirando’ o quadro com chapeuzinho de burro se ela tomasse leitura e a gente não soubesse. Então, por eu sofrer esse tanto de preconceito e ser barrada pelos professores eu queria ser professor para fazer diferença. Eu acho que ser professor é bem diferente do que eu tive na minha época. Tanto é que da minha geração para trás, a maioria é frustrada pelo jeito que

teve a educação. Aí com o passar do tempo, eu não gostava muito de criança, não sabia lidar, e quando fui mãe também não gostava, mas depois que comecei a fazer o magistério foi quando eu fiquei doce com as crianças. Aí eu gosto tanto da educação infantil, até o quinto ano. Não tenho preferência por idade nem escolaridade. Então assim, eu acho que independentemente da idade, o aluno tem que ser tratado com respeito, com carinho, você tem que entender o seu aluno. O seu aluno tem sentimentos, e você tem que desenvolver tudo aquilo que você almeja para o seu aluno, e nem todos aprendem igualmente, então você tem sempre que procurar meios de conseguir alfabetizar aquela criança. Então, eu me apaixonei pela educação. Me formei aos 34 anos de idade, já tinha 3 filhos, e me apaixonei.

## **2- O que a senhora fazia antes?**

Antes já trabalhei de doméstica, de caixa, de feirante, várias profissões.

## **3- O que fez a senhora decidir que queria pedagogia?**

Na realidade eu não queria fazer pedagogia, queria enfermagem, aí meu esposo não deixou porque era noturno e eu estava grávida do meu filho caçula. Aí eu falei assim eu vou estudar porque quando eu casei eu tinha 19 anos e com 20 anos eu fui mãe, então não tinha terminado meus estudos, e eu queria porque queria estudar, não queria ficar para trás, não queria deixar meu sonho de ser professor para trás, aí eu enfrentei marido, enfrentei tudo e fui estudar, fiz magistério e depois comecei minha vida profissional como educadora e me apaixonei, não gostava de criança, mas me apaixonei.

## **4- Mas então você sempre quis ser professor, mas depois quis ser enfermeira?**

Desde pequena eu quis ser professor e fazer diferente, mas eu tinha medo de reproduzir o que eu passei, não queria para eles o que eu sofri, então criei uma certa resistência, então quis fazer enfermagem, mas não deu certo, e quando fiz magistério eu me apaixonei.

## **5- A senhora tem quantos anos?**

Tenho 52 anos e tenho 3 filhos. Sou casada há 32 anos.

## **6- Mora aqui?**

Moro em Aparecida, desde sempre.

## **7- A senhora já deu aula em outros lugares?**

Já. Eu comecei com uma escola conveniada pelo estado. Então sou cria de escola particular, que é muito exigente. Então assim, eu trouxe isso para a área da escola municipal, porque do mesmo jeito que trabalhei em escola particular e era muito exigente, eu continuo sendo um professor exigente, porque eu acho que todo mundo tem direito de aprender. Na minha sala só tem um lema, “ou aprende ou aprende!”. Já trabalhei em várias escolas. Na escola Araújo lima eu trabalhei durante 8 anos, trabalhei no município de Goiânia por 8 anos, em escola particular trabalhei por 1 ano e trabalhei no estado por 4 anos. E aqui eu tenho 11 anos de profissão e com o segundo ano estou há 3 anos. Estou aqui desde que passei no concurso.

## **8- Quais as suas impressões e experiências da sociedade e do mundo hoje?**

Eu percebo que a sociedade está ficando cada vez mais fria, egoísta e pensa só em si, não pensa no outro. Então eu fico preocupada com o mundo do futuro, porque o mundo está trocando pessoas por tecnologias, pessoas por celulares, pessoas por brinquedos e jogos, principalmente jogos agressivos. Então as pessoas estão ficando cada vez mais agressivas. Quando tinha instituição de pai, mãe e filhos, eu acho que as pessoas eram mais assim...acho que os pais eram mais preocupados com os filhos, e hoje não, hoje eles são muito largados. Eu vejo que as pessoas não estão muito preocupadas com os filhos. Tem pessoas que são realmente preocupadas, mas tem aquelas que não dão muito valor à família. E eu percebo a diferença quando a mãe ou o pai é preocupado com o filho. Eu percebo, a criança é diferente. Tem umas coitadas de umas mães que trabalham o dia inteiro, que os filhos são praticamente largados, assim... mora com avó, com vizinho, mora em abrigo... então a gente percebe essas diferenças.

## **9- Você tem contato com os pais dessas crianças?**

Aqui, neste ano, até hoje eu não conheço nenhum pai. Na minha sala eu não conheço nenhuma mãe e nenhum pai dos meus alunos. Mas eu penso que quando



o ano inicia a gente deveria chamar os pais e falar as regras da escola, falar das responsabilidades dos pais com seus filhos, porque alguns pais acham que quando trazem seus filhos para a escola eles perdem a responsabilidade e sobra tudo para o professor, para a escola. Nas diretrizes básicas fala que a educação vem de casa, vem de berço, daí eles querem transferir toda essa responsabilidade para nós. Então eu penso que antes de começar o ano letivo, deveríamos fazer uma reunião com os pais e esclarecer as regras. Aqui de manhã está tendo muito problema, mas por quê? Até hoje não teve reunião com os pais. Tiveram anos anteriores que eu exigi reunião com os pais e conheci todos, tive contato com todos e peguei os telefones. Esse ano eu peguei o telefone de alguns porque a secretária me deu e eu formei um grupo de WhatsApp, mesmo assim o grupo não é participativo.

### **10- E sobre as suas experiências?**

Eu vou te falar, de acordo com a BNCC, que fala que a escola é do século 17, o professor do século 20 e o aluno do século 21, então a coisa não bate com a outra. Por exemplo, antigamente quadro e giz funcionavam. E hoje isso não funciona mais, estamos na era da tecnologia, então o que vai fazer o seu aluno prestar mais atenção na aula são os recursos tecnológicos que você traz para a sala. Você dá um celular para uma criança, ela sabe mexer. Então assim, o que está acontecendo hoje com as crianças, eu acho que a maioria não tem interesse nesse tipo de aula tradicionalista, que é quadro, tarefa, um atrás do outro sentadinho em fila. E eu acho que isso não faz mais parte da educação. O que faz parte da educação é você trabalhar uma música, trabalhar diferenciando, trabalhar com jogos, com tecnologias. Trazer para a sala de aula o que eles conhecem, para você reproduzir com eles. Então hoje as crianças estão muito mais dispersas e perdidas por causa das aulas tradicionalistas que não chamam a atenção. Tanto que quando você faz uma coisa diferente em sala de aula, um jogo, uma brincadeira, eles ficam muito mais ligados no que você está fazendo e falando do que você simplesmente passar tarefa no quadro, fazer leitura e pedir para eles copiarem. E com a pandemia tudo piorou, porque as crianças ficaram praticamente dois anos paradas em casa. E aula on-line para criança pequena não funciona e não funcionou, quem fazia as tarefas dos alunos eram os pais porque eles não tinham paciência de ensinar, e acabavam traumatizando-nos meninos, batendo, gritando.

**11- Você vê diferença dos segundos anos que você deu aula anteriormente à pandemia?**

Com certeza. Antes da pandemia você tinha um tipo de aluno. Aquele aluno que, na maioria, você falava, ele te escutava, obedecia, fazia as tarefas. E depois da pandemia parece que ficou muito individualista, parece que eu sou eu, você é você e eu cuido de mim, você cuida de você e não tem mais aquele compromisso que tinha antes. Perdeu o lado social, tem tantos jovens suicidando por aí, porque não tem mais carinho com o outro, são muito mais carentes. Então acho que essa pandemia prejudicou muito e a geração que vem aí será muito mais carente e egoísta. A gente vê que essas crianças precisam de um carinho, de um abraço, e essa pandemia tirou isso né, tirou o contato.

**12- Você sente que as crianças estão mais carentes na sala de aula?**

Sim, estão muito carentes, e o tempo todo eles vêm e me abraçam, falam que me amam, falam que estou bonita.

**13- Quais as relações que você estabelece entre comunicação e educação?**

A educação sem a comunicação não existe, porque você se comunica o tempo todo. Você se comunica através do olhar, observando, falando, e ouvindo, porque quando você ouve vice reproduz aquilo que você ouviu. E a comunicação visual também, pois o seu corpo fala, se você está triste, se você está alegre. Então você pode comunicar através da fala, do gesto. E para educar você precisa aprender a se comunicar. Você precisa ser clara nos seus objetivos. É bom chegar na sala e explicar para a criança o que vai acontecer na aula, para que ela não fique ansiosa de não saber o que vai acontecer, porque isso atrapalha no aprendizado dela.

**14- O que você sabe sobre a pedagogia brasileira de focar sobre comunicação e educação?**

Tem muito tempo que eu fiz pedagogia, então eu vou falar o que vier na lembrança. Tem Paulo Freire que fala muito da comunicação, das fases de desenvolvimento, de como você deve proceder com cada criança. Também tem o Valon que fala sobre afetividade, porque sem ela não há educação. Tem o Skinner,

que eu gosto muito, que fala do condicionamento operante, que estimula resposta, que você tem que estimular o seu aluno para que ele possa desenvolver aquilo que você produziu nele.

### **15- Na sala de aula você usa muito livro?**

Não, na sala de aula eu gosto de usar tarefa xerocada, jogos e lousa digital. O livro didático não condiz com a realidade que temos hoje, como por exemplo, eu tenho 30 alunos na lista e 27 frequentes, mas desses 27, somente 5 sabem ler fluentemente no segundo ano, e tenho uns 9 que está silabando, uns 5 que só conhecem as vogais e outros que nem sabem pegar no lápis. Então, o livro de hoje não está na realidade das crianças de hoje, porque elas estão muito atrás das crianças de dois anos atrás, que tiveram uma preparação, creche e primeiro ano. O livro, na matemática já está no milhar, sendo que ela não sabe contar nem até 10. Estou no segundo, mas estou trabalhando grade curricular do primeiro, por isso meço muito minhas tarefas, trabalho com sequência didática, fico 15 dias na mesma sequência.

### **16- Você está vendo uma maior evolução no aprendizado dessas crianças pós pandemia?**

Sim, agora que estamos nos relacionando está tendo uma maior evolução, porque a criança não aprende só com o professor, ela aprende com o colega, na rua, então essa volta de convívio está sendo muito boa. Tinha criança que nem sabia pegar no lápis e agora já sabe.

### **17- Suas experiências práticas na sala de outra, ou fora, sobre educação e comunicação?**

Eu gosto de sair da sala para dar uma aula, não gosto de ficar presa na sala. Às vezes eu saio. Eu fiz um projeto de meio ambiente e peguei meus 34 alunos do segundo ano e os levei para explorar o ambiente lá fora, ali embaixo em um “Corguinho”, eu mostrei para eles o girino, o que é, como se transforma em sapo, como a plantinha nasce, que não podemos jogar lixo nas ruas, nos rios... e antes disso eu trabalhei um textinho com eles. E depois eu da teoria e da prática nós produzimos várias outras coisas. Fizemos oficina de reciclagem. Eu gosto disso.

Saindo da realidade de só livro de sala de aula eles aprendem muito mais. Ninguém aguenta ficar preso na sala o tempo todo. Quando eu percebo que as crianças estão dispersas na sala, eu saio para fora, brinco um pouco. Já fiz bolo na sala de aula para trabalhar o gênero textual receita, com eles. E assim eles aprendem muito mais, aprenderam peso, medida, quantidade, tudo. Quando estou explicando na sala de aula, eu pergunto várias vezes se eles entenderam, se tem dúvida. Às vezes eu trago a criança para mostrar para mim aquilo que ela não está entendendo, e às vezes há uma falta de comunicação comigo e com ela, porque às vezes eu também não entendo o que ela fala e eu falo e ela não entende, aí se um coleguinha chegar e falar “é assim fulana “, ela entende. Então às vezes ela não entende o que eu estou falando, mas com o outro ela entende. E eu gosto muito de trabalhar em grupo na minha sala porque acho que eles aprendem mais quando se comunicam. Às vezes você fala com a criança de uma maneira que ela não entende, então você tem que abaixar no nível dela, olhar olho no olho, e falar “o que que você não entendeu?”.

### **Apêndice III - Entrevistado C**

A entrevista “C” é composta por 16 perguntas seguidas de suas respostas.

#### **1- Qual é sua história profissional e de vida de professor?**

Não sou de Goiânia, eu sou de Brasília, mas vim para cá quando eu era criança e sempre morei aqui desde então. Tenho 40 anos. A minha história com a educação começou em 2010 quando eu fiz um concurso em Aparecida de Goiânia para merendeira e aí eu fui conhecer o ambiente escolar. Trabalhei lá por cinco anos e durante esse tempo eu cursei pedagogia EAD na Unip, e já fui estudando para fazer concurso para ser professor. Porque ali quando era merendeira eu convivia com a rotina dos professores, e mesmo que de forma indireta, a gente tem acesso a como é essa rotina da escola. E eu me identifiquei, quis isso para mim e estudei para isso. Durante esse período que cursei a faculdade, eu também estudava por fora para os concursos. Daí eu prestei concurso para cá, Trindade e Aragoiânia. Passei em todos, mas Goiânia fiquei no cadastro de reserva, e não fui convocada. Então fui convocada primeiro em Trindade, em que eu trabalho desde 2016 e entrei numa turma de terceiro ano no meio do ano, e a partir de 2017 até o presente o

momento eu trabalho com educação infantil, o agrupamento de cinco anos, e aqui eu entrei tem 2 anos, com a turma de terceiro ano. Eu gosto muito do que faço, são turmas diferentes e acaba que uso muito o conhecimento que aplico em uma turma para outra também.

## **2- Aqui você dá aula vespertino e em trindade no matutino?**

Sim

## **3- Você mora aqui? É casada?**

Moro em Aparecida de Goiânia, sou divorciada e tenho dois filhos, um de 22 e um de 17. Os dois tem problema de depressão e transtorno bipolar, toma medicação, faz acompanhamento com psiquiatra. Eu também faço, mas tenho só depressão, eu não tenho transtorno bipolar. O meu mais velho, além de transtorno bipolar, tem toque grave desde os 10 anos e o caçula foi diagnosticado aos 12. Moramos juntos nós três.

## **4- Você disse que trabalhava como merendeira, o que te fez querer ir para a sala de aula?**

O desejo de ensinar, a vontade de poder contribuir como um objeto de transformação social que é a figura do professor na sala. Mas não como um professor que passa só por passar. Eu sempre tive esse ideal, e muita gente falava para mim que quando eu terminasse a faculdade eu ia perder essa vontade, mas não, eu já sabia dos desafios, eu já tinha uma convivência com as crianças. Eu não tinha noção do professor dentro de aula, mas quando eu terminei a faculdade e entrei na sala de aula eu fiquei mais convicta da minha vontade e do meu ideal.

## **5- Quais suas impressões da sociedade hoje em dia?**

Eu acho que a sociedade hoje está vivendo o fruto de várias reivindicações, de liberdade de expressão, em todas as suas amplitudes, suas formas de expressão, mas não estamos sabendo lidar com toda essa liberdade, o que fazer com ela. Então eu percebo que as pessoas estão caminhando meio que sem rumo, e eu percebo que isso tem influenciado principalmente na escola, porque a escola não está preparada para os alunos do século vinte e um. A escola hoje está

defasada. Do portão para fora a criança tem todos os estímulos: visual, da internet. Ela sofre todos os tipos de interferências, e a escola ainda segue aquele modelo arcaico, defasado. E a sociedade a gente vê aí o avanço sobre os direitos das mulheres, das minorias, que tem conquistado cada vez mais o seu espaço, mas parece que essas minorias ainda não sabem o que fazer com essa liberdade, daí por outro lado a gente esbarra também na legalidade. Porque ao mesmo tempo que a lei te ampara de um lado, do outro ela não te dá tanto suporte. Nós temos hoje a lei Maria da Penha que amarra mulheres em situações de violência doméstica, e o que o juiz faz, dá uma medida protetiva, que é um papel que não funciona na prática. Então ao mesmo tempo que a sociedade tem uma direção por onde seguir para tratar sobre esses direitos e essa liberdade, ela não sabe o que fazer, porque tem a direção, mas não funciona. Então eu percebo que hoje a sociedade está muito desorientada. E com o grande acesso à tecnologia, que deveria ser uma coisa boa e produtiva, ela está espelhando o que nós somos: nossa intolerância, nossa falta de empatia e tantas outras mazelas e desafios que temos no mundo hoje. As pessoas se impressionam com o assédio a pedofilia, mas isso sempre existiu, mas agora está mais a mostra.

#### **6- Nas suas experiências aqui na escola, o que você percebe?**

Percebo que, principalmente, depois da pandemia as crianças estão mais sozinhas, os pais parecem estar ausentes, porque os pais abrem a mão de ter um momento com o filho para ficar no celular. Às vezes ficam horas ali no celular, mas não tiram 30 minutos para dar atenção para o filho. Não são todos, mas a grande maioria eu tenho percebido isso. As crianças vêm para a escola numa necessidade de serem ouvidas. Isso é gritante dentro da sala de aula. A criança quer ser ouvida, quer expor o que pensa, falar o que sente, demonstrar afeto, receber carinho. Então essa tecnologia não está sendo muito usada de forma produtiva. Além disso, ficando somente no celular, as crianças não pensam, não produzem conteúdo. E aqui na sala eu estímulo eles a pensarem, a refletirem e a compreenderem o mundo em que vivem. Não é só chegar e ensinar fazer uma conta, interpretar um problema, produzir um textinho, eu os ensino a aprenderem o mundo em que vivem. É o letramento, ensinar a criança e ao mesmo tempo ensinar sobre o mundo em que ela está inserida.

## **7- O que você sabe sobre comunicação?**

Para mim, a comunicação é uma ferramenta, e sem ela é impossível ter uma convivência entre seres humanos e até com animais. Porque quando eu me comunico com meu interlocutor eu consigo me expressar de todas as formas, eu consigo fazer com que ele me entenda e consigo entender ele, é isso gera uma convivência harmoniosa, pacífica, dentro dos limites de cada um, porque tem pessoas muito transigentes, que mesmo tendo esse cuidado com as palavras, que é muito importante, você pode falar a mesma coisa de infinitas formas. A comunicação por si só não é uma coisa que você pode usar sem pensar, sem usar o raciocínio. Você tem que pensar no que falar e pensar no que ouviu, se você vai absorver, se vai filtrar, de que forma você vai aproveitar aquilo que você ouviu.

## **8- Então para você a comunicação vai além do dialogar, do falar?**

Sim, vai além, eu acho que ela é uma ferramenta necessária para a convivência. Seja oralmente, gestos, braile... não tem como viver sem comunicar. Ela é essencial para a convivência.

## **9- Quais as relações que você estabelece entre comunicação e educação?**

Não tem como você educar sem se comunicar, a comunicação que estou falando é uma comunicação que vai além da explicação do conteúdo. Ela vai além do trabalho docente. Porque para eu ensinar meu aluno, eu preciso conhecer ele, saber quem ele é, qual é o temperamento dele. Eu preciso criar um vínculo com a criança para que ela aprenda. O filósofo Wallon afirma que não tem como educar sem afinidade, não tem jeito. Até a gente que é adulto é difícil, imagina criança. Então é necessária uma afinidade, uma interação, e a comunicação é a ferramenta principal do professor na sala de aula, porque através da comunicação ele vai conhecer o aluno, ele vai conseguir criar as estratégias que ele vai utilizar para ensinar cada criança. Na minha prática docente eu uso a comunicação de tudo quanto é forma. Às vezes no início da aula eu tiro uns 10 minutinhos para falar com eles, eu não chego e já vou derramando conteúdo. Eu interajo com eles primeiro porque quando a criança gosta de mim e vê que gosto dela, ela fica receptiva ao aprendizado. Cai aquela barreira. Quando eu percebo que a aula está cansativa e

que eles já fugiram a cabeça dali eu invento alguma coisa para eles retornarem, e para não ficar tão cansativo, e gosto de trazer coisas atuais, como uma dancinha do TikTok, então assim, a comunicação me proporciona entrar no mundo da criança, ela me dá essa oportunidade de entrar e trazer eles para o meu afeto. Tem que criar uma leveza na sala de aula. Porque depois dessa pandemia o trabalho ficou muito mais maçante e cansativo, as crianças estão chegando na escola sem saber ler e escrever. Então é um trabalho maçante mesmo, todo dia eu tomo leitura, ensino, tomo leitura, então a gente tem que fazer o clima ficar agradável também. E a comunicação traz essas possibilidades para o professor.

#### **10- O que a pedagogia brasileira enfoca sobre comunicação e educação?**

Eu gosto muito do Vygotsky, porque ele fala que o professor é um mediador, e o mediador orienta, acompanha, direciona, mas ele desafia o aluno a pensar, a criar, a produzir, a formular hipóteses. Então para mim, nessa visão, a comunicação é fundamental, porque para você fazer tudo isso é necessário se comunicar, para fazer seu ouvinte, seu interlocutor entender sua proposta e que você consiga fazer os ajustes necessários para que essa proposta alcance os objetivos que tem que ser alcançados. Então a pedagogia tendo como objeto de estudo a educação, o ensino em si, não tem como você trabalhar como pedagogo sem comunicar com seu aluno, seja ele criança ou adulto da EJA. Todas as esferas da educação que a pedagogia atende, a comunicação é essencial. Porque não usamos só o falar, a gente usa a música, o ritmo, então tudo isso a gente usa as ferramentas que a pedagogia traz para nós. Olhar o aluno como um ser completo, para perceber qual a ferramenta de comunicação que você pode usar para chamar atenção da criança, como uma pintura, uma dança, um quadro, um desenho. E eu gosto muito de dar exemplos e fazer na prática, acho que é uma ótima maneira de fazer com que eles compreendam. Essa comunicação que a pedagogia traz para mim eu vejo como uma oportunidade de ampliar meu leque de opções, estratégias para alcançar meu aluno.

#### **11- Você usa livros, ou vai além?**



Livro para mim é só mais um recurso, igual eu falei, eu uso de tudo, recursos audiovisuais, materiais concretos, música, dança, silabário, coisas do cotidiano deles, e todas as ferramentas possíveis para proporcionar para a criança a oportunidade de aprender e produzir conteúdo.

### **12- Quando você fala do cotidiano deles, o que seria?**

A gente trabalha da zona de desenvolvimento proximal, que é pegar o que a criança sabe, o que ela tem que aprender e o que está no meio é o que você vai ensinar. Então usamos o que eles sabem para ensinar novas coisas. Porque daí entramos na zona de desenvolvimento proximal.

### **13- Você se atualiza constantemente para poder dar aula?**

Sim, a escola é o espelho da sociedade, e é impossível você ensinar qualquer tipo de conteúdo sem entrar no mundo que está lá fora, sem se atualizar. Todo dia as coisas mudam, se atualizam, evoluem, desenvolvem inconscientemente, e quando a gente para, para pensar que a gente cai a ficha. Então é importante que o professor se atualize sempre e tenha à sua disposição as ferramentas do século 21 para executar em suas aulas. Sempre estou buscando me atualizar, faço pós-graduações, e busco observar sempre a realidade. Converso muito com os colegas também, porque aprendemos muito uns com os outros.

### **14- Quais as suas experiências de comunicação e educação que você adquiriu com o tempo?**

Eu percebo que a primeira coisa que você tem que ter na sala de aula é flexibilidade, porque às vezes você tem crianças da mesma idade, mas que têm maturidades diferentes, então com cada uma delas você vai lidar de uma forma. Eu tenho de manhã uma criança com epilepsia que se comunicava somente com o choro ou apontando o dedo, então assim, a gente tem que perceber como lidar com cada um. Você tem que compreender o outro, e não usar seu poder de persuasão, de imposição. Então a comunicação na minha prática educativa sempre esteve presente, eu sempre fui um professor que gosta muito de ouvir os alunos, gosto de deixá-los falarem, gosto de mostrar que eles podem falar democraticamente. Gosto de dar essa liberdade para eles se expressarem. E com essa liberdade também tem

um ponto de atenção, que as vezes a gente descobre coisas das vidas das crianças que você não gostaria de saber, como o pai bebe e bate na mãe, o primo pediu para a criança fazer sexo oral nele.

### **15- Você conhece esses familiares? Os pais?**

A relação da escola com a família é lei, quase que obrigatório, eu sou defensora dos pais na escola para o bem da criança, gosto de ver o pai na escola. Quando é necessário chamar eu chamo. Nas reuniões eu não sei se eles vêm porque eu não participo, mas quando eu chamo eles vêm. Vejo uma diferença gritante no aprendizado da criança que a família é presente, acompanha e ajuda.

### **16- Para você, o modo de comunicar interfere na educação?**

Interfere, porque se você chega lá, fala e fala e pede para trazerem a tarefa pronta, a maioria não vai trazer. Porque cada um aprende de uma forma, alguns só aprendem debatendo, outros fazendo, outros assistindo, então a comunicação nesse sentido de interferir no aprendizado caminha junto com a sensibilidade do professor na sala. Eu preciso estar atenta. A minha comunicação com meus alunos é uma comunicação empolgante, sou muito animada na sala para trazer a atenção deles para mim. E eu consigo perceber que cada um recebe a minha comunicação diferente. Tem uns que eu já falo eles já entendem. Outros eu preciso me sentar do lado para explicar passo a passo. Então a comunicação tem que andar junto da sensibilidade para poder funcionar e proporcionar aprendizado para as crianças.

## **Apêndice IV - Entrevistado D**

A entrevista “D” é composta por 13 perguntas seguidas de suas respostas.

### **1- Qual sua história profissional e de vida?**

Tenho 31 anos, tenho pouco tempo como professor, está fazendo três anos que eu estou em sala praticando, porque antes eu trabalhava como secretária de um jornalista, mas estava ali no meio, se precisasse de ir para a redação eu ia... Aí eu comecei a fazer pedagogia, fiz o concurso aqui e passei, faz dois anos que estou aqui como Servidora Efetiva, mas um ano eu trabalhei em escola particular, uma escola de freira em Senador Canedo; praticamente 3 anos na área.

## **2- Quando decidiu ser professor?**

Eu sempre gostei, na verdade. Fiz Gestão Ambiental, uma área que não é muito ampla com empregos, então pensei que precisava fazer outra faculdade. Tenho muita vergonha, comunicação para mim é bem difícil. Aí eu pensava em ter filhos, então eu pensei em uma área boa para acompanhar meu filho. Além da minha família ter muitos professores, primas, tios, a maioria são professores, e com a influência deles eu comecei a fazer a faculdade em 2012 e me formei em 2016. Logo quando fui chamada no concurso em Hidrolândia, eu fiquei um mês aqui e ia para Senador Canedo, até conseguir a dobra aqui, lá eu dava aula para o primeiro ano. Sou casada há 9 anos e meio e moro em Aparecida de Goiânia. Sempre tive vontade de ser professor, porque na minha cabeça o que pode mudar o mundo é a educação né, essa frase é muito comum entre a gente. Porque só o ensinamento com essas crianças que a gente pode mudar alguma coisa, então assim, desde criança acompanhando isso de perto, minha tia tinha escola, então nas férias eu ia ajudar ela, tinha feriado eu ia para a escola, então eu venho acompanhando isso tem muito tempo. Eu morava em Goiânia, quando me casei vim morar em Aparecida, mas é bem pertinho daqui né, Hidrolândia é só um pouco mais para frente. Então esse convívio, na escola com minha tia me chamou atenção. Mas assim, minha primeira faculdade não foi pedagogia, porque tem aquela história de que professor ganha pouco, trabalha muito, que é muito puxado... Esses são os relatos que nós escutamos né. Mas eu fiz a outra faculdade, não fiz concurso, não tem área ampla de emprego. Tudo lá era por indicação, se você não tiver indicação, você não consegue. Então eu comecei a trabalhar com ele e lá o horário era das 15h à meia noite. Então eu tinha a parte da manhã para eu estudar, aí eu comecei a estudar e fazer pedagogia, aí no quinto período de pedagogia saiu o concurso para fazer aqui em Hidrolândia, a coordenadora aqui da escola é minha prima, e ela falou que ia sair o concurso que era para eu fazer. E eu queria ver como era a prova né, mas aí eu passei e comecei a trabalhar aqui. Fiz pedagogia, sou neuro pedagoga, tenho especialização em alfabetização e letramento, hoje sou professor do agrupamento 1 da creche e do 4º ano aqui na escola. Dou aula das crianças de 6 meses a 1 ano e meio, não sei te falar quais são os meu preferidos, porque as crianças do agrupamento 1 o trabalho é com cuidado, desenvolvimento da fala, do andado; tem as atividades, mas são voltadas mais para o desenvolvimento dos

alunos. A sala já chegou a ter 21 alunos, não é fácil, tem que gostar muito. É igual eu falo para as minhas auxiliares, se você não ama o que você faz, não adianta que não consegue. Aqui no 4º ano já é voltado para a alfabetização e ensinamento mesmo, totalmente diferente. Quando você gosta do que você faz é diferente né.

### **3- Quais são as suas impressões/experiências da sociedade hoje em dia?**

Eu tive a experiência tanto da escola particular, quanto da municipal e são totalmente diferentes. O aprendizado, acompanhamento... Eu tenho alunos no 4º ano que não sabem as vogais, não sabem ler. Já na escola particular a cobrança é totalmente diferente, eu dava aula para o 1º ano e lá se a criança não soubesse ler e escrever parar ser aprovada, ela não passava. Então assim, hoje as crianças até do quinto ano tem essa dificuldade né, totalmente diferente. Tudo evoluiu demais, antigamente era mais fácil lidar com as crianças, hoje elas têm um campo muito mais abrangente, com internet e informações. Não só a tecnologia, mas na minha época os pais eram mais rígidos; muitas vezes você vai conversar com um pai ou mãe e eles ficam do lado da criança, não do lado do professor. As famílias fazem uma diferença muito grande, acho que tem aquela questão de que, se eu estou pagando, eu quero ver um resultado. A maioria das crianças aqui não têm a família completa né, são criados por outras pessoas. Eu tenho um caso na minha sala que a mãe abandonou o filho, e ele é criado só com o pai. Até eu conversar com uma aluna minha esses dias e perguntei se a mãe não olhava o caderno dela e ela afirmou dizendo que não. Então assim, não tem interesse de fazer uma atividade, de ter um caderno caprichado, de fazer uma tarefa de casa, não tem esse costume.

### **4- Em questão de crimes, atualmente pioraram?**

Acredito que pioraram, mas dá para ver uma evolução de quando eu estudava. Eu nunca estudei em escola particular, sempre foi estadual ou municipal, e eu vejo que não é como era antes. Como minha experiência aqui ainda é pouca, por conta da pandemia ficamos afastados, essa pandemia atrapalhou nós professores demais, porque só pela tela do celular não dá para ter um bom contato com o aluno. Tem crianças que não tinham internet, então não tinham contato com a escola, eles saíram no primeiro ano, não tiveram o segundo, nem o terceiro e já

vieram direto para o quarto ano. A coordenadora fez um 'eturmamento' agora que divide as crianças toda segunda-feira, junta os que mais tem dificuldade para ver se dá uma avançada com essas crianças. Acredito que essa seja nossa maior dificuldade, depois da pandemia.

### **5- O que você sabe sobre comunicação/comunicar?**

Comunicar eu acho que é tudo, ainda mais dentro da sala de aula com o aluno, assim, a comunicação não é aquele padrão para todos, acredito que para cada aluno a gente tem que ter uma forma de comunicar com ele. Nós temos que olhar o convívio, aquele meio cultural que ele vive. Não adianta, eu não posso falar com um aluno que já tem uma experiência, que sabe a matéria, da mesma forma com aquele que não sabe nada. Tem uns que são mais agressivos e você tem que saber lidar com eles. Comunicação tem a transmissão de conhecimento e a conexão, porque ela cria um vínculo entre o professor e o aluno, ela vai transmitir o conhecimento e através dele você também cria um vínculo. Comunicação pode ser, igual na aula de artes, através da dinâmica, através de um desenho, apresentação de trabalho, não é só falar, não é só se sentar e falar com o aluno. Faço com eles algumas dinâmicas, para não ficar aquela coisa monótona, usamos aulas expositivas, atividades de artes, trabalhos desenvolvidos por eles, tarefas de quadro, de folha, são vários tipos.

### **6- Quais são as relações que você estabelece entre a comunicação e a educação?**

Acho que foi o que eu te falei agora, através do educar e comunicar, vai criar um vínculo com ele, gerar um respeito, um diálogo, acho que é mais essa parte. A gente explica o conteúdo, aí eu pergunto para a criança se ela entendeu, aí tem muitos que ficam com aquele jeitinho e não querem falar, mas através do olhar é uma forma de comunicação, aí a gente vai e tenta fazer de outra forma, explica novamente, se não conseguiu, vou tentar com outro tipo de comunicação, tenta na prática, tenta em aulas expositivas, várias outras formas. Tem alguns alunos que a gente tem que se sentar do lado deles, que precisam de mais atenção. Tanto é que a gente tenta dividir a turma com aqueles que precisam de mais atenção e aqueles que já conseguem desenvolver sozinhos. Após a pandemia eles chegaram muito

dispersos, sem limites e sem regras. Parece que chegaram assim e soltaram eles, daí agora que estão começando a entrar no ritmo novamente, de regras, de estarem ali sentados, só estudando. Porque quando eles chegaram, não tinham limites para nada, acho que eles se acostumaram com aquela coisa de ficar em casa, de fazer as coisas na hora que quiserem, a mãe não fica em cima igual o professor que está aqui todos os dias.

#### **7- O que você sabe sobre a pedagogia brasileira de focar sobre comunicação e educação, na legislação...?**

A gente estuda na faculdade e é tudo lindo, maravilhoso. Quando você vê aqueles autores que falam que tem que fazer 'assim assim assim' com a criança, mas na prática é totalmente diferente. Lá mostra como se fosse uma forma bonita para se fazer com a criança, como se fosse fácil, mas na prática não é assim que funciona. É como as leis, tanto de regra, tantas crianças dentro da sala de aula, tem que fazer desse jeito... Não tem como! Só você estando ali dentro para saber como lidar com as crianças. Nessa questão de comunicar com elas nós respeitamos bastante, porque não tem como, não tem como você pegar uma criança e querer fazer do seu jeito, porque ela não vai aprender.

#### **8- Quais experiências práticas dentro e fora da sala de aula, de comunicação e educação?**

Através do dia a dia e do acompanhamento da criança vou adquirindo experiência de saber como prosseguir, porque não tem como eu chegar e querer fazer só do meu jeito. Então eu dou a matéria de um jeito, se eu vir que não funcionou muito bem, amanhã eu dou de um outro jeito, para ver se eles aprendem. Não tem aquela coisa, tem que ser assim e pronto. Eu uso o livro, que é obrigatório, mas uso outras formas também, como atividade de quadro, atividade de folha, atividade em grupo, jogos. Essas coisas que chamam mais a atenção deles. Sempre quando vou desenvolver atividade do livro com eles, eu gosto de fazer um debate, uma discussão, porque assim prende a criança naquilo ali.

#### **9- O modo de comunicar interfere na educação?**

Interfere, com certeza. Não adianta eu chegar na sala agressiva, ter uma comunicação bruta com o aluno, porque ele não vai ter gosto de aprender, não vai gostar do professor, então a comunicação não é só falar, é o contato com a criança, é o desenvolvimento dentro da sala, é tudo.

**10- Como estão os resultados de evolução de aprendizagem das crianças após a pandemia?**

Estão melhorando, está tendo um resultado significativo, mas tem aquelas crianças que não são presentes, que vem duas vezes na semana e não vem mais, faltam 2 semanas, depois aparece de novo, então o resultado dessas crianças não são bons, mas muitos já evoluíram bastante.

**11- Por que você acha que essas crianças faltam tanto?**

Questão familiar mesmo.

**12- Você conhece os familiares?**

Eu tento ter esse contato com os pais. Quando o aluno está dando trabalho na sala, não quer fazer atividade, eu ligo para a mãe e converso. Já fui à casa de alunos meus, acompanhar, ver o que está acontecendo, principalmente quando a criança anda muito triste.

**13- São familiares presentes?**

Alguns sim. Alguns a gente vê que estão sempre ali cobrando. E tem pai e mãe que não está nem aí, não quer nada com nada. Quando converso com os pais sempre dá um resultado positivo, por isso eu acho importante a relação da escola com a família, esse contato.

**Apêndice V - Entrevistado E**

A entrevista "E" é composta por 31 perguntas seguidas de suas respostas.

**1- Você dá aula aqui há quanto tempo?**

16 anos, tenho 54 anos.

## **2- Você já deu aula em outras escolas antes daqui?**

Eu já trabalhei em Aparecida de Goiânia e em Brasília. Em Brasília eu trabalhei em 1993 até 1998 concursada.

## **3- Você é daqui mesmo?**

Nasci na Bahia, depois fui para buriti de minas para estudar, e depois fui para araponga porque passei em um concurso, trabalhei lá 6 anos. E em 2000 eu vim para Goiânia morar com minha avó, morei no setor oeste, em frente ao bosque dos buritis. Fiz faculdade no salgado de Oliveira. Em 2006 passei no concurso de Hidrolândia.

## **4- Qual a sua história profissional de vida de professor?**

Quando eu estava no quarto ano eu já dava aula de reforço para meus colegas de classe e para os meninos do quinto ano, porque eu sabia muito ler e era muito alfabetizadora, daí os pais me pediam para ajudar os filhos que estavam no quinto ano e não sabiam ler, e eu conseguia alfabetizar e isso ia me fomentando.

## **5- Isso era na Bahia? Qual a cidade?**

Sim, Correntina.

## **6- Depois disso, como procedeu sua vontade de ser professor?**

Depois fui para buriti de minas para estudar e fazer o magistério. Depois fui para Brasília e só tinha o magistério, não tinha o curso superior ainda. Lá eu passei em um concurso e já fui chamada. Aí peguei e exonerei do concurso para vir para Goiânia fazer pedagogia.

## **7- Em Goiânia a senhora fez pedagogia e depois fez o concurso para dar aula aqui?**

Isso.

## **8- Qual seria a senhora mais gosta de dar aula?**

Gosto mais dos pequenininhos, até o quinto ano. Eles escutam mais a gente.



### **9- E sua família?**

Minhas irmãs são todas professoras. Tenho 3 irmãos, eram 4, mas uma faleceu.

### **10- A senhora saiu de Brasília por quê?**

Para fazer pedagogia, porque aqui eu moraria com a minha avó e seria mais fácil.

### **11- A sua avó sempre morou aqui?**

Sempre. A família do meu pai é toda de Goiás e da minha mãe que é da Bahia.

### **12- Quais as suas impressões da sociedade hoje em dia?**

Eu vejo muita falta de amor, falta de interesse. Na minha época a gente ia para a escola para estudar e hoje a maioria vem forçado, parece que não tem vontade de estudar. Só vem para fazer bagunça.

### **13- E a senhora acha que isso mudou por quê?**

Acho que pelas famílias mal estruturadas, falta de amor.

### **14- E as experiências que a senhora tem hoje em dia?**

Olha, não tem jeito, por incrível que pareça, quando os pais trabalham junto com o professor é outra realidade. Mas quando a família é desestruturada não jeito. Nós temos alunos aqui que desde lá da creche ele era custoso e até hoje ele é custoso. Parece que quando a família não está presente, só Deus mesmo.

### **15- E a senhora conhece os pais?**

Eu conheço alguns pais. Aqueles meninos que são bem estudiosos, os pais são presentes, e as vezes eles procuram a gente diretamente. Já aqueles pais que os meninos são custosos, a gente fica querendo falar com eles e os pais ficam fugindo. Parece que assim “não estou dando conta vou jogar pra escola”.

### **16- A maioria dos alunos são daqui mesmo?**

Tem muito aluno do Maranhão, Amazonas, tribos indígenas, Pará, Tocantins. E tem muito aluno aqui que não foi alfabetizado, que não fala bem, como o Domingues que veio da tribo, que nem tem documento.

### **17- E eles vieram para cá por quê?**

Os pais vêm para trabalhar e trazem os filhos. O Domingues mesmo disse que a mãe dele teve ele em uma mata e depois a avó dele mordeu ele, daí a gente pergunta o porquê e ele diz que é para a força dela passar para ele. E ele não toma muito banho não, ele fica uns 4 dias sem tomar banho. Então é a cultura dele. Além dele de indígena na minha sala, tem a Melissa. E por isso temos que trabalhar muito isso dentro da sala, mostrar que precisamos respeitar as diferenças. Esses dias mesmo a mãe do Domingues me enviou uma cartinha dizendo que ele irá faltar porque ela vai voltar para lá para fazer a certidão e os documentos dele. Ele não sabe ler. Mas de conhecimento, ele tem mais que os outros alunos. Ele tem muita bagagem. É muito esperto.

### **18- O que a senhora sabe sobre comunicação?**

Uai, comunicação...que eu sei, eu uso muito o celular, a internet. Eu gosto de pesquisar, de estudar, eu vou voltar, eu vou fazer direito. Eu gosto de estudar, ver as coisas que não sei o significado e pesquisar.

### **19- A senhora vai fazer direito porque não vai mais dar aula?**

Não, não vou parar de dar aula não, eu gosto. Vou fazer os dois juntos.

### **20- A comunicação para a senhora se resume em que?**

A comunicação, a pessoa tem que passar, explicar e a pessoa tem que entender. A pessoa tem que passar o conhecimento para a pessoa saber do que se trata aquele assunto, do que que está falando. A pessoa tem que compreender, mesmo que não saiba ler. Eu gosto assim, por exemplo, o Dia Internacional da Mulher, eu paro a aula e osso vídeo, explicou para meus alunos como que surgiu o dia. Toda vez que tem um feriado, eu explico para eles o significado para eles entenderem. Eu vou lá pesquiso e trago para eles vídeo, ou outra coisa. Eu

transmito o conhecimento para eles e eu gosto assim. Eu sou muito comunicativa com meus alunos. Eles podem não saber muito ler, mas conhecimento eles têm.

**21- Quais as relações a senhora estabelece entre comunicação e educação?**

Uai, para mim os dois andam juntos. Porque a comunicação e a educação não têm dois caminhos, para mim eles tem que andar juntos. A comunicação... você tem que comunicar, você tem que falar. E a educação também, você tem que falar sobre educação. Na minha cabeça os dois andam juntos.

**22- Quais são suas formas de comunicação em sala de aula?**

Eu dou a aula de um jeito, se eu vejo que eles não entenderam eu mudo o jeito. Primeiramente eu passo um conteúdo falando, por exemplo, depois coloco vídeo para complementar aquela aula e eu não saio daquele assunto enquanto eu não transmito aquele conhecimento para eles.

**23- Como a senhora vê que eles realmente entenderam?**

Eles entendem melhor com exemplos. A gente usa muito vídeos de exemplo. Se eu escrevo no quadro eles ficam com muita preguiça e não prestado atenção.

**24- Então a senhora não usa só o livro, vai além do livro?**

Não uso só o livro não. Toda coisa que vou falar eu uso vídeo. Para falar a verdade. Só para você eu falo, eu não uso muito livro não, porque eu primeiro explico verbalmente, passo algum vídeo explicativo e depois vou escrever. Então eu uso muito vídeo. Livro eu gosto de usar só para me orientar, dar suporte. Porque tenho que acompanhar os conteúdos. Então no livro eu só olho os títulos. E desse jeito eles prestam muita atenção.

**25- Além de vídeo você usa mais alguma coisa?**

Uso música, poema. A música chama muita atenção deles porque eles aprendem brincando.

**26- O que a pedagogia enfoca sobre comunicação e educação?**

Uai, por exemplo, aquele Gabriel Chalita, tem um livro que fala de a educação estar no afeto. Ele também fala de vários pesquisadores. E fala que professores precisam ser pesquisadores, que vai atrás e procura o melhor para o seu aluno. Também fala que comunicação e educação andam juntos. Se eu for dar uma aula de português, mas está um outro assunto muito importante chamando mais atenção, como a varíola dos macacos, eu dou aula sobre isso, passo a informação para eles, e assim, na mesma hora eu estou dando aula, passando informação e dando aula de português, então aproveito as oportunidades, que é interdisciplinar.

### **27- Suas experiências fora da sala ou dentro da sala sobre educação e comunicação?**

Aluno meu é bem cheio de conhecimento, eu gosto muito de ir atrás, passar vídeo, passar coisas novas, informar eles. Porque eu percebi que é isso que chama atenção dos alunos. Quando você passa um vídeo eles ficam assim ó “silêncio, deixa eu prestar atenção”. E quando eu passo, eu peço para eles mesmos explicarem o que viram, o que acharam, então eu gosto muito. O livro eles não gostam, é muito chato. Também gosto e usar caça palavra, algo para eles aprenderem colorindo, porque livro para eles é a morte. E sobre fora da aula, quando dou uma aula tipo, de vegetações, a gente vai para fora, as vezes vai para o córrego. Aqui na escola nós fizemos uma horta. Meus alunos que fizeram. Gosto de trabalhar no concreto, é a teoria com a prática.

### **28- O modo de comunicar interfere na educação?**

Eu penso, no meu ponto de vista, que tem uns alunos que tem que ser mais cauteloso, como o caso desse aluninho que é indígena, porque aqui é mandioca, mas ele fala Rama, então eu tenho que ir devagar com ele para que ele me entenda. Mas o certo é falar do mesmo jeito para todos.

### **29- Se a senhora der aula e perceber que eles não compreenderam, o que faz?**

Eu deixo passar um dia, faço um registro no meu caderno, e depois eu retorno naquele assunto para explicar novamente.

**30- Às vezes é necessário sentar-se ao lado deles para entenderem melhor?**

Sim, as vezes me sento ao lado de alguns. Tem alguns que precisam de muita afetividade.

**31- Tem muitos alunos carentes aqui?**

Tem muitos. As vezes tenho até medo deles entrarem em depressão. Tem vez que até vou embora chorando, porque tipo, um colega fala “porque você não compra uma borracha?”, ele fala assim “lá em casa não tem nem arroz pra comer”. Então assim, alguns deles vem com fome, vem sem tomar banho. E isso atrapalha muito a aprendizagem deles.

## **Apêndice VI - Entrevistado F**

A entrevista “F” é composta por 17 perguntas seguidas de suas respostas.

**1- Qual é a sua história profissional e de vida de professor?**

Eu vim de uma família pobre, morava no interior e vim pra Goiânia trabalhar. Trabalhei durante um tempo na casa de uma pessoa - meus pais trabalhavam com fazenda- e eu vim com a intenção de trabalhar e estudar. Tentei várias vezes na UFG, mas eu estava tentando os cursos tipo direito, farmácia, e quando eu comecei a estudar muito a língua portuguesa para a redação, eu melhorei muito e mudei a minha vontade para fazer letras. Passei no vestibular na federal, fiz letras, e quis ser professor. Quando formei eu fui ser corretora de redação e até então eu ainda não era professor regente. Eu era corretora de redação e monitora, daí fiz um concurso público e passei em quatro, mas assumi três, que é um aqui, um em trindade e um em palmeiras, fiquei três anos em palmeiras e depois fiquei só com o daqui e trindade. Eu gostei muito, me dei bem, porque tem gente que faz o concurso, fica só uns 2 anos e larga, porque diz que não se identifica com a profissão, mas no meu caso eu me identifiquei e gosto muito de ser professor e estou aí já 5 anos sendo professor.

**2- E você dá aula para quais turmas?**

Aqui eu dou aula de português do sexto ao nono anos no matutino e em trindade eu sou pedagoga no vespertino.

### **3- Você mora em Goiânia? É casada?**

Moro em Goiânia, sou solteira e não tenho filhos. Tenho 42 anos. Mas eu sou do interior, morava em Turvania, mas isso já tem uns 25 anos.

### **4- Em palmeiras você não continuou por quê?**

Lá eu não tinha nenhum parente então exonerei o cargo lá para tomar posse aqui próximo.

### **5- Você disse que está há 5 anos trabalhando em escolas. Antes você fazia o que?**

Antes eu cuidava de idosos. Na verdade, eu cuidava de uma senhora aqui em Goiânia e como eu morava com ela eu não pagava aluguel e nem comida, então podia estudar e ela me ajudou a pagar os cursinhos preparatórios.

### **6- Quais são as suas impressões da sociedade e mundo hoje em dia?**

Comparado aos anos anteriores, de quando eu vim pra Goiânia, eu acho que estava mais fácil de lidar com os alunos. Eu lembro que quando eu estudava a gente tinha um respeito maior pelo professor, a gente tinha medo, se o professor falasse algo a gente levava muito a sério, e o hoje em dia eu vejo que os alunos já não estão respeitando tanto o professor não, principalmente adolescentes. A gente fala uma coisa eles ficam quietinhos não hora, daí você vira para o quadro e eles estão todos em pé. Então o respeito diminuiu bastante. Eu não sei se é devido a forma que eles são criados, porque a família interfere bastante, ou o nível financeiro deles, porque aqui é uma localidade em que o povo aqui não tem um poder aquisitivo bom. E a estrutura das famílias aqui na maioria fuma droga, ou seja, são de uma família desestruturada. Mas isso não acontece só aqui. De forma geral a sociedade mudou, a cabeça das pessoas mudou e hoje você... tipo os meus alunos do segundo ano lá de trindade, o comportamento deles não é bom, eu sempre tenho que ficar ligando para os pais para pedir ajuda em casa deles. E há 3 anos, quando eu iniciei com uma Turma lá em palmeiras era uma turma melhor, eles ficavam mais quietos, e

acho que pode ser por causa dessa pandemia também. Eles ficaram muito presos em casa e agora pode ser que estejam se sentindo livres para fazer o que bem entender. Não sei o que acontece. Mas no geral assim, acho que a sociedade está um pouco pior que antes. Quando eu vim pra Goiânia em 1997 quase não tinha estupro, casos assim, ladrão e hoje em dia a agressão aumentou, a violência...

### **7- As impressões que você tem em sala de aula sobre a sociedade?**

Vejo uma falta de comprometimento dos alunos. Eles não estão comprometidos com as tarefas, com as atividades de sala. tem 30 alunos, só 15 realmente fazem as atividades que coloco no quadro, as atividades que a gente pede para fazer. E os outros 15 a gente percebe que só vem para a escola para não ter que ficar em casa, para não ter que trabalhar, para não ter que olhar os irmãos menores. Muitas das vezes a escola é um refúgio para esses alunos, não de todos. Mas alguns alunos do vem para fazer bagunça mesmo, parece que gostam. A gente planeja a aula e na aula acontece totalmente diferente, porque aqueles alunos que não têm comprometimento não te deixam dar aula. Podem ter 30, mas se tiver 2 bagunceiros, já fica difícil de dar aula. Eles aprontam um alvoroço que ao invés dos outros prestarem atenção em mim, prestam neles. Ai o tempo todo eu preciso chamar atenção ao invés de eu estar ali ministrando conteúdo, então perco muito tempo chamando atenção deles. Muitos também viajam muito durante a aula. O aluno está ali, mas a gente percebe que ele está em outro mundo. Muitos deles até falam que ficam em casa mexendo no celular até quatro horas da manhã, vendo Netflix até mais tarde, então eles chegando cansados, com sono, então provavelmente ele está ali, mas a cabeça dele não.

### **8- O que você acha sobre a participávamos familiar destes alunos?**

A família é a principal fonte, e a gente percebe que os meninos que são mais indisciplinados são os que tem problemas na família. Que a família não acompanha as atividades, que talvez nunca tenha olhado nos cadernos. Igual esses dias que eu chamei um pai de um aluno do sexto ano para mostrar que o menino não tinha nenhuma atividade feita comigo, mas ele disse que não sabia que o menino estava desse jeito, então com certeza ele não acompanha a vida escolar, e precisa ter o acompanhamento.

## **9- O que você sabe sobre comunicação?**

Para ter comunicação tem que ter uma interação. Comunicação é como por exemplo eu falar com o aluno e ele entender o que eu estou querendo dizer. É uma interação entre ele e eu. Muitos dizem que por eu ser professor de português eu vou julgar a forma como as pessoas falam, os erros de gramática, mas não, se eu entendo o que a pessoa está falando e ela me entende, há uma comunicação. Tem que ter uma interação. Acho que comunicar não é só pegar o caderno do aluno e corrigir as questões sem falar nada para ele, eu preciso interagir com ele. E na sala de aula, eu comunico formalmente, mas as vezes informal também, porque é o jeito de interagir com eles, para eles entenderem. É necessário comunicar com a pessoa de acordo com a realidade dela. Eu busco entender aquele aluno para saber até o porquê de seus comportamentos. Gosto de sempre partir de exemplos de suas realidades para que eles entendam o conteúdo.

## **10- Quais as relações você estabelece entre comunicar e educar?**

Acho que andam juntos. Não tem como educar sem comunicar. Não tem como explicar e esperar que entendam sozinhos, é necessária uma relação, uma interação para que eles aprendam. Senão não irão aprender. A gente tem que partir do princípio da comunicação formal, e depois a informal para que haja entendimento.

## **11- Na sala de aula, quando eles não te compreendem você percebe? Como você faz?**

Percebo, mas muitos não perguntam. A maioria não pergunta nada. Mas eu vejo pelos seus olhares se entenderam ou não e eu retomo lá no conteúdo para tentar explicar de outra forma. Na verdade, em toda aula eu volto no conteúdo passado antes de iniciar um outro conteúdo novo para que eles realmente compreendam e eu consiga concretizar o conteúdo na cabeça deles. Porque são adolescentes, eles esquecem rápido e o pior é que não tem alguém em casa para pegar no pé deles para estimular.

## **12- Na pedagogia brasileira, há alguma coisa de comunicação relacionada a educação?**



Paulo Freire cita muito a relação de comunicação e educação, inclusive foi ele que citou sobre o mundo real, que eu esqueci o nome do livro. Mas ele fala que a gente precisa buscar conhecer a realidade do aluno. Então eu tenho muitas referências do Paulo Freire. Mas ele fala muito sobre a comunicação que você tem que ter com o aluno. Sobre conhecer o contexto do aluno para julgar o aluno da forma correta.

### **13- E nos livros que você usa em sala de aula?**

Não, nos livros que usamos em sala geralmente são apenas didáticos mesmo.

### **14- Você usa muito os livros na sala?**

Eu uso mais ou menos, não gosto de ficar presa no livro didático. O livro é muito limitado e as vezes eu quero trabalhar uma gramática normativa e o livro que usamos só usa texto. Então eu gosto de intercalar o livro com materiais que eu busco referência na internet, um autor, um outro material. Gosto de pegar coisas mais atuais na internet para trabalhar com eles, já que os livros não trazem muito disso.

### **15- Em relação a tecnologias da informação, comunicação em massa, comunicação nas redes, há alguma coisa do tipo de como ensinar?**

Nos livros não, mas eu trabalho com tudo que é atual com eles, até uso slides. Gosto de mostrar publicidades, gêneros textuais, convite, jornal... não tem como fugir disso porque é atual. Nos livros até fala um pouco sobre isso, mas é bem pouco.

### **16- Qual a sua experiência prática dentro da sala ou fora da sala sobre comunicação para educar?**

Eu vejo uma evolução muito grande minha dentro da sala e até fora da sala com as experiências mesmo, de como comunicar para educar. Quando eu comecei a dar aula, eu não tinha noção de sala de aula. Às vezes eu passava alguma coisa e ficava presa só no livro didático, porque eu não tinha experiência. Mas no outro ano eu já tinha percebido que o livro era muito limitado e não estava sendo bom, então

eu buscava outras fontes e trazia atividades de outros autores. E daí fui vendo a melhor evolução deles. E daí fui ganhando experiência de quais as melhores formas de comunicar com eles para educar. E hoje está dando certo, eu vejo ótimos resultados nos meninos. Cada vez mais eu venho adquirindo mais experiência. Até que quando eu iniciei em sala eu queria só impor, e daí fui percebendo que não é assim que conversa com o aluno, não é assim que ele irá aprender. Temos que avaliar o aluno de uma forma contínua. E ser educador não é ser tradicionalista, tem que analisar a forma de dialogar com essa criança ou com esse adolescente. Então eu gosto de intercalar a forma tradicional com a educação nova. Mas tem que analisar, porque na alfabetização não dá para ser apenas a educação nova, tem que ter muito da tradicional também.

### **17- Você acha que o jeito de comunicar interfere na educação?**

Sim, interfere. Porque se você chegar impondo muito numa sala de aula, principalmente para os que são indisciplinados, ao invés de melhorar, piora e eles acabam que não irão querer fazer nada. Tem que ter um jeitinho de falar com eles, para acessar eles. Mas cada sala é diferente e cada aluno também é diferente. Então tem que ter um certo jeito com cada um. Porém nem sempre esse jeito, esse respeito que tenho, ajuda. As vezes nada adianta, e eles simplesmente não fazem nada. Mas a comunicação é a parte primordial na educação, então interfere sim.

## **Apêndice VII - Entrevistado G**

A entrevista “G” é composta por 20 perguntas seguidas de suas respostas.

### **1- Qual a sua história profissional e de vida?**

Eu parei de estudar aos 17 anos e me casei logo depois. Em seguida tive que me separar e voltei a estudar. Me formei em magistério em 1997 e em pedagogia em 2007 e agora tenho pós-graduação em inclusão. Eu sempre tive vocação, mas por necessidade e não ter oportunidade quando mais jovem eu demorei para me formar. Eu amo o que eu faço e gosto muito da área.

### **2- Você está dando aula para quais turmas atualmente?**

Neste ano estou dando aula de língua portuguesa para sexto e sétimo ano no matutino e quarto ano no vespertino.

### **3- Qual turma você mais gosta de dar aula?**

Eu prefiro o quarto ano, eu gosto mais de trabalhar nesses níveis: terceiro, quarto e quinto anos. Mas no sétimo ano eu estou fazendo uma dobra e por isso peguei o sétimo e sexto. Já tem 3 anos que pego essas séries.

### **4- A senhora é daqui mesmo?**

Eu sou de Piracanjuba e moro em Aparecida de Goiânia. Trabalho aqui há 16 anos, mas já morei aqui nesse setor Garavelo por muito tempo também.

### **5- O que fez a senhora vir para cá?**

Quando eu me casei - meu marido sempre trabalhou com meu pai - e eles mexiam com fazendas. Então, eles arrumaram um serviço em uma fazenda aqui próxima e viemos toda a família para cá. Ficamos uns oito anos aqui nesse setor e foi quando me separei do meu marido. Eles voltaram para Piracanjuba e eu fiquei porque eu já estava trabalhando aqui, antes mesmo de me formar já trabalhava aqui.

### **6- A senhora tem filhos?**

Sim, tenho um casal. Os dois são adultos, um mora em Portugal e a outra mora comigo. Eu até já tenho bisneto.

### **7- Quais são as suas impressões e experiências sobre a sociedade e o mundo hoje?**

Estou vendo muito, nessa área que trabalho, uma dificuldade em lidar com os conceitos que as crianças estão tendo em casa. Não é mais como era antes. Elas estão chegando na escola com muita falta de disciplina, porque não tem em casa. Então, na minha profissão estou vendo isso. E esse mundo lá fora está muito perigoso para esses adolescentes, porque são muitas coisas envolvidas, o crime está muito grande, essas drogas... os jovens estão entrando muito facilmente e isso está prejudicando muito a sociedade hoje.

**8- As experiências aqui dentro - Falando sobre drogas, a senhora vê isso aqui?**

Aqui dentro a gente não vê, mas lá fora temos muitos alunos que mexem com isso. Aqui dentro é muito vigiado. Temos uma monitorização muito grande, mas às vezes ainda acontece de um chegar drogado ou chegar bêbado na escola de manhã. Então a gente tem essa dificuldade. E nesse setor aqui, isso é muito forte.

**9- Alunos que já terminaram ou que não vêm mais?**

Tem alunos que não vem mais, e até tem alunos nossos que já faleceram por causa disso, por assassinato. Esses dias mesmo, há um mês e pouco, teve um assassinato por tráfico de drogas. Ele estava devendo droga e foi assassinado. São adolescentes que estão perdendo a vida por coisas que, se tivessem as vezes - eu penso assim - uma família mais próxima, presente, talvez não chegassem a esse ponto.

**10- Você conhece as famílias dos alunos?**

A maior parte sim, mas nem todos. No início, quando eu morava aqui nesse setor, eram menos alunos também e eu tinha facilidade de conhecer a família de todos, mas hoje estamos com quase 800 alunos, então é difícil de conhecer todos os familiares. Só assim... de vista... na escola mesmo. E eu fico o dia todo na escola, chego aqui às 6:45 e vou embora às 17:20, almoçamos aqui mesmo.

**11- Ficando o dia todo presente na escola você vive muitas experiências, certo?**

Sim, muitas experiências. Até porque tem muitos anos que eu trabalho aqui, então é uma realidade que a gente vê mudança ano por ano. Antes da pandemia tínhamos muita dificuldade com a disciplina dos alunos, mas pós pandemia a disciplina aumentou muito, muito mesmo. E assim... percebemos a falta de interesse deles no estudo, e tudo para eles tem que ser negociado, conversar e negociar alguma coisa.

**12- Será porque está piorando?**

Igual eu estou te falando, essa região daqui o pessoal é muito abandonada. Hoje em dia o prefeito até está fazendo muita coisa pelo nosso setor, mas eles foram deixados de lado por muito tempo. Aqui não tem nenhuma quadra de esporte para eles jogarem, não tem lugar para distraírem. Então eles são muito deixados de lado, não têm muitas opções. Tem muitos alunos que quando terminam a aula vão para Goiânia “pedir” nos sinaleiros, e não são poucos alunos, são muitos. Eles são muito carentes e tem uma desestrutura familiar, então acho que faz causar isso.

### **13- A maioria dos alunos são aqui do setor Garavelo mesmo?**

Sim, a maioria. Alguns são de condomínios de chácaras que tem aqui em volta e de setores vizinhos também. De Aparecida de Goiânia temos apenas 2 alunos, um casal de irmãos que os pais trabalham aqui próximo.

### **14- O que a senhora sabe sobre comunicação, sobre o comunicar?**

Sei que é um meio, assim, de comunicar com outros locais, com pessoas. Também é um meio de transmitir conhecimento através da comunicação. Tem um emissor e um receptor que sempre buscam... não sei explicar direito. A comunicação, a gente convive com ela o dia todo e na hora de explicar fogem as palavras. Então, para mim, a comunicação não é só falada, ela pode ser escrita, transmitida de formas diferentes, gestos. Para mim, tudo que passa para a pessoa e ela entende é uma forma de comunicação, até mesmo um olhar. Muitas vezes a gente olha para uma pessoa, tipo meus alunos, às vezes eles me olham e falam “professor eu sei que a senhora está brava”, só de olhar eles já sabem, então eles entenderam a minha comunicação. Mas tem várias formas de comunicação no dia. No dia a dia vemos comunicação através dos livros, da TV, do celular. Essa internet de hoje em dia é comunicação espontânea o tempo todo. Tipo, eu tenho um filho em Portugal e eu falo com ele todos os dias como se ele tivesse dentro de casa, então a comunicação é muito fácil hoje em dia para lidarmos com a distância.

### **15- Quais relações a senhora estabelece entre comunicação e Educação, entre comunicar e educar?**

Essa é bem complexa né, porque se você tiver um diálogo agressivo com a criança, essa criança vai crescer agressiva. Então no educar e no comunicar você

tem que medir as palavras e o jeito para conversar com a pessoa que você está educando. Por exemplo, hoje mesmo eu me excedi ali e falei algo com uma criança, e eu mesma reconheço que errei e pensei “não posso fazer isso, estou comunicando da forma errada. Se eu quero fazê-la ser melhor, trazer para o meu lado, não posso chegar com agressividade.” Então é isso eu acho que também falta muito uma comunicação no ambiente familiar, porque se eu chego agressiva eu vou criar uma criança agressiva. Se eu sou mais calma para lidar, eu vou criar e educar uma criança mais calma. Eu acredito que a palavra tem um poder muito grande, então a forma de comunicar tem que ser bem-feita e andar na direção certa. Mas eu falo na forma de educar, não na forma de aprendizado. Quem educa é pai e mãe, mas chega crianças para nós que temos que fingir ser mãe dessa criança e mostrar para ele que ele está no caminho errado é só através do diálogo, da comunicação e das ações que essa criança vai ver que está no caminho errado.

#### **16- Pode ser que você fale, ensine e a criança não entenda, certo?**

Muitas vezes. Eu até estava falando há pouco tempo para eles “gente vocês precisam ter foco para aprenderem, vocês não tem foco” e eu acabei de falar e a conversa continuou, mas eu tentei, eu fiz a minha parte. Eles não querem aprender, mas precisamos tentar e numa desistir, se salvarmos um, pelo menos foi um.

#### **17- O que você vê sobre o enfoque que a pedagogia brasileira dá sobre comunicação e educação?**

Ultimamente eu tenho trabalhado mais no quadro, porque aqui na escola estamos apenas com uma lousa digital e um refletor. Mas eu gosto muito de trabalhar com equipamentos tecnológicos, e estamos muito invocados no celular, na internet, porque hoje em dia é tudo através do sistema. Há 5 anos era mais manual e hoje é através do sistema. Eu falo para os meninos que eles têm mais conhecimento sobre isso do que eu, então a gente precisa se adaptar a isso, a pedagogia precisa se adaptar a isso. Eu estou buscando conhecimento que eu achei que nunca ia precisar, como curso de informática. Então a pedagogia tem que se adaptar à comunicação que está no mundo hoje, porque não estamos mais limitados a livros e cadernos, hoje eles têm celulares, computadores em casa e eu até acho que isso tirou o foco deles nas salas de aula, porque se eu faço uma pergunta lá no quadro

eles nem se interessam porque sabem que podem chegar em casa e pegar a resposta na internet. Eles não têm conhecimento? Não, estão apenas copiando. Mas eles acham que isso é certo e não aprendem. Hoje estamos nessa fase aí do Twitter, Instagram, essas coisas e amanhã já temos outras, então a cada dia vemos uma mudança devido à internet. A comunicação na internet é muito ampla e o livro é limitado. Por isso eu acho que a comunicação melhorou em alguns aspectos e em outros até atrapalhou, porque a gente pede ao aluno para ler um livro e ele fala “não professor para que vou ler se tem na internet”. Quando eu estudei pedagogia não me ensinaram nada disso, mas eu não me prendo a isso e eu os ensino que não podem ficar muito livres na internet porque vão fazer só o que não presta, então eu mesma converso muito com eles sobre isso e faço produções de texto acima desse tema, de o que é favorável e o que não é dentro da internet, trabalho muito a comunicação com eles para eles não ficarem focados no que não presta.

#### **18- Então você explica sobre comunicação?**

Sim, e agora ganhamos alguns computadores para montar um laboratório de informática, daí vamos ter aulas diferenciadas através do sistema, essas coisas, mas ainda não está montado, estamos esperando achar um local.

#### **19- Quais as experiências práticas que a senhora tem dentro e fora da sala de aula sobre comunicação e educação?**

Penso que tudo depende do diálogo e das ações, porque não adianta nada eu ter um diálogo e não fazer esse diálogo acontecer, então através do diálogo que eu tenho com eles na sala de aula, eu busco também ser companheira fora da sala, eu deixo meu número com eles e se tiverem precisarem de alguma coisa podem entrar em contato, eu atendo aluno até nos domingos. É uma comunicação direta com eles o tempo todo para não perder a conexão e para que haja a educação. Por exemplo, eu trabalho com meu filho um tipo de Educação que eu quero que ele tenha e amanhã eu mudo o jeito, ele não vai ser o que eu quero, então não posso deixar isso acontecer. Com 16 anos de concurso é mais alguns anos de contrato aqui na escola eu tenho muitas alegrias e muitas decepções com meus ex-alunos, que eu tenho alunos que são médicos, que possuem uma carreira bonita, mas também tem muitos que não continuaram e até foram assassinados por viverem uma vida

bandida, e não acho que foi por falta de aviso ou falta de conselho, porque a gente tenta, mas eles não ouvem. Então, neste momento, neste ano, nós temos aí 10 alunos que estão dando muito trabalho para a escola. Muitas vezes a polícia precisa vir, mas são os alunos mais carentes e que não tem a presença da família. Então, com essa experiência, a gente leva isso para os outros para que não aconteça com eles também. Estou sempre tentando falar para eles - os menores, principalmente- e avisando e explicando sobre o que aconteceu e acontece. Eu sempre trabalho com exemplos, eu não tenho essa comunicação de falar e pronto, sem dar exemplos, porque vejo que fica mais claro para eles entenderem e eles ficam mais interessados e prestam mais atenção. Mas com os maiores, mesmo dando exemplo para eles, é como se fosse a mesma coisa de não falar nada, eles não se interessam, mas a gente não deixa de falar, acredito que um dia vai dar certo, não podemos desistir.

## **20- A senhoria acha que a forma de comunicar interfere na efetividade da educação?**

Acho que a forma de comunicar interfere muito na educação. Porque se eu chego na sala de aula e só passo as coisas no quadro e peço para copiarem, sem ter um diálogo, uma explicação, eles não vão aprender nada, é necessário ter uma relação entre o professor e o aluno e a comunicação tem que ser aberta, não adianta eu me fechar porque eles não terão aprendido, e não vai entender nada. E se eu vejo que o aluno não está entendendo eu mudo a forma para tentar fazer com que ele aprenda, por isso gosto de olhar os cadernos e prestar atenção neles.

## **Apêndice VIII - Entrevistado H**

A entrevista “H” é composta por 11 perguntas seguidas de suas respostas.

### **1- Qual sua história profissional e de vida de professor?**

Tenho 55 anos, sou divorciada, tenho um casal de filhos (filha de 34 e um filho de 32). Moro em Aparecida de Goiânia, mas morei em Tocantinópolis por 1 ano e meio, que foi o tempo que fiz magistério. A minha vida relacionada a vida de professor iniciou muito cedo, mas ela só se firmou um bom tempo depois. Eu fiz o magistério com um pouco mais de 18 anos e conclui o curso, mas não diplomei. Eu até estagiei, mas não diplomei. Tive que retornar a minha cidade natal. Eu cursei o



magistério em Tocantinópolis porque eu realmente queria fazer esse curso, era muito do meu interesse. E aí quando eu retornei para minha cidade, eu automaticamente voltei grávida, e nesse período eu me concentrei na criação da minha filha. Pouco tempo depois eu me casei e aí eu fui criar a família. Me preocupei somente com isso. E esse tempo de curso do magistério ficou parado. Como eu havia concluído o curso, estagiado, concluído tudo, mas não certificado, porque não enviei documentos e outras coisas, eu fiquei parada. Foi um momento muito conflituoso na minha vida. E do nada, minha filha já estava com cinco anos, eu encontrei uma professora do magistério em Goiânia, e ela era uma professora muito queria e ela gostava muito de mim. E eu fui e apresentei para ela minha dificuldade, o que havia acontecido e ela quis me ajudar. Ela me passou um telefone para eu dar andamento para pegar meu diploma. E eu fui concluir, peguei meu diploma e achei que estava tudo concluído, mas não estava. Foi um trâmite muito complicado, passou um período. Daí quando eu recebi eu vi que teria que quer retomar e ir para a faculdade, mas aí eu enfrentei outros problemas e protelei novamente. E quando minha filha já estava com seus 18 anos, prestes a entrar para a faculdade, o Marconi entra com a bolsa da OVG e vi uma oportunidade. Fiz um cursinho de seis meses, estudei, fiz o vestibular e passei. Foi quando eu entrei no curso de serviço social, que para mim era o mais viável no momento. Fiz, entrei, na católica, mas fiquei muito apertada, não estava conseguindo pagar, fiquei devendo um período. E depois eu fui me organizar e vi que poderia fazer o curso de letras na Unifan, e daí eu fui e ali entrei como portadora de diploma, transferi meu curso da católica para a Unifan e aproveitei algumas matérias. No curso de letras eu tive que parar por uns dois períodos por causa de falta de dinheiro, mas graças a Deus eu consegui e formei aos 42 anos. Quando eu estava no terceiro período eu consegui um serviço na prefeitura como auxiliar e eu consegui formar. Daí consegui um trabalho longe da minha casa, mas eu aceitei. Comecei em um único turno e depois de um pequeno período peguei dois turnos e por fim peguei mais um turno e fiquei trabalhando em três turnos. Em dois anos, para eu não perder meu contrato eu tive que pegar a língua inglesa, mas eu não queria, porque minha paixão era língua portuguesa. Mas eu peguei o inglês. E a partir do momento que eu aceitei, aquilo foi crescendo dentro de mim e foi me dando aptidão e hoje eu gosto muito, só dou aula de inglês, do primeiro ao nono ano.

## **2- Quais são as suas impressões da sociedade hoje em dia?**

Olha, eu sinto que os meninos estão como formigas, bem unidos e organizados, mas só de passar um traço entre elas, elas ficam desesperadas, e é assim que vejo os meninos depois dessa pandemia. Antes a gente enfrentava, havia conflitos educacionais como sempre existiu, mas os pós pandemia está muito severo, está muito sério. Parece que as pessoas estão tão perdidas, parece que perderam o foco das coisas. Os princípios, a noção do que é certo e do que é errado... os alunos não fazem as coisas só por rebeldia, parece que eles fazem para te desafiar, para saber até onde você vai. E é isso que estamos enfrentando, vários desafios. Depois da pandemia piorou drasticamente, e acho que são muitos fatores. Trazendo para a nossa realidade, aqui é um bairro periférico, que enfrenta muitos problemas familiares. Nós temos crianças que vem para cá sem almoço, sem tomar banho. E eu não sei se por isso fica pior ainda essa questão. As famílias parecem que sofreram uma degradação muito grande.

## **3- Quais as experiências que a senhora tem hoje em dia na sala de aula?**

Então, pós pandemia o desinteresse aumentou. Está mais difícil. Há um desinteresse feral. Os meninos estão mais apáticos, desinteressados e perdidos, você olha para eles e tem uma impressão de que eles viajaram anos luz, parece que viajaram para outro lugar, e ele não volta. E a maioria daqueles que estão ali, parece que estão só para bagunçar, porque estão sem foco.

## **4- O que sabe sobre comunicação?**

Comunicar é olho no olho, é falar na mesma língua. Eu trabalho com criança e com jovens, e a comunicação é uma via de mão dupla, no mesmo tom que eu falo eu quero receber. E a comunicação tem que acontecer dessa maneira. Com a criança você precisa usar uma estratégia infantil, já com adolescente você tem que usar uma comunicação mais ao caráter deles, como por exemplo, ser mais positivo, mais conciso, mais firme no que fala para eles. Na comunicação tem que haver uma conexão, então eu preciso me transportar para seu mundo para que você entre no meu, e eu acredito que a comunicação é assim, ela tem que ser assim. Eu acredito piamente que a comunicação precisa de uma conexão então por isso eu preciso me transportar para o mundo dele para conseguir comunicar com ele, isso é cultura,

comunicação é cultura. Todos nós nos comunicamos, seja com a língua culta ou com a popular, ou até com a vulgar, e a gente enfrenta muito disso na sala de aula, os meninos usam muitas palavras de baixo calão. Eles xingam o tempo todo. Por isso para comunicar com eles eu olho nos olhos deles, entro no mundo deles. Quando você vai falar com uma criança você tem que abaixar para ela olhar nos seus olhos e te entender, para ele te ver, te enxergar. E com o jovem e adultos é da mesma forma, tem que olhar nos olhos para conversar.

**5- Quais as relações que você estabelece entre comunicação e educação?**

Eu acho que não há um diferencial das duas na educação. Não tem como fazer uma sem a outra, na sala de aula. E como eu dou aula de inglês do primeiro ao nono ano, o conteúdo pode ser o mesmo, mas quando você adentra numa sala de aula, o acolhimento daquela sala pode ser melhor que o outro, e isso é transitório. Então o jeito de comunicar com cada sala é muito diferente, primeiro eu sempre início minhas aulas cumprimentando-os, observando o clima da sala, e dependendo do clima você já sabe o que fazer. É muito uma questão de experiência, porque você vai convivendo tanto com aquela realidade que você já sabe o que tem que fazer. Eu já interrompi aulas didáticas para falar de uma coisa nada a ver com o conteúdo porque naquele momento era necessário falar sobre aquilo. Eu não trabalho só a matéria, eu trabalho o aluno num todo e isso é educar. Até porque senão eles perdem o interesse. E o interessante são as nossas experiências de saber quando que o aluno precisa de uma conversa que não é relacionada com a matéria, e isso é comunicação. É tão gostosa essa relação, essa conexão.

**6- Desses alunos você tem relação com os pais?**

Não, muito pouco. Só quando a gente os chama e eles vem. Mas eu tenho pouca relação com os pais. Tem professores que tem, até porque tem muitos professores que são daqui da região, que conhece, que sabe, que conta história.

**7- O que a senhora sabe sobre o enfoque da pedagogia brasileira enfocar sobre comunicação e educação?**

Eu gosto muito do Piaget, Vygotsky... um defende que o meio gera o educar e o outro defende que o indivíduo já nasce com aquilo dentro dele, mas eu gosto muito de Vygotsky. Mas em relação à livros eu quase não uso, uso mais folhas e quadro. Para desenvolver a oralidade, desenvolver a comunicação entre um e outro. Já sobre o jeito de nos comunicar, a pedagogia nos coloca uma responsabilidade muito grande do jeito de falar, tipo o jeito de falar “não” para o aluno, é complicado, porque reprime ele, então até nisso a pedagogia explica. Ainda mais porque tenho alunos que são introspectivos, outros extrovertidos, então se eu não for didática não sou saber lidar com essas diferenças.

#### **8- Qual a sua experiência prática dentro da sala e fora da sala sobre comunicação e educação?**

Igual eu falei, para mim a comunicação e a educação estão juntas, e com a experiência que a gente vai ganhando, a gente vai vendo qual a melhor forma de comunicar para educar. Eu sou uma pessoa que sempre amei a leitura, então como eu sempre tive um alto nível de informações linguísticas, eu nunca tive muita dificuldade de me comunicar, a minha dificuldade era de ensinar. Quando eu iniciei com inglês eu posso trazer essa realidade, foi uma dificuldade tremenda, tinha dificuldade até de conter os alunos. Então a experiência te move, não basta ter apenas conhecimento e aptidão, precisa ter experiência e ter interesse, senão você não cresce. Eu sei que nesses anos eu tenho crescido e evoluído muito, tenho aprendido muito. Então essa comunicação só se efetiva com a experiência.

#### **9- Você disse que conversa com eles além da matéria, você já chegou a dizer sobre o perigo de conversar errado na internet e coisas do tipo?**

Sim, o tempo todo a gente fala do perigo da falta de informação. A internet pode ser um meio que te ajuda e as vezes ela pode até te Matar. Eu gosto de provocar a reflexão neles, porque essa modernidade faz com que eles não queiram pensar, queiram tudo pronto e eu não dou nada pronto, levanto questionamento, faço eles pensarem, porque eles não querem pensar. Eu quando era jovem lia muito, pensava tanto, e hoje vejo crianças tão fúteis, pensamentos tão sem sentido. Se eu desse aula de língua portuguesa eles estariam ferrados comigo - desculpa a

linguagem, mas eles usam essas palavras e a gente tem que usar também para fazer com que eles nos entendam.

#### **10- A senhora se atualiza constantemente? Cursos? Informática?**

Não, estou completamente parada em relação a isso, mas eu pretendo voltar a estudar porque não podemos parar. Eu estou pretendendo a fazer um mestrado, até estava pensando antes da pandemia.

#### **11-Você acha que a comunicação interfere na efetividade da educação?**

Com certeza, nossa, completamente. A forma como eu transmito a mensagem é de fundamental importância para a efetividade do conhecimento. Em cada sala eu tenho que transmitir de uma forma diferente. Nós professores lidamos com tantas mentes e que cada uma aprende um jeito diferente, e a gente tem que comunicar com todos para que todos possam aprender, então é muito complexo. O momento que meus alunos gostam muito na minha aula, é o momento da chamada, que é o momento que eu os vejo e enxergo um por um. Travo um atendimento pessoal naquele momento para detectar tudo que está acontecendo. E eles amam quando a gente realmente os observa, eles são muito carentes e se sentem melhores quando damos atenção, e é um jeito de entrar no mundo deles. Tem menino que eu olho, vejo que ele não está bem, faço uma brincadeira e ele melhora, presta mais atenção na aula. E eu gosto tanto dessa conexão, eu amo o que faço

### **Apêndice IX - Entrevistado I**

A entrevista "I" é composta por 31 perguntas seguidas de suas respostas.

#### **1- Há quanto tempo a senhora dá aula aqui?**

Aqui nessa escola vai fazer três anos. Porém, de sala de aula mesmo tem 20 anos.

#### **2- A senhora é daqui?**

Não, eu moro em Aparecida de Goiânia, desde sempre.

#### **3- Qual a sua história profissional e de vida de professor?**

Eu me tornei professor porque quando eu tinha praticamente uns 11, 12 anos, eu tinha muita dificuldade com leitura. Minha mãe não tinha condições de ficar conosco, com os filhos, porque trabalhava o dia inteiro. Então por isso, eu não era alfabetizada, tinha muita vergonha, muita dificuldade. E eu tinha muita vontade de aprender ler, escrever. Eu achava lindo as pessoas que tinham o hábito de ler, principalmente quando eu ia à igreja, achava lindo as meninas lendo. E isso me fez vontade, essa necessidade, porque também, na minha época, eu achava os professores muito rígidos, durões, frios, e eu queria ser diferenciada. E quando fui crescendo, aprendi a ler, escrever, participar de leitura na igreja que eu frequentava, eu fiz magistério, fiz letras e depois pedagogia. E eu amo o que faço. Eu gosto de estar com jovens, conviver com os adolescentes. Gosto de passar um pouco do que sei, o meu conhecimento. Essa questão de empatia pela profissão mesmo.

**4- A senhora é casada? Tem filhos?**

Sou casada e tenho duas filhas. As duas já são casadas.

**5- A senhora fez letras e pedagogia aqui em Goiânia mesmo?**

Sim!

**6- Quando a senhora terminou de estudar foi dar aula em quais escolas?**

Já trabalhei em tantas escolas. Goiânia, Aparecida, em várias escolas, CMEI, para o Estado.

**7- A senhora tem quantos anos?**

58 anos

**8- Já deu aula para outras turmas? Qual delas mais gosta de dar aula?**

Já, várias turmas. Mas gosto de trabalhar com adolescentes. Gosto de trabalhar também no EJA. Gosto de jovens.

**9- Por quê?**

Eles são críticos, porém são sinceros, não sei. Eu sou jovem (risos).

### **10- Quais as suas impressões da sociedade hoje em dia?**

Acho que nossos jovens estão com uma falta de estrutura familiar muito grande. Não tem muita estrutura. Eles não têm uma base. A sociedade perdeu essa base, essa estrutura. Eu percebo uma carência muito grande neles. Quando a gente chega eles abraçam, e isso eu percebo que é a falta da família. E principalmente esses jovens que eu tenho trabalhado, tem muita ansiedade, depressão, eles se mutilam, de uma forma que parece estar pedindo socorro. A maioria tem os pais separadas. Eles vêm para a escola com essa bagagem de querer atenção. E eu tento trabalhar isso com eles, esse lado de ser humano, de saber respeitar, a questão de amor. Não trabalho só a minha disciplina que é português, mas também trabalho outras coisas. Acho isso muito importante. Eu chego na sala de aula eu olho para cada um deles, eu sei quando eles estão com problema, pelo olhar. A gente passa a conhecer. Então gosto de trabalhar os valores com eles.

### **11- A senhora conhece os pais deles?**

Dessa escola eu não tive a oportunidade. Eu conheço só por falar no WhatsApp. Porque tivemos dois anos online e eu ia atrás dessa garotada aí conversando com os pais. Ia atrás da família para saber o que estava acontecendo.

### **12- Quando chama para reunião eles vem?**

A gente não tem acesso aos pais nas reuniões. Quando eles reúnem aí, é só lá com a coordenação. Nas outras escolas que eu trabalhava, a gente ficava junto dos pais, tinha reunião com os professores. Mas aqui não tem.

### **13- Após a pandemia, o que a senhora viu de diferença?**

Muita diferença. Os meninos que eram do sétimo, agora estão no nono. Eles voltaram grandões é totalmente sem limite. Sem direção. Voltaram com corpo de moça, de rapaz, mas não sei o que houve nesses dois anos na casa deles que fizeram eles voltar tão dispersos e perdidos. Acho que é porque antes eles tinham uma rotina, e com a pandemia eles ficaram sem direção. Mas estamos resgatando. Voltaram muito dispersos, algumas meninas voltaram sendo mãe.

### **14- E as experiências que a senhora tem em sala de aula?**

Por ser a disciplina de português eu entro todos os dias nas salas de aulas, e é muito conteúdo, muito mesmo, mas as vezes eu chego e percebo que eles estão assim, tão tristes, descrentes, e daí eu vou nos alunos que percebo isso, chego e converso. Mas é cada coisa que eu fico sabendo, que meu Deus... então eu tento ter um bom relacionamento com eles. Embora nem todos sejam assim.

**15- Mas a maioria está assim?**

Sim, a maioria é assim. É a crise deles, a fase deles.

**16- Eles têm mais ou menos quantos anos?**

Eles são bem atrasados, tem aluno de até dezoito anos. São grandões.

**17- Por que atrasa tanto?**

Alguns desistem e depois voltam e outros reprovam. Esses dias eu estava conversando com os meninos e eles falando “ah não, não sei por que estudar. Estudar para quê? Tudo que estudo aqui eu não levo nada para minha vida”. Então o pensamento deles é esse. Eles querem ganhar dinheiro e ter uma vida melhor, mas eles não acham que será o estudo que fará isso. Neste momento eles ainda não tem essa consciência, vem mais porque os pais obrigam, ou vem pelas amizades, e até pelo lanche. Aqui não estamos tendo recreio ainda devido a pandemia, mas eles saem, tomam água, dão uma volta, estão com os amigos, então eles gostam do ambiente escolar. Mas não são todos os alunos não, alguns a gente vê que vai fazer um ensino médio bem-feito, a gente vê pelas redações, pelo comportamento. Temos estudantes bons aqui. Tem alunos e estudantes, alunos são aqueles que vem, mas não querem nada com nada e tem os estudantes, que procuram, que querem aprender.

**18- Tem mais alunos ou estudantes?**

Tem mais alunos.

**19- O que é comunicação para a senhora?**



Para mim comunicação é tudo. É falar, é ouvir. Saber observar. Tem vários tipos de comunicação. A linguagem em si. Tudo isso é comunicação. É um todo. Você chega, vê que a pessoa não está bem só pelo olhar dela, isso é comunicação.

**20- Então para a senhora vai além do falar?**

Isso. É um todo. Observar, ouvir, olhar para a pessoa.

**21- Como é a sua comunicação em sala de aula?**

Cada ser é único, a sala não é homogênea, é heterogênea, então é uma mistura, cada um ali é de um jeito, cada um tem um tipo de ser. Tem que colocar no lugar do outro, ter empatia na hora de comunicar. Muitas das vezes, pelo fato de os meninos serem carentes, as vezes a gente quer comunicar algo e tem que ter uma maneira de falar correta, as vezes temos que usar uma linguagem mais informal para eles entenderem. O tempo todo tem que entrar no mundo deles, falar a linguagem deles, e eles gostam. As vezes solta uma gíria, fala uma besteirinha, brinca com eles, e eles amam, se soltam mais, se sentem à vontade. Eu gosto muito do que faço.

**22- Normalmente eles prestam atenção nas aulas?**

Nem sempre. Depende do dia deles. Tem dia que eles chegam e vai dormir. As vezes eles bebem muito no dia anterior daí eles chegam cansado e vão dormir. Muitos fumam, daí já chegam agitado. Eles trazem energético, daí tem que ficar brigando com eles. Mas tem dias que tem um bom rendimento. Então vai do dia deles. Agora mesmo estão na época de quadrilha, então eles ficam muito agitados, querendo sair da sala.

**23- A senhora da aula só com livros ou vai além?**

Não, eu nem gosto de usar livro. Estou usando nesses dias porque eu tenho que usar, mas gosto de passar seminários, apresentações. Gosto de trabalhar com literatura, livros literários, textos em xerox, crônica, redações.

**24- A senhora já trabalhou música ou algo diferente assim?**

Já. Mas eles não gostam, porque eles gostam de música do tipo deles, que é funk. Então não dá para levar música porque não chamam atenção deles. Mas estou pensando em trabalhar um filme na aula de artes com eles.

**25- Aulas em slides, Datashow e vídeo? A senhora já deu?**

Não dou aula em Data Show, eu tenho muita dificuldade com isso. Na outra escola eu usava, porque tinha um professor lá que montava para nós, agora aqui não. Nunca usei. Não sei mexer nisso.

**26- Mas a escola tem os recursos?**

A escola tem Tv, tem Datashow, lousa digital.

**27- Quais relações a senhora estabelece entre comunicação e educação?**

Tem que ter essa parceria. Acho que andam juntos. Agora estou com você aqui, nós estamos nos comunicando e nos relacionando, então acho que os dois andam juntos.

**28- Quando a senhora percebe que eles não entenderam o que está ensinando, a senhora muda o jeito de explicar, de comunicar?**

Eu gosto de usar eles próprios para explicar. Por exemplo, tem situações que o professor vai explicar e eles não estão entendendo, mas tem alunos que tem mais facilidade, então eu pego o aluno que entendeu e eu sei que vai falar a linguagem deles e peço para ele explicar, e eles entendem. Então eu uso essa interação. E caso nem assim eles entendam, eu me sento do lado e tento explicar de outra forma.

**29- O que a senhora sabe de a pedagogia enfocar em educação e comunicação?**

A lei das diretrizes é fundamental né, lá fala muita coisa. Também tem os grandes teóricos, Paulo Freire. Mas isso é só aprendendo na prática mesmo, porque cada um coloca no papel tudo bonito e muito fácil, mas na prática é outra coisa. E na prática que a gente aprende, no dia a dia.

### **30- Suas experiências na sala ou fora da sala sobre comunicação e educação?**

A gente vai aprimorando, melhorando. Com o tempo vai mudando. No início eu era muito rígida, meu jeito de comunicar com eles era mais rígido, mas com o tempo a gente vê que não adianta. Eu percebi com o tempo o tanto que é importante trabalhar com afeto, com sensibilidade. Não é só conteúdo, tem que trabalhar com a pessoa. As vezes os meninos gostam da disciplina pelo professor, e não gostam da disciplina se não gostam do professor. A gente tem que cativar eles, e assim eles gostam de você e começam a gostar da disciplina. Tem muita teoria linda aí, mas na prática é diferente. Por eu ser desse jeito eles gostam da aula. Tem que saber ouvir eles, observar eles. E é com a experiência que a gente entende isso. Principalmente porque eles são muito carentes, estamos vivendo uma sociedade doente mentalmente, o ser humano está doente, e as pessoas estão sem estrutura para lidar com os problemas. Tem umas mães que eu vejo andando aqui, que eu falo “meu Deus”.

### **31- O modo de comunicar interfere na educação?**

Com certeza, o tom de voz, a maneira que você fala, tudo isso interfere. Não é só você chegar e falar. O modo de comunicar na educação é fundamental. Você precisa saber comunicar com eles, ter esse contato, para dar certo.

### **Apêndice X - 1º Observação professor A**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 23 de agosto, turma 1º ano:

1. Oração no pátio da escola
2. Organização da turma nas cadeiras nas cadeiras enfileiradas com ajuda do professor

3. Leitura do alfabeto que está em cima do quadro (voz alta dos alunos)
4. Leitura das “palavras mágicas” (por favor, obrigado...)
5. Leitura do cabeçalho da escola + nome do professor + série
6. Conta de 1 a 60 (1 ao 20: participação total; 20 ao 30: metade da sala; 30 ao 60: poucos alunos)
7. Professor fala o dia e pergunta o mês (poucos sabem)
8. Frases no quadro para exercícios de leitura e fixação
9. Alguns alunos leem antes dela terminar de escrever
10. Professor pede para todos repetirem as palavras que está apontando no quadro e ajuda dizendo as primeiras sílabas
11. Voz sempre muito alta
12. Professor chama atenção dos que estão conversando e diz que vai apagar e ditar
13. Prof. falou as frases e repetiram
14. Lanche chegou
15. Crianças se dispersaram, levantam-se correndo para pegar lanche e o professor gritou para fazerem fila
16. Pausa para lancharem
17. Alguns trouxeram lanche de casa (poucos)
18. Ficaram interessados em mim e me encheram de perguntas
19. Professor pede silêncio gritando
20. Crianças pedem mais suco para o professor e ele grita dizendo que não tem

21. Após lanche professor pede para fazerem fila para irem ao banheiro e beber água
22. Depois de 15 minutos retornam do banheiro
23. Professor pede silêncio gritando novamente
24. Professor pede para repetirem frases do quadro novamente
25. Muitos estão conversando paralelamente e ela ameaça chamar um por um para ler, logo param de conversar e ela cruza os braços
26. Começam a ler todos juntos, prof. aponta a palavra e eles leem junto do professor, sílaba por sílaba
27. Estão todos lendo e prof. sorri e diz “muito bem”
28. Agora contam quantas letras cada palavra tem
29. Criança a intromete para ver quem tem suco
30. Professor o chama alto pelo nome
31. Agora professor pega os cadernos no armário da sala para entregar aos alunos
32. Enquanto isso as crianças brincam de bolinhas, tacam lápis para cima e professor briga e manda guardarem com voz alta
33. Crianças brigam para ver quem vai apagar o quadro, professor escolhe o que não tinha ido anteriormente. Crianças pedem para ajudar a entregar os cadernos
34. Alunos estão inquietos e professor fala para quem já estiver com os cadernos deve iniciar o cabeçalho sozinhos
35. Alunos andam pela sala pedindo lápis, apontador e até borracha - professor não diz nada
36. Muitos vão até o lixo apontarem os lápis antes de começarem
37. Professor escreve cabeçalho no quadro e de 1 a 12

38. Pergunta a eles como se escreve o nome da escola e poucos respondem
39. Estão conversando, alguns escrevendo em pé, alguns descalços
40. Demoram muito tempo para copiarem do quadro, ficam pensando, olhando para cima, para os lados
41. Se aquietam enquanto escrevem o cabeçalho
42. Um caderno de uma criança não foi encontrado e professor perde muito tempo procurando
43. Passa de mesa em mesa vendo se estão fazendo
44. Professor sempre espera todos terminarem de escrever para iniciar algo novamente
45. Criança vai até o professor levando o caderno para perguntar se está fazendo certo, professor não quis olhar, disse que vera todos os cadernos depois na hora de corrigir
46. Criança vai até o professor e pede para ela amarrar o seu cadarço, ela amarra
47. Ainda estão escrevendo o cabeçalho (muito tempo se passou)
48. Professor ameaça trocar de lugar alunos que estão conversando
49. Professor briga alguns que já escreveram as frases que estavam lendo no quadro (agora será outra atividade)
50. Estão todos conversando, e prof. grita "1,2,3 silêncio"
51. Param de conversar por alguns segundos e tudo começa novamente
52. Ela pede para apressarem e pergunta quem ainda está no cabeçalho
53. Algum tempo depois diz que não irá mais esperar e começa o ditado das palavras

54. A primeira palavra é bola, e muitos não sabem escrever, ficam se olhando, tentando ver o que o colega está escrevendo
55. Alguns tentam pedir para ele ir até eles para ajudar, mas ele diz que é para fazerem sozinhos e depois corrigirá
56. As palavras são ditas de 2 em 2 minutos mais ou menos
57. Mesmo assim eles ficam atrasados e se perdem
58. Professor grita as palavras já ditas novamente
59. Algumas crianças tanoam seus cadernos paras os colegas não enxergarem
60. Muita conversa confusa e paralela entre os alunos
61. Professor se confunde em qual palavra está e crianças a ajudam
62. No fim, ela pergunta número por número para as crianças dizerem a palavra ditada e poucas dizem
63. Agora ela pede para desenharem o que as palavras significam
64. Após algum tempo eles saem para ir ao teatro no pátio da escola

### **Apêndice XI - 2º Observação professor A**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 25 de agosto, turma 1º ano:

1. Oração
2. Organização dos alunos nas cadeiras
3. Musiquinha sobre Deus - borboletinha - sapo não lava o pé- galinha do vizinho - seu Lobato - a dona aranha (batem palmas cantando e todos participam)
4. Após cantarem professor pergunta quais animais foram citados na música e eles vão se lembrando e falando

5. Leem o alfabeto juntos, muitos confundem ao lerem rápido demais e professor lê devagar com eles, apontando o dedo nas letras que estão coladas acima do quadro branco
6. Pergunta quais palavras começam com a letra P, alguns acertam palavras e outros confundem dizendo palavras com B
7. Pergunta quais palavras começam com a letra Q, e muitos dizem
8. Prof. pergunta as palavras mágicas e eles repetem com ela
9. Pergunta o cabeçalho da escola, e eles repetem com ela
10. Pergunta o dia e só um aluno responde
11. Pergunta o mês e só um responde corretamente
12. Prof. diz que hoje é Dia do Soldado e pergunta o que ele faz, só um aluno (o mesmo que havia respondido anteriormente) responde (corretamente) e os outros ficam confusos sem parecer saber
13. Cantam a música “Marcha Soldado” juntos, em pé, e marchando. Prof. diz para colocarem mão direita na cabeça e os ensina qual é qual
14. Alguns reclamam que estão cansados e que querem sentar-se, professor briga dizendo que para isso eles não querem ficar em pé e em outros momentos querem
15. No meio da cantoria, um aluno pergunta se terão aula de educação física hoje e professor grita dizendo que não
16. Professor possui voz sempre alta para que os alunos o ouçam (sempre tem muita conversa paralela)
17. Lanche chegou
18. Enquanto comem, professor corrige cadernos
19. Ao terminarem de comer, alguns alunos pedem para apagar o quadro e professor deixa



20. Fazem fila para irem ao banheiro e beber água
21. Ao retornarem professor grita para fazerem silêncio, fica irritado com o barulho e explica a tarefa xerocada que agora irão fazer
22. É um desenho de um soldado em comemoração ao dia
23. Professor explica para colorirem direito e com cores “bonitas e legais”
24. Entrega as folhas nas mesas
25. Grita “1,2,3 silêncio” e eles param de conversar por um tempo e depois voltam
26. Primeiro é para preencherem o cabeçalho, professor diz
27. Um só aluno diz obrigado pela folha e ela diz por nada
28. Alguns perguntam como faz o cabeçalho, alguns escrevem certo, mas em lugar errado, ela manda corrigirem
29. Criança fica com prendedor preso no cabelo e pede ajuda para o professor, ela ajuda
30. Agora ela escreve o cabeçalho no quadro para eles verem se fizeram certo
31. Repete para fazerem com carinho e com capricho
32. Briga com alunos que estão andando na sala
33. Passa pelas mesas vendo se estão fazendo
34. Alguns fazem cantando a música do soldado e ele diz para não cantar agora, somente pintar
35. Algumas meninas perguntam se o soldado tem que ser homem, e ela diz que não, e explica que soldado pode ser homem ou mulher, e todas as profissões também
35. Professor faz chamada enquanto pintam o desenho

36. Prof. pergunta o que o soldado está fazendo no desenho e respondem que ele está marchando
37. Professor pede calmamente e voz baixa para levarem os cadernos de cada até a mesa dela
38. Alguns perguntam se ela mandou tarefa para casa, ficam confusos, mas levam o caderno
39. Professor corrige cadernos e chama a atenção com quem não fez a tarefa
40. Alunos conversam e professor chama a atenção
41. Muito tempo depois, alguns dizem ter terminado o desenho e levam até ela, ela diz para melhorarem e fazer mais caprichado
42. Termina de corrigir as tarefas e chama nome por nome para buscarem seus cadernos
43. Briga com quem não fez e diz que olhará no outro dia novamente
44. Continua brigando com quem não está pintando
45. Muitas crianças querem falar comigo, são curiosas e fazem muitas perguntas
46. Pintam bem devagar, vivem muito calmamente e sem rapidez, como se o mundo nunca fosse acabar
47. Falam de suas vidas para mim como se eu conhecesse todos de suas famílias, como se eu fosse conhecida deles
48. Professor diz que vai anotar o nome de quem está conversando
49. Crianças mostram a pintura e professor continua dizendo para eles melhorarem
50. Professor grita e diz para criarem frases sobre o exército
51. Muitos falam de uma vez só e ela grita para levantarem a mão para falar
52. Fazem frases e professor ajuda (o soldado é bonito, o soldado tem um carro...)

53. Poucos alunos formam as frases
54. Prof. diz para formarem frases e ela escreve no quadro
55. Pergunta como se escreve “bonito”
56. Eles vão tentando dizer
57. Muitos conversam e ela briga com eles
58. Ela fala sílaba por sílaba para eles dizerem as letras que deverão ser escritas
58. Professor escreve no quadro “o soldado macha” sem o R, de “marcha”
59. Entra na sala a coordenadora para avisar que no próximo dia não haverá aula, eles ficam em silêncio ouvindo, ela entrega um bilhete para ser entregue aos pais, eles recebem e dizem obrigado
60. Professor retoma que o bilhete deverá ser entregue aos pais
61. Continua escrevendo frases no quadro
62. Para de escrever para brigar com os meninos que estão conversando e para ver se estão escrevendo
63. Ajuda mesa por mesa quem está com mais dificuldade
64. Criança vai até o professor reclamar sobre colega, professor não dá atenção
65. Pede para fazerem linha com régua
66. Crianças trazem os desenhos até mim para ganharem elogios
67. Professor se irrita com conversa alta e meninos andando pela sala
68. Grita que estão muito atrasados
69. Continua escrevendo frases no quadro
70. Criança pede para ir beber água e ele fala alto “não, espera um pouco”, mas ele pede novamente e ele deixa “vai”

71. Crianças estão brincando de cartinha e professor vai até a cadeira, briga e se irrita com eles, manda eles copiarem o que está no quadro
72. Crianças estão com preguiça de copiar todas as frases, ela precisa passar de mesa em mesa reforçando e vendo se estão copiando
73. Professor diz que está com a garganta doendo por ter que expedir silêncio toda hora e eles diminuem a conversa
74. Continua pedindo silêncio e eles percebem que ela ficou brava e agora estão mais quietos
75. Criança chega em mim e diz “tia quando a senhora não está aqui esses meninos gritam tão alto que minha cabeça dói”
76. Apontam o lápis o tempo todo
77. Professor sai da sala por um tempo, crianças andam pela sala, implicam os outros, cantam funk, fofocam entre si, alguns vão até o quadro para lerem de perto o que está escrito
78. Professor fica na frente nas frases e criança pede para ela dar licença “por favor”
78. Agora após pintar e escrever as frases, professor quer que desenhem o soldado no caderno
79. Professor fala fila por fila, qual está bonita (de acordo com quem está em pé), fila que tinha meninos em pé ela disse que estava feia, fila com quem estavam todos sentados disse que estava bonita, e todos se sentaram
80. Reclama da demora de alguns que ainda estão pintando
81. Saio para ir embora e vários alunos se levantam para me abraçar e dizer tchau

### **Apêndice XII - 3º Observação professor A**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 29 de agosto, turma 1º ano:

1. Oração
2. Cheguei na sala e logo fui bem recebida pelos alunos, com abraços
3. Leituras
4. Enumerar até 50 com a ajuda do prof.
5. Alguns dizem que sabem contar mais que 50 e contam
6. Prof. pede para contarem quantos alunos vieram hoje, eles e confundem nas contas e a prof. briga, fala alto com eles
7. Pergunta quantas meninas e quantos meninos tem, para contarem
8. Pergunta o mês, só uma criança responde (a mesma que sempre responde)
9. Ela marca o dia no calendário e diz em voz alta
10. Pergunta o cabeçalho da escola, ninguém responde
11. Criança diz que só faltam 2 meses para seu aniversário e prof. nem responde
12. Pergunta como se escreve navio e escreve no quadro. Logo escreve outras palavras também
13. Lê as sílabas das palavras com eles
14. Pede para formarem frases com essas palavras
15. Crianças viram algumas frases, e outras repetem frases já ditas por colegas
16. Pergunta alguns alunos, um por um, alguma frase. Quando eles dizem, ela elogia com “muito bem”
17. Pede para levantarem as mãos para dizerem as frases pois está uma bagunça é muito barulho
18. Criança levanta a mão e se levanta de ansiedade esperando o professor deixá-la falar

19. Ela escreve as frases ditas no quadro, perguntando como se escreve, porém, já escrevendo
20. Crianças conversam paralelamente e algumas andam de um lado para outro
21. Uma criança reclama que o outro está comendo, prof. não diz nada
22. Ela lê as frases no quadro sílaba por sílaba e apontando com o pincel
23. Ela diz que agora é para lerem sozinhos, é só duas crianças leem, logo prof. briga com a turma por não estarem lendo
24. Um menininho interrompe a leitura de todos para ir até a prof. dizer que o colega estava pondo lápis na boca, ela pede para ele ir se sentar
25. Terminando a leitura prof. pede uma fila para levar ao banheiro e para beber água
26. Correm para retornar para a sala e prof. briga
27. Retornam aos seus lugares
28. Prof. apaga o quadro
29. Ela pega umas folhas dentro do armário e criança pede para entregar
30. Ela diz que a primeira coisa é o cabeçalho
31. Criança pega caderno e prof. manda guardar com voz grossa e alta
32. Pergunta como se escreve o nome dela e alguns dizem
33. Prof. pergunta quem sabe o nome completo é só alguns dizem que sabem
34. Passa de mesa em mesa vendo se estão fazendo
35. Uma criança não consegue e ela auxilia
36. Lanche chegou, fazem fila correndo para pegar
37. Ela pede para guardem a folha de atividade embaixo da mesa

38. Ficam conversando e comendo e prof. grita pedindo silêncio
39. Crianças comem conversando entre si
40. Alguma criança grita perguntando quem está gripado e várias levantam a mão dizendo que estão
41. Prof. diz que tem que usar a máscara, mas não está usando
42. Faz chamada enquanto comem
43. Entra outra prof. para aula de educação física a
44. Nova professor faz chamada
45. Criança vem até mim para conversar, puxa assunto
46. Prof. pergunta se todos terminaram de comer e da mais 5 minutos
47. Fazem fila para ir para a educação física
48. Brincam livremente em grupo e alguns ficam sentados
49. Retornar para a sala eufóricos
50. Criança vem até mim e elogia meus olhos
51. Me mostra seu brinquedo
52. Outra criança diz que foi seu aniversário
53. Voltam para a atividade da folha sem o prof. pedir, e ele briga com eles pondo a mão na cintura
54. Ela pede para aluno ler o primeiro texto e ele consegue
55. O texto é a letra de uma canção infantil
56. Prof. pede para circularem no texto todas as letras “p”
57. Pergunta o que mais além das palavras do texto começam com P

58. Briga com quem começou a colorir o desenho dizendo que primeiro é a atividade
59. Agora pede para contarem com quantos “p” o texto tem
60. Muitos erram, então prof. diz a resposta
61. Está tendo muita conversa paralela
62. Vai de mesa em mesa
63. Lê a questão com eles rapidamente e diz a resposta, sem antes perguntar
64. Criança não consegue escrever e prof. escreve a palavra no quadro
65. Próxima questão é contar quantas palavras tem no texto, eles contam e se confundem
66. Criança vem até mim pedindo ajuda para escrever e diz que não sabe
67. Prof. briga com quem se levanta para ir até ele mostrar
68. Criança grita querendo atenção
69. Passa de mesa em mesa e parece sem paciência
70. Criança vem até mim dizendo que perdeu a garrafinha e o pai vai brigar, queria orientação sobre o que fazer, digo para falar com o professor e ela não vai
71. Muita conversa paralela
72. Diz que quem terminou pode colorir o desenho
73. Passa de mesa em mesa falando para corrigirem os erros e elogia de quem está certo
74. Senta na sua cadeira e chama alguns para tomar leitura e corrigir a tarefa de casa
75. Criança aparenta muito triste e não conversa, não se enturma e não faz tarefa



76. Pede para desenharem o que está no texto após colorirem o que já está na atividade

77. Duas crianças vão ao banheiro e demoram, prof. manda outra criança para ir atrás e quando chegam fica perguntando o porquê de estarem demorando, faz perguntas com a voz grossa e brigando, as crianças padecem com medo

78. Prof., depois de muito tempo, vai até o aluno que estava triste desde o início da aula e pergunta o porquê, logo ele chora dizendo que sua garrafinha de água ficou com seu irmão e agora não tinha como beber água, ela tenta resolver o problema, mas logo vai embora

79. Criança vem até mim, pedir que eu a ajude a procurar sua garrafa de água e que não pode falar para o professor porque ela iria brigar com a criança

#### **Apêndice XIII - 4º Observação professor D**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 1 de setembro, turma 4º ano:

1. Prof. chega na sala e já estão sentados em silêncio
2. Prof. pede para criança guardar figurinhas com voz calma, ela guarda
3. Os cadernos já estão em mesa abertos
4. Prof. me explica que as vezes está com o celular na mão porque tem um grupo entre as professoras dos 3 quartos anos, onde compartilham as atividades
5. Escreve o cabeçalho no quadro
6. Conversam entre si baixinho
7. Criança tosse e prof. pergunta se ela quer ir beber água
8. Prof. explica o que irão fazer
9. Escreve um poema no quadro e pergunta como se faz “linha embaixo de...”, respondem juntos “linha”.

10. Escreve o poema e eles copiam em silêncio
11. Passa de mesa em mesa vendo a caligrafia e pedindo para corrigirem de acordo com a margem da folha
12. Toda hora alguma prof. bate na porta para pedir algo, entregar ou mostrar algo
13. Crianças ficam me olhando de vez em quando, mas não se interessam muito
14. Tem um aluno com deficiência e ele vai até ele, puxar assunto enquanto os meninos copiam o poema. Muito gentil, curioso e atencioso ao falar com ele. Esse aluno tem um professor acompanhante.
15. Agora após o poema, as crianças perguntam se podem desenhar e ela deixa
16. Faz chamada
17. Pergunta de terminaram e pede para colocarem o caderno de caligrafia na mesa dela
18. Ela corrige o poema de cada caderno
19. Enquanto isso as crianças conversam baixinho
20. Prof. corrige os cadernos olhando para a turma e percebe que tem um aluno com dificuldade de enxergar o quadro, então pergunta se ele quer sentar-se mais à frente para copiar
21. Agora pede para pegarem caderno de português
22. Ela passa de mesa em mesa e pede para quem está atrasado acelerar, com voz calma e normal
23. Agora pede para pararem o que estão fazendo para lerem o poema juntos
24. Prof. lê calmamente e voz normal, frase por frase e eles repetem
25. Agora ela avisa que farão correção da prova de português e pede para escreverem o cabeçalho primeiro

26. Alunos sempre muito quietinhos
27. Escreve no quadro sem rapidez, texto e questões
28. Criança não entende uma palavra, ela pergunta e prof. responde
29. Maioria são questões objetivas
30. Criança pergunta o que é a palavra tchau, e prof. explica o que é e como se escreve
31. Lanche chegou
32. Pede para, porém o material de baixo da mesa
33. Fazem fila para pegar o lanche
34. Prof. fala para olharem a sala e diz que está limpinha, assim não devem sujar
35. Eles lancham e o que é de lixo eles jogam no lixo
36. Até no lanche são quietinhos
37. Conversam lanchando, porém, baixinho
38. Prof. passa entregando balinha um por um e eles agradecem
39. Criança pede para ir ao banheiro e ela deixa
49. Outra pede para encher a garrafa e ela deixa
50. Mais uma pede ela e diz para esperar outro voltar
51. Enquanto copiam a prof. recorta folha Camex
52. Chama atenção de um aluno conversando sem copiar
53. Diz para ir de 2 em 2 ao banheiro por fila
54. Chama atenção na maior parte do tempo de 2 alunos que não fazem a tarefa e conversam muito

55. Prof. pergunta se estão lembrando de agradecer quando recebem o lanche
56. Crianças pedem repetição de lanche
57. Criança pergunta se é para pular linha e professor responde.

#### **Apêndice XIV - 5° Observação professor D**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 2 de setembro, turma 4° ano:

1. Oração
2. Organização nas cadeiras
3. Prof. chega
4. Aluna veio me elogiar e puxar assunto
5. Professor vai até o aluno com deficiência e conversa com ele com muita atenção e carinho
6. Prof. pergunta um aluno porque ele estava faltando e conversam sobre
7. Conversa com a turma toda sobre não poderem ficar faltando
8. Ela escreve no quadro o cabeçalho
9. Sala silenciosa
10. Alunos ficam me olhando e sorrindo
11. Prof. escreve poema no quadro
12. Alunos copiam no caderno de caligrafia
13. Um aluno diz sobre a árvore do poema ser a árvore preferida de sua mãe (ipê amarelo), prof. responde sem muito interesse
14. Prof. diz “linha embaixo de...” e eles completam “linha”

15. Aluno não entende a palavra que está no quadro e prof. vai até sua mesa para ver qual é
16. Continua escrevendo
17. Passa de mesa em mesa vendo se estão fazendo certo e pede para corrigirem erros de caligrafia
18. Aluno está com lápis ruim e prof. percebe e busca um novo para ele copiar
19. Continua passando de mesa em mesa
20. Continua escrevendo o poema no quadro
21. Termina o poema, e enquanto copiam em silêncio ela faz chamada
22. Prof. pede para quem terminou levar o caderno para a mesa dela e pegarem o caderno da próxima aula que será português
23. Aluna pergunta para o professor se é português mesmo, pois hoje seria ciências
24. Professor responde que na verdade melhor começarem com matemática
25. Ela apaga o poema e começa a escrever problemas matemáticos de multiplicação no quadro
26. Criança pede para ir ao banheiro e ela deixa
27. Continua escrevendo no quadro
28. O mesmo aluno retorna para a sala e depois de um tempo pede para ir encher a garrafa de água e ela diz que quando sair uma vez já precisa encher a garrafa e ir ao banheiro, porém ela o deixa ir
29. Continua escrevendo no quadro
30. Passa de mesa em mesa olhando
31. Criança copiou tudo errado e ela pega borracha e apaga o que está em seu caderno, sem aparentar brava, faz com carinho e explica que toda vez explica como

faz, mas ele não presta atenção e para ir para o quinto ano precisa saber copiar do quadro

32. Enquanto ainda copiam ela dá visto nos cadernos de caligrafia

33. Entrega caderno mesa por mesa

34. Vê aluno que está muito atrasado e diz para ir mais rápido, voz normal

35. Diz para quem terminar já ir respondendo

36. Aluno fica com dúvida na escrita e prof. vai até a mesa para ajudar

37. Em pouco tempo, só 1 aluna diz que terminou e já respondeu

38. Criança que está muito atrasada pede para ir ao banheiro e ela diz para ir, mas retornar rápido

39. Retornando do a banheiro ele bate na porta para entrar e as crianças da sala se animam pensando ser o lanche, se decepcionam quando percebem que não é

40. Criança comenta que a questão 2 é difícil, outro dia que é fácil

41. Aluno terminou e prof. diz para ele fazer a tabuada no caderno enquanto os outros estão fazendo

42. Criança pergunta o prof. o que será o lanche, prof. conversa com ela e pergunta se está com fome, se almoçou, ela diz que não almoçou porque não deu tempo

43. Logo o lanche chegou

44. Aluna derruba comida no chão e professor não briga, diz que acontece e pede para que busque a vassoura para ele varrer

45. Criança trouxe um saco de pirulito e distribuiu um para cada coleguinha

46. Criança trouxe esquine e distribuiu para quem queria

47. As crianças se relacionam bem e são gentis umas com as outras

48. Após manchar chupam pirulito que ganharam do colega, o pirulito é em formato de beijo e com tinta, então fazem piadinhas sem gritaria e em tom de voz normal e até o professor entra na brincadeira enquanto lancham
49. Prof. pergunta a todos o que devem dizer ao colega que deu o pirulito e eles dizem juntos “obrigado”
50. Aluna leva chiclete para o professor e ele agradece
51. Prof. pede para agilizarem a tarefa e muitos ainda estão copiando do quadro, outros já copiaram e responderam
52. Crianças que já terminaram a tarefa conversam em tom de voz baixo entre si
53. Prof. pede silêncio com tom de voz normal, e explica que quem terminou, ao conversarem eles atrapalham quem ainda não terminou e eles a respeitam
54. Prof. espera todos terminarem e fica perguntando nome por nome para se atualizar de quem ainda está fazendo, enquanto isso fica na porta conversando com outra professora do lado
55. Passa de mesa em mesa vendo e falando para corrigirem erros de caligrafia
56. Sala silenciosa, uns chupam pirulito, outros copiam, outros respondem as questões
57. Aluna sente dúvida em como responder e professor vai na mesa ajudá-la
58. Aluna pede para ir ao banheiro de novo e ela percebe que ela só quer sair para “passear” então não deixa, mas explica o porquê
59. Prof. chama a atenção para que agora possam ler o poema do quadro juntos
60. Ela lê calmamente linha por linha e eles repetem
61. Diz para olharem para o quadro e explica que não adianta repetirem sem saber o que estão lendo
62. Eles prestam mais atenção e repetem até mais alto

63. Faz perguntas sobre o poema após lerem, explica sobre e eles aparentemente compreendem
64. Interage com eles sobre o tema do poema
65. Agora ela começa a responder as questões de matemática no quadro com eles
66. Ela lê a questão é pergunta se é de divisão ou multiplicação, eles acertam
67. Ela inicia a conta e vai perguntando as multiplicações e eles vão respondendo juntos
68. Não conseguem responder a tabuada muito bem, somente alguns
69. Poucos alunos se destacam nas respostas da tabuada e até dizem que é simples
70. Ela continua lendo a questão, calmamente e ressaltando as palavras principais para entenderem
71. Chega professor de inglês e ela vai embora

#### **Apêndice XV - 6º Observação professor D**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 5 de setembro, turma 4º ano:

1. Oração
2. Organização da sala
3. Prof da boa tarde
4. Explica que está calor e quando mais bagunça mais calor fica e eles ficam quietos
5. Explica que hoje não iniciarão a aula com caligrafia, e sim farão um poema sozinhos em casa com tema livre, então ela escrevera no quadro o que é um poema e como se faz. Pede para pegarem o caderno de português.



6. Explica novamente que agora as chamadas são lançadas no sistema e não podem faltar muito porque senão podem bombar
7. Ela escreve o cabeçalho e a sala está em silêncio
8. Prof. pergunta porque aluno está mudando de lugar, ele explica que esqueceu os óculos e não está conseguindo ver o quadro, daí deixa ele mudar de lugar e explica que não podem mudar de lugar sem ela deixar
9. Escreve no quadro enquanto copiam
10. Aluno vai até o quadro para perguntar qual a palavra escrita, e ela diz o que é (palavra “poein”)
11. Sala silenciosa e alunos copiando
12. Outro aluno vai até o quadro perguntar o que está escrito, ela diz “verbo”
13. Passa de mesa em mesa vendo se estão escrevendo certo, ela diz quando está faltando letra, quando estão dando mais espaço do que deveria, quando fazem mais parágrafos do que é
14. Ela escreve no quadro o que é poema, verso, estrofe e rimas
15. Logo escreve um poema de Vinicius de Moraes
16. Ao escrever o poema explica que agora está escrevendo o poema e que agora é linha embaixo de linha
17. Diz que quando encher o quadro irá apagar a primeira parte
18. Criança pede para ir ao banheiro e ela pergunta se dá para esperar, ele diz que sim
19. Escreve a pergunta no quadro
20. Ela pede para pararem de escrever um pouco para ela ler e explicar o que está no quadro

21. Ela lê devagar e calmamente, exaltando as palavras principais para dar entendimento
22. Ela lê e explica
23. Explica apontando o poema
24. Diz o que é estrofe e diz para contarem quantas tem no poema do quadro
25. Explica o que é rima e dá um exemplo de acordo com o poema que escreveu no quadro
26. Agora explica que é a vez deles de fazer em casa, e quem não fizer ficará sem educação física
27. Ela explica que não aceitará poema escrito sem ser linha embaixo de linha, e só com 3 linhas, diz para fazerem em casa e não dentro do ônibus, no fim diz que o importante é tentarem fazer
28. Agora estão pedindo para ir ao banheiro e ela diz que vai liberar de 2 em 2 por fila
29. Libera para ir ao banheiro enquanto os outros ainda copiam
30. Faz chamada
31. Lanche chegou
32. Fazem fila para pegar o lanche
33. Chega uma mulher e pede para o professor ir com ela 20 minutinhos e outra fica no lugar
34. Prof. sai e meninos continuam lanchando
35. Conversam enquanto lancham, porém, baixinho
36. Passa um tempo sem o professor e crianças andam de um lado para o outro e conversam mais alto

37. Prof. retorna depois de 18 minutos e diz que estava escolhendo os livros do quarto ano do ano que vem
38. Alguns ainda copiam, mas o professor já chama aluno por aluno para entregar o livro que será usado agora
39. Termina de entregar e pergunta qual página pararam, alguns alunos dizem “33”
40. Alguns alunos dizem que já fizeram a 34 e 35
41. Prof. fica sem entender, mas espera mais tempo até todos terminarem de copiar do quadro
42. Aluno demoram muito para copiarem
43. Prof. chama atenção de alguns que estão mais atrasados, chama atenção do que estão parados, olhando para cima ou para os lados e até mesmo brincando com o lápis
44. Quem termina diz “terminei”
45. Pede para responderem as páginas 34 e 35 do livro de matemática que entregou, não explica nada ainda, só pedem para fazerem sozinhos
46. Sala em silêncio
47. Aluno foi até ela mostrar que havia terminado e ela diz que agorinha irá corrigir com eles
48. Aluna derruba água e pede o professor para ir buscar um pano, o professor deixa e pede para trazer o rodo também
49. Crianças conversam um pouco entre si sobre a atividade do livro de matemática, querem se ajudar
50. Após um tempo passa de mesa e mesa vendo como estão
51. Criança chega com pano e o professor vai limpar a água derramada

52. Escuto professor falando com o professor acompanhante do menininho com deficiência sobre outro aluno, cujo a mãe quer retirá-lo da escola
53. Aluno pergunta se adição é “mais” e prof. pergunta carinhosamente “se deu branco”, e diz que adição é adicionar, daí ele se lembra que é mais.
54. Aproveita que limpou a água derrubada e limpa a sala toda enquanto ainda respondem as questões
55. Aluno pede para ir ao banheiro de novo e ela nega, que ele foi há pouco tempo então só poderá ir depois de um tempo
56. Ela apaga o quadro
57. Duas crianças pedem para não apagar, ela ainda está copiando o poema da aula de português, enquanto o resto está fazendo matemática
58. Professor pergunta se corrigiram até a página 30 e a maioria confirma
59. Prof. começa a ler a questão e dá ênfase quando lê o número do problema, escreve o número do quadro, pergunta se é adição, subtração, e eles dizem “subtração”, e então fazem a conta juntos, bem devagar
60. A maioria da turma participa das perguntas que o prof. faz durante a explicação da questão
61. Prof. vai para a próxima questão
62. A maioria continua participando das perguntas que ela faz
63. Quando o prof. dá a resposta alguns dizem “acertei”
64. Próxima conta, pergunta se é adição ou subtração, dizem “subtração” e falam qual deve ser a conta
65. Fazem a conta juntos
66. Ao terminar a conta ela diz que ao responderem não devem por somente o número, e sim a resposta completa (“709 pessoas deixaram de ir ao festival”)

67. Passa em algumas mesas e vê que não estão colocando número embaixo de número e pede para colocarem e explica que se não colocar, não dará para entender

68. Lê a próxima questão

69. Vai escrevendo no quadro os números e eles vão ajudando dizendo e fazendo a conta juntos

70. Alguns erram as contas por confundir adição e subtração, então ela explica que quando precisa saber o total é soma, e quando é a diferença é subtração

71. Próxima questão é um problema e diz para discutir com os colegas e professor qual a resposta, quando a prof. lê, todos ficam em silêncio sem saber a resposta e todos riem

72. Prof. diz que só o colega está fazendo, porque só ele falou

73. Briga com aluno que está contando quantas carteiras estão na sala enquanto ela está explicando a matéria, diz que ele está disperso e não vai aprender

74. Continua corrigindo as questões de matemática, mas agora são questões de adição. Ele explica que quando se diz em adição é adicionar, então pergunta se é mais ou menos e alguns respondem “mais”

75. Professor lê a questão e pede para olharem no livro de enquanto ele lê para saberem o número, pois disse que na prova alunos erraram como se escrevia o número

76. Aluna pede para ir ao banheiro

77. Depois que ela retorna outro aluno pede para ir

78. Escreve as contas no quadro explicando o que é dezena de milhar, unidade de milhar etc.

79. Pergunta aluna que ainda está na tarefa do poema de português se ela terminou e até agora não terminou

80. Começaram a conversar assuntos que não é da tarefa e professor diz para pararem, que não é para entrar em assunto que não é sobre a tarefa

81. Continua corrigindo as tarefas, mas agora poucos alunos estão participando

82. Muitos alunos estão olhando para o lado perdidos, mastigando chiclete e já não estão prestando atenção como antes.

### **Apêndice XVI - 7º Observação professor I**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 8 de setembro, turma 8º ano:

1. Quando cheguei gritaram e ficaram me olhando.
2. Estão conversando e falando que beberam e usaram muita droga ontem (feriado de 7 de setembro).
3. Prof. entra na sala e conversa com alguns da frente e pergunta como estão, porque alguns faltaram na terça.
4. Alunos estão caçoando de um ao outro e conversando alto.
5. Prof. pergunta se fizeram tarefa e eles perguntam qual tarefa, sem saber.
6. Professor pede para levantar a mão quem fez a tarefa e 4 levantam, então pergunta. por que não fizeram e ficaram falando que estavam bebendo
7. Tudo muito rápido, ela entrega uma tarefa em folha.
8. Dois colegas fazem dupla sem a permissão do professor para fazer tarefa, ela não briga, mas manda andar logo porque a aula acaba “agorinha”.
9. Conversa muito alta e paralela na sala.
10. Aluno pede para ir ao banheiro e ela deixa.
11. Ela passa na mesa dos 4 alunos que fizeram a tarefa para visitar.

12. Passa por uma menina e diz que não quer saber dela não fazendo tarefa, com voz normal, porém carinhosa.
13. Alguns alunos mexem no celular sem o professor ver.
14. Alunos conversam enquanto a professor passa vistando as tarefas de casa, vai fazer tarefa.
15. Conversa muito alta entre os alunos, e professor anal briga.
16. Aluno está de fone de ouvido sem fio.
17. Professor ri e conversa com os alunos da frente.
18. Aluno pede para ir ao banheiro, e ela diz para fazer a tarefa para ir, mas daí ela deixa pedindo para ele prometer que vai fazer a tarefa.
19. Outro aluno fala mal o que vai ao banheiro de “veado” e ele retruca “veado é seu pai”.
20. Prof. pergunta aluna se a irmã dela estuda aqui e continua uma conversa mais íntima com ela.
21. Elogia a produção textual dessa mesma menina na frente das colegas, carinhosamente.
22. Muita conversa alta e professor diz que agora vai para o quadro.
23. Faz chamada primeiro.
24. Poucos alunos estão fazendo a tarefa da folha, maioria está conversando entre si ou mexendo no celular.
25. Em quem faltou ela pergunta se sabem da pessoa.
26. Não pede para fazerem silêncio, mas de vez em quando diz o nome de algum aluno que está conversando muito alto e diz “aluno, tarefa”.
27. Quando diz o nome de quem está faltando muito, fala em voz alta o porquê acha que faltou “acho que a filhinha está doente”.

28. Não estão fazendo a tarefa que ela passou, somente conversando.
29. Professor pergunta quem terminou a folha e diz para copiar só quadro agora, voz normal, mesmo não dando para ouvir muito bem devido ao grande barulho das conversas dos alunos (ninguém diz nada).
30. Começa a escrever no quadro, inicia escrevendo “bom dia, sejam todos bem-vindo, 08/09/22 - língua portuguesa”.
31. Só uma aluna de máscara.
32. Escreve “reflexão” no quadro e pergunta se uma aluna quer fazer, ela acha que está brigando com ela, mas não está, só quer que ela faça a reflexão do dia, então a aluna grita “não”.
33. Aluno do fundo pergunta sobre a tarefa, mas ela não escuta, ele grita e pergunta de novo, e ela responde.
34. Escreve uma frase de reflexão no quadro, enquanto isso, ninguém está copiando, alguns brincando, outros andando pela sala.
35. Agora ela grita e pede para virarem para frente, diz para prestarem atenção mesmo quem não terminou a tarefa da folha, senão ficarão atrasados. Então pede para pegarem o caderno para copiarem o que está no quadro.
36. Menina está dormindo com cabeça baixa e prof. vai até sua mesa conversar com ela.
37. Alunos tacam objetos no outro e prof. briga com voz normal, diz que está impossível de dar aula com esse aluno, diz para parar e ainda usa “meu bem”.
38. Acertou uma menina e ela briga brava, xinga e taca de volta com muita força, e o professor não diz nada. Aluna diz que professor não diz nada, e daí ele fala rápido e grosso, porém voz baixa que está cansado de falar sobre respeito e educação todos os dias e ninguém melhora, diz que tem tarefa para fazer e copiar e eles que não querem fazer, então a conversa diminui na sala.



39. Prof. está escrevendo no quadro as vozes do verbo, primeiro com a explicação de o que são as vozes do verbo.
40. Alguns alunos copiam, mas muitos do conversam e riem entre si.
41. Sem professor pedir, diminuem a conversa.
42. Aluna ri muito alto e outros caçoam dela.
43. Alunos continuam mexendo no celular enquanto professor enche o quadro de informações.
44. Professor diz que vai pedir aluna para se retirar da sala, diz que ninguém merece, ela abre a porta e grita a moça de fora que deve ser da coordenação para conversar com a aluna que só fica conversando alto e rindo alto, professor pergunta porque ela tá fazendo isso na aula dela, gritando tanto e sem fazer tarefa, então ela grita para os colegas perguntando se ela está atrapalhando e todos começam a gritar barulhos estranhos, zoando ela, então ela sai da sala pra coordenação
45. Prof. diz que passara todo o conteúdo e depois explicará.
46. Aluna pergunta se ela corrigirá a tarefa da folha e ela diz que sim, mas só depois porque estão atrasados no conteúdo e muitos ainda nem fizeram a tarefa passada anteriormente.
47. A conversa diminui um pouco depois que a aluna foi retirada da sala, mas ainda conversam sobre assuntos que não tem a ver com a aula.
48. Prof. enche o quadro e pergunta quem ainda está na atividade da folha, somente 3 pessoas levantam a mão, o resto não responde, mas tem alguns que estão com fone de ouvido sem fio.
49. Então ela diz que agora irá explicar o que está no quadro, eles fazem silêncio para ouvir.
50. Retoma o que falaram na última aula (orações) e pergunta se está tudo bem com essa parte e se tem dúvida, alguns dizem que está tudo bem e o resto não responde

51. Ela fala baixo e calmante e começa lendo a reflexão no quadro e reflete a frase que está escrita, os alunos escutam.

52. Prof. diz que precisam ler, porque ter esse hábito ajuda muito, elogia as meninas que tem o costume de ler.

53. Termina de refletir, mas não pergunta nada a eles, não os escuta sobre a reflexão.

54. Começa a explicar as vozes do verbo, diz sobre a voz ativa e dá exemplo de o que é a voz ativa e logo passa para a voz passiva, tudo muito rápido, enquanto isso alguns copiam do quadro, e mexem no celular.

55. Aluno grita que a aula acabou no meio de sua explicação, e ela pergunta se é verdade e eles dizem que sim, então a outra professor já está na porta e ele pega suas coisas e já sai.

#### **Apêndice XVII - 8° Observação professor I**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 8 de setembro, turma 9° ano B:

1. Professor chega e conversa com alguns alunos mesa por mesa

2. Tem muita conversa alta

3. Uma só menina me pergunta quem sou e eu explico

4. Prof. pede para alunos se sentarem

5. Prof. diz que precisa conversar com eles e eles param de conversar, diz que estão muito teimosos e os professores não estão aguentando, pede por favor para eles tentarem fazer menos barulho, depois diz quem sou e pede para eu falar um pouco de mim para os alunos

6. Me apresento

7. Alunos pedem para ir beber água e ir ao banheiro, então ela deixa alguns, e pergunta a uma aluna se eles estão saindo toda aula para passear e diz para não mentir, então a aluna diz que sim

8. Prof. pede pra, porém o caderno em cima das mesas que passará visitando a tarefa
9. Muito conversa muito alta
10. Aluna abraça o professor e ela abarca e faz carinho nela
11. Prof. briga com eles dizendo que fala todos os dias sobre o projeto que a escola fará e eles nunca escutam
12. Enquanto ela explica sobre o projeto dois alunos brigam por causa de um copo, e ela pede silêncio com voz normal “aluno tal, silêncio”
13. Ela continua explicando o projeto e o barulho na sala diminui
14. Diz que terá prêmio no projeto e aluno pergunta se é um iPhone e diz que só participará se for
15. Ela não responde e diz que vai vistar as tarefas, porém se senta em sua cadeira e diz que fará chamada
16. Alunos voltam a conversar muito alto e andar pela sala
17. Repete o pedido de pegarem os cadernos e colocarem em cima da mesa para ela vistar, alguns pegam
18. Ele faz a chamada gritando, para que possa escutar, já que a conversa na sala está muito alta
19. Alunos mexem no celular
20. Chamada foi interrompida pela entrada de uma outra professor na sala que conversou com ela
21. Ela retoma a chamada
22. Aluno faz piada e até o professor ri
23. Continua chamada

24. Pede aluno para sentar-se “por favor”
26. Continua chamada
27. Pede outro aluno para sentar-se “por favor”
28. Prof. se pergunta baixinho porque será que a aluna que é “boa” está faltando e diz que os teimosos estão todo dia aqui, então eles escutam e falam “é assim, tia?” Ela continua a chamada
29. Alunas da frente conversam com o professor e ela conversa e fica rindo, enquanto isso os outros estão conversando muito alto, rindo e mexendo no celular
30. Aluno derruba água e pede para pegar água, outro aluno diz “olha a estratégia dela pra sair da sala”
31. Aluno fica gritando “olha o lanche”, como se tivesse chegado, mas não chegou
32. Professor só está olhando para os alunos ainda, não começou nada
33. Aluna pede para ir ao banheiro e lá deixa
34. Escreve no quadro “bom dia - sejam bem-vindos - 08/09/22” - língua portuguesa” e alunos conversam e andam pela sala
35. Ela começa a pedir para sentarem e grudarem o celular “por favor meu amor”
36. Diz que será correção
37. Alunos se sentam e conversam mais baixo
38. Aluna pinta a unha com corretivo
39. Diz que não passará reflexão hoje porque não iniciará conteúdo, só vai corrigir a tarefa
40. Diz “letra a” e pede silêncio e ajuda
41. Pede aluno para ler a questão, ele lê baixinho enquanto outros alunos brincam com folha de papel e aviãozinho

42. Professor está dando aula só para 3 pessoas da frente
43. Pede outro aluno para ler a próxima questão e agradece
44. Diz para corrigirem em seus cadernos
45. Pergunta quais foram as suas respostas, citando os nomes de quem ela quer que responda
46. Os alunos estão mexendo no celular, brincando e conversando, não estão prestando atenção na correção e nem corrigindo
47. Professor diz que não dá conta de continuar e interrompe a correção, explica que se conversarem baixo ela deixa, mas muito alto não consegue nem tirar a dúvida de quem quer aprender, usa voz baixa e calma
48. A conversa diminui e ela continua a correção. Pede aluna para ler a pergunta
49. Ela pergunta qual a resposta e 2 alunos respondem, ela diz “muito bem”
50. Continuam conversando baixo, mas não dá para escutar o professor
51. Alguns estão calados copiando as repostas, porém não participam da aula
52. Professor senta e lê baixinho, a questão, diz que não escrevera no quadro mais
53. Continua a correção e aluna a interrompe pedindo para ir beber água
54. Diz que não ficará “me mantando” no quadro enquanto eles conversam tão alto
55. Os alunos da frente estão copiando e participando da aula
56. Aluno está quase dormindo e ela diz para ele ir ao banheiro lavar o rosto
57. Professor fica olhando para os alunos sentada, sem dizer nada, parece cansada
58. Um aluno vai até o professor conversar com ela, conversam baixinho enquanto a sala toda está conversando alto
59. Professor parou a correção porque ninguém queria participar e estavam conversando muito alto

60. Outra aluna vai até o professor conversar com ela

61. Professor pede para prestarem atenção um pouco nela, e explica que ficará sentada olhando pra eles porque não ficará se matando e dando aula pra ninguém, diz que essa turma é a mais agitada, diz que não consegue lutar para conversar contra tantas vozes, diz com voz triste e baixa, diz que está muito magoada com essa sala, porque não querem melhorar, não querem prestar atenção, diz que tem carinho por eles mas vê que a maioria bem sabe escrever direito, e diz muitas outras coisas. Diz que não tem empatia, não coloca no lugar do professor

62. Enquanto prof. se abre para eles, eles ficam em silêncio, mas alguns estão mexendo no celular

63. Alguns alunos riem do professor enquanto ela fala

64. Agora está mais silêncio

65. Passa alguns minutinhos que o professor se abriu brigando com eles e voltaram a conversar alto

66. Professor diz para mim que as turmas estão muito complicadas de dar aula porque estão muito agitadas e pede desculpa

67. aula termina

### **Apêndice XVIII - 9º Observação professor I**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 12 de setembro, turma 8º ano:

1. Prof. diz bom dia e ninguém responde, estão lanchando e tem muita conversa

2. Pede para se sentarem por gentileza, voz baixa e andando pela sala cumprimentando, abraçando e perguntando se estão bem

3. Aluna diz que sentiu saudade dela na sexta por que ela não veio por atestado médico

4. Alunos me pergunta se vou estudar aqui agora, digo que não, somente assistirei a aula hoje
5. Alguns conversam com o professor
6. Professor diz que quando se acalmarem um pouco ela irá conversar com todos
7. Diz nome de aluno e pede por favor (para se calar e se sentar)
8. Prof. elogia cabelo novo de aluna
9. Só mais um aluno está em pé e ela grita com ele para ele se sentar
10. Diz “vamos lá” e ainda estão conversando, mas agora sentados
11. Prof. diz que quando eles se calarem que é “difícil” ela falará sobre sexta que não veio
12. Ela explica que o professora substituta passou um texto com perguntas no quadro e pergunta quem copiou
13. Alguns dizem que copiou, mas não respondeu
14. Aluna explica que não veio na última aula porque foi tirar sangue
15. Professor pede para eu me apresentar, me apresento e eles escutam em silêncio
16. Professor pede para mostrarem que são lindos e disciplinados porque anotarei tudo
17. Alunos voltam a ficar em pé e andar pela sala, conversando muito
18. Professor pede aluna para apagar o quadro e ela vai
19. Alunos de outra sala vem na janela da sala conversar com os alunos, ele canta um pedaço de uma música de funk, professor briga e manda ele voltar para a sala dele
20. Prof. continua perguntando quem fez a tarefa da aula passada, mas a sala está desorientada

21. Ela passa de mesa em mesa perguntando, desta vez
22. Professor solta um grito pedindo para guardarem o celular
23. Alguns alunos estão com fome de ouvido sem fio
24. Professor diz “ou” em voz alta e diz que está explicando para os colegas e precisa que “calem a boca”
25. A todo tempo diz o nome de algum aluno e diz “por favor” (pedindo que fiquem mais quietos)
26. Estão completamente inquietos
27. Quem não tinha feito a tarefa ela pediu para copiar do colega
28. Ao passar por cada um perguntando ela vai até a frente da sala e pergunta mais uma vez se tem mais alguém e um só aluno diz ainda não tem de quem copiar, ela diz para ele “acordar” porque já até passou por ele e ele não tinha dito nada, então ela pega uma folha e entrega para ele copiar
29. A todo tempo fala com eles com palavras carinhosas, até na hora de brigar
30. Alunos brincam com a folha da atividade e prof. briga dizendo que vai recolher e ficarão sem tarefa
31. Professor passa até um aluno com fone de ouvido e pergunta se ele fez “você copiou amorzinho”, ele tira o fone para escutar e dá atenção para ela. Não briga pelo fone de ouvido e nem pede para retirar
32. Agora ela diz que fará chamada da aula de sexta e de hoje
33. Aluna pede ajuda para responder as questões que copiou na sexta e a professor vai na mesa dela para explicar, ela explica e do exemplo
34. Briga com menino que não para de conversar e diz que lê era “tão de boa, o que aconteceu?”
35. Aluna me pergunta quantos anos tenho e se vou vir mais vezes



36. Professor pergunta de aluna que nunca apareceu e os meninos dizem que ela se mudou
37. Os alunos que não vieram ela pergunta se sabem deles
38. Possuem 2 trios de meninos sentados juntos sem o professor ter pedido, mas ela não brigou ou pediu para desfazer, o resto está sentado em fileira
39. Continua fazendo chamada
40. Os alunos em trio conversam muito e ela diz que se não fizerem a tarefa irá separar eles
41. Professor diz para colocarem os cadernos sobre as mesas porque passará dando visto nos cadernos
42. Aluno dá um grito dizendo “não” e ela pede “um tempo” para ele
43. Prof. começa a passar de mesa em mesa
44. Ela analisa a tarefa de aluno e diz que está incompleta
45. Aluno pergunta o que seria “ideia principal” e ele diz que já falou tanto sobre isso, e não explica
46. Continua dando vistos
47. Aluno diz que sentiu dúvida e ela diz que vai corrigir no quadro
48. Alunos estão sentados, porém conversando muito
49. Passa por uma aluna, vista a tarefa, analisa e diz “parabéns meu amor”
50. Alguns alunos estão com fone de ouvido com fio também
51. Muitos alunos nem estão com caderno aberto e ele briga pedindo para abrirem logo, aluna diz “oxi”
52. Aluno chama o professor e ela pede um minuto e agorinha irá lá

53. Aluna me pergunta se eu namoro, digo que sim e tanto contar assunto, mas ela se junta com mais dois alunos e me fazem algumas outras perguntas, eu respondo o mais curto possível
54. Aluno anda pela sala e ela pede para ele se sentar
55. Aluno sai de lugar e se senta ao contrário na mesa e ela diz para ele ir para seu lugar
56. Aluno pede para ir ao banheiro e prof. deixa, porém outra aluna o vê lá fora e diz que ele está no sétimo ano conversando com outros alunos, professor não faz nada
57. Ela termina de passar de mesa em mesa dando visto e diz “vamos lá”
58. Aluna diz que ela não viu o dela, então ela pede desculpa e vista
59. Alguns alunos ficam me encarando
60. Agora professor diz “vamos lá, para tudo aí e olha pra cá”
61. Alunos continuam conversando, mas ela continua explicando que agora irá colocar no quadro as questões com respostas da aula de sexta
62. Alunos continuam conversando e parece que nem tem professor em sala
63. Professor escreve no quadro “bom dia, sejam bem-vindos - 12/09/22 - língua portuguesa e seu nome”
64. Alunos estão andando pela sala enquanto prof. escreve no quadro
65. Alunos escutam música, conversam entre si, andam pela sala
66. Aluna me diz que a sala está bem quieta por eu estar aqui hoje
67. Professor grita pedindo silêncio e diz para copiarem
68. Professor escreve “reflexão” no quadro e coloca uma frase
69. Algumas poucas pessoas estão copiando e o resto não
70. A sala tem muitos chicletes pregados no teto

71. Aluno pergunta se vai só para o meu trabalho ou se o que eu anoto também vai para o Jornal
72. Professor termina de escrever reflexão no quadro e grita pedindo para aluno se sentar
73. Todos estão conversando
74. Ela anda pela sala recolhendo as tarefas que ela emprestou para copiarem
75. Diz para quem não fez a tarefa é para trazer amanhã respondida
76. Aula acabou e nem deu tempo de fazer correção no quadro, só escreveu a reflexão
77. Ela diz em voz alta para todos que quem não respondeu ainda é para responder

#### **Apêndice XIX - 10° Observação professor I**

As observações foram colocadas em ordem numérica por sinalizar a ordem cronológica das ações e falas observadas no dia 12 de setembro, turma 9° ano:

1. Entro na sala, e várias pessoas me olham e dizem que sou “linda”, ficam muito curiosos e me encham de perguntas
2. Várias meninas ficam me encarando e dizem que sou muito bonita, querem saber se vou ser a nova aluna
3. Eles estão conversando, mas não tanto, e nem estão andando muito pela sala
4. O professor diz bom dia e conversa com eles
5. Alguém tacou uma bolinha de papel nas minhas costas, eu não falei nada
6. Depois de um tempo ela me pede para eu me apresentar
7. Eu me apresento e digo que estou fazendo uma pesquisa da relação do professor com aluno e eles dizem que esse professor é o mais legal
8. Aluna pede meu Instagram e digo que não posso passar

9. Terá uma apresentação de artes na escola e ela diz que precisam ensaiar para se apresentarem
10. Os alunos ficam felizes e começam a andar pela sala e falar alto
11. Colocam música na caixinha de som para começarem a ensaiar
12. Professor conversa com eles, e ajuda eles a começarem a ensaiar
13. Alguns gritam
14. Tem alguns sentados e professor chama para irem lá para frente, mas não querem, se recusam e ficam sentados quietos
15. Professor sorri e diz “de dois em dois” e pergunta qual a música preferem no dia
16. Colocam um funk pesado na caixinha de som e professor briga e começa a ficar nervosa, pede para quem não for ensaiar se sentar
17. Alunos começam a dançar funk e prof. diz que essa música não
18. Eles tiram a música depois de um tempo
19. Estão se perguntando qual música conhecem para colocar, e prof. pede para resolverem logo senão não dá tempo
20. Colocam uma música de eletrônico e professor deixa, então eles dançam em dupla, tipo quadrilha
21. Professor fica olhando em pé, mas parece não dar muito certo, está desorganizado e não tem ninguém para arrumar
22. Prof. conversa com aluno e pergunta porque ele não quer participar
23. Alguns alunos que estão sentados me encaram
24. Trocaram de música
25. Aluno tenta sair da sala e prof. grita seu nome e acena com a mão um “não”

26. Professor grita e se irrita “não está dando certo”, manda se sentarem em seus lugares, pede para quem usa com celular, guardarem

27. Alunos dizem que estava legal, outros dizem que estava horrível e que não sabem fazer nem um desfile e diz palavrões

28. Prof. tenta explicar que isso

Também é aula e que eles precisam levar aulas divertidas a sério também

29. Aluna diz que na sala não tem como ensaiar porque é pequeno

30. Ela diz que eles não levam a sério é que o projeto é muito interessante e diferente e pede para levarem a sério

31. Diz que vai pegar os nomes de quem realmente vai levar a sério e se apresentar para ela poder levar para a quadra na próxima aula para ensaiarem

32. Professor começa a entregar um folheto de mesa por mesa

33. Diz para colarem no caderno

34. Aluna pede para beber água e ela deixa

35. Aluno está conversando muito alto e pede para ele fazer silêncio gritando

36. Ela explica para todos que precisam colar a folha no caderno, e deixar espaço para responderem, e um espaço para desenharem

37. Tem duas duplas na sala e na frente 4 pessoas estão juntas

38. Mesmo após eu me apresentar, um aluno me perguntou por que estou aqui

39. Alunos conversam de uma festa “da putaria” na casa de uma colega, enquanto professor ainda entrega os folhetos com a atividade

40. Alunos não estão colando no caderno e professor grita pedindo para ouvirem que precisam colar essa atividade no caderno e para responderem, ela explica que é para escreverem sobre os personagens, e pergunta quem ainda tem dúvida, a aluna

diz “eu” e ela pergunta qual, então ela diz “não escutei”, sendo que a sala estava quase e silêncio

41. Aluno taca estojo no outro, professor não diz nada

42. Estão conversando muito

43. Professor diz com voz calma 3 e baixa “gente, tem tarefa”

44. Aluna diz que não entendeu o que é para fazer, professor diz que ela está com preguiça de ler a questão

45. Aluno pede para ir ao banheiro e ela o deixa ir, mas avisa que agora só vai deixar se estiverem fazendo a tarefa

46. Aluno pergunta o que é para fazer e professor se irrita e diz “você não cala essa sua boca”, porém explica de novo com voz calma

47. Aluna chama o professor e ele vai até ela para explicar de novo a tarefa

48. Professor pega aluno e sai da sala com ele, não consegui escutar o que aconteceu

49. Alguns estão fazendo a tarefa, mas alguns estão conversando sobre uma festa de som automotivo que terá em Hidrolândia

50. Aluna diz que não quer vir mais para a escola, professor vai até ela conversar com ela, não consigo escutar muito bem, os outros estão conversando muito

51. A aluna diz que está muito triste, só quer ficar no quarto, e professor diz que vai melhorar “porque ela não é assim”

52. Logo o professor sai e vai para o fundão da sala ver se estão fazendo a tarefa, mas muitos ainda nem colocam o folhetim que ela havia solicitado

53. Ainda tem aluno que não sabe o que é para fazer

54. Professor está perdendo a paciência e muitos estão conversando

55. Ela diz alguns nomes e diz “vamos fazer, vamos”

56. Professor diz para andarem logo que a aula está acabando
57. Ele passa em algumas mesas e vê que aluno está fazendo a tarefa e diz “que gracinha”. Conversa com ele, procura saber por que está faltando tanto
58. Quase ninguém está fazendo a tarefa, só conversando, ou em pé
59. Algum aluno falou algo muito alto e xingou o outro de maconheiro, mas o professor nem prestou atenção, está conversando com um aluno
60. Aluna que disse que estava muito triste anteriormente vai até o professor e dá um abraço nele
61. Uma outra professor vem até a porta e chama o professor, ela diz que vai sair e volta daqui a pouco
62. Alunos continuam conversando
63. Aluna pergunta se alguém sabe quem são esses personagens que estão na atividade e eles começam a conversar sobre desenhos
64. Professor retorna e pede silêncio e diz “psiu” e começa a falar que não terá prova e as notas serão as atividades com vistos no caderno, é que precisam fazer, e explica que aqui nessa sala já tem um aluno que vai reprovar porque nunca vem na aula e não faz atividade
65. Diz que a aula acabou, mas que é para fazerem essa atividade
66. Alunos estão conversando muito ainda
67. Ela diz tchau em inglês e “até amanhã”
68. Aluna pergunta se vou embora já, digo que sim, ela diz que eu poderia ficar mais
69. Professor pede para tirarmos uma foto juntos, e alguns topam, então a gente tirou uma selfie
70. Saímos da sala e fui embora

## **Apêndice XX - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), do Projeto de Pesquisa sob o título “Comunicação como ciência básica tardia”, pesquisa registrada na PUC-Goiás e na UFG. Meu nome é Maísa Martins de Araújo, sou graduanda em Jornalismo da PUC-Goiás, bolsista PIBIC de Iniciação Científica e orientada pelo professor Luiz Signates, Pesquisador Produtividade 2 do CNPq; Doutor em Ciências da Comunicação (USP); docente do PPG Comunicação (UFG) e do PPG Ciências da Religião (PUC-Goiás). Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em todas as folhas e em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável através do número 62 98630-3000, ligações a cobrar (se necessárias) ou através do e-mail signates@gmail.com. Residente Rua X-40, Q. 182, L. 2, Casa 1/2 - Santa Luzia – Aparecida de Goiânia.

**Pesquisadores:** Luiz Signates e Maísa Martins.

O motivo que nos traz até você é o desenvolvimento de uma pesquisa exploratória sobre a prática pedagógica do ensino das diferentes ciências básicas aplicadas nas escolas de ensino básico, no Brasil, a fim de identificar os parâmetros teóricos, conceituais e pedagógicos que, já em circulação nos ambientes educacionais diversos, possam significar a presença de elementos comunicacionais nas práticas pedagógicas brasileiras. Trata-se, pois, de uma pesquisa na área de interface entre a comunicação e a educação, cuja hipótese central é compreender as condições de possibilidade de perceber até que ponto o conhecimento em comunicação deve ser visto como básico para a educação atualmente.

Para este trabalho, planejamos acionar dois instrumentos de pesquisa, no procedimento de coleta de dados: entrevistas qualitativas semiestruturadas em profundidade, com os profissionais de ensino; e, em seguida, a técnica observação não participante de sala de aula. Este trabalho de coleta de dados está previsto para durar até dois meses (abril e maio/2022), conforme as condições de disponibilidade dos sujeitos participantes.



**Riscos:** A presente pesquisa não representa qualquer risco pessoal ou profissional para os participantes. Caso ocorra algum sentimento de transtorno emocional, constrangimento ou desconforto, estamos preparados para alterar e adequar as condições de coleta, a fim de eliminar esses eventuais distúrbios.

**Benefícios:** Esta pesquisa poderá trazer como benefícios o melhor conhecimento dos processos comunicacionais que são tematizados ou acionados nas práticas pedagógicas do ensino fundamental e básico, bem como seus resultados poderão servir ocasionalmente de base para que professores e instituições possam fazer avançar suas estratégias comunicacionais nos ambientes pedagógicos.

Os sujeitos participantes desta pesquisa não serão nominados, nem identificados nos relatórios e nos trabalhos que se seguirem, ficando, portanto, assegurados o sigilo e a privacidade. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá qualquer penalização ou prejuízo.

Você poderá também solicitar a retirada parcial ou total dos dados que forneceu à pesquisa a qualquer momento, podendo, por qualquer razão, deixar de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados serão guardados por, no mínimo, 5 anos e, após esse período, serão apagados e tornados indisponíveis. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pleitear indenização.

Os resultados deste trabalho, sob a forma de artigos científicos ou livros, terão cópias encaminhadas a todos os participantes, como forma de devolutiva de conhecimento e, também, como modo de dar completo acesso a todos os resultados da pesquisa feita.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo. Adicionalmente, em qualquer etapa do estudo você terá acesso ao pesquisador responsável ou à sua equipe, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

## **DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR**

O pesquisador responsável por este estudo e sua equipe de pesquisa declara que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa; que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

### **DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE**

Eu \_\_\_\_\_,  
abaixo assinado, discuti com a Maísa Martins de Araújo e/ou sua equipe sobre a minha decisão em participar como voluntário (a) do estudo “Comunicação como ciência básica tardia”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia integral e gratuita por danos diretos, imediatos ou tardios, quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiânia, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do participante

---

Assinatura do pesquisador